

**LUCIANA FERREIRA CARDOSO**

**OS SIGNIFICADOS DE SER FONOAUDIÓLOGO: ESTUDO DE CASO COM  
FONOAUDIÓLOGAS QUE ATUAM EM FLORIANÓPOLIS**

**Prof. Dra. Suely Grosseman  
Orientadora**

**FLORIANÓPOLIS**

**2007**

**LUCIANA FERREIRA CARDOSO**

**OS SIGNIFICADOS DE SER FONOAUDIÓLOGO: ESTUDO DE CASO COM  
FONOAUDIÓLOGAS QUE ATUAM EM FLORIANÓPOLIS**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Curso de Mestrado em Ciências Médicas,  
da Universidade Federal de Santa  
Catarina, para obtenção do título de  
Mestre em Ciências Médicas.**

**Prof. Dra. Suely Grosseman  
Orientadora**

**FLORIANÓPOLIS**

**2007**

**DEDICATÓRIA**

Dedico às pessoas que me amam e estiveram ao meu lado, acreditando na minha força de vontade. Dedico à minha família, aos meus amigos e professores, e, em especial, à minha avó-mãe, ***Zeilinha da Costa Cardoso***, referência de mulher à frente do seu tempo, que com firmeza e amor me ensinou que estudar seria a decisão mais sábia de minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Ao **Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina**, na pessoa de seu Diretor, Prof<sup>o</sup> Dr. **Carlos Alberto Justo da Silva**, por me compreender e sempre estar aberto para discutir questões fonoaudiológicas e, por ter sido meu grande mestre nas aulas ministradas no mestrado. Descobri com essa convivência que nunca estou errada, e que a verdade não existe, podemos no máximo, estar inadequados. Obrigado pela lição;

Ao **Programa de Pós-Graduação em ciências médicas**, na pessoa de seu Coordenador, Prof<sup>a</sup> **Márcia Margaret Menezes Pizzichini** e de seus colaboradores, **Ivo e Simone**, pela recepção e atenção;

A **Suely Grosseman**, orientadora e amiga, agradeço pelas idéias, convicções, paciência e firmeza, sem você este projeto não seria possível. Foi muito bom conhecê-la melhor;

A **Zuleica Maria Patrício**, membro da Banca Examinadora, por ser um exemplo de pesquisadora e por aceitar avaliar este estudo;

A **Maria Isís Marinho Meira**, que se dispôs a sair de sua rotina de trabalho para avaliar este estudo. Fiquei extremamente feliz por poder contar com suas colaborações e lisonjeada com sua presença;

A **Clarice Bissani**, pela amizade e confiança, e por ser o modelo de professora que tenho como referência, todas as vezes que me envolvo com práticas pedagógicas. Agradeço também por ter aceitado fazer parte da Banca Examinadora deste estudo;

Aos **Amigos do mestrado, Geder, Aninha, Eliane, Rúbia, Luiz Paulo, Fernanda**. Foi muito boa nossa convivência, vou sentir falta daqueles momentos em sala de aula;

A todas as **Pedras-Cristais: Ágata Azul, Ágata Laranja, Ágata Rosa, Ágata Verde, Amazonita, Carneol, Citrino, Cristal, Esmeralda, Hematita, Jaspe, Pirita, Quartzo Rosa, Sodalita e Turquesa**, fonoaudiólogas que, como eu, sentem orgulho da profissão e, não se imaginam fazendo outra atividade. Obrigado a todas, sem vocês este trabalho não teria saído do mundo das idéias, agradeço de coração a disposição e a oportunidade de conhecê-las melhor;

A **Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL**; em especial a **Laudelino José Sardá**, primeira pessoa a acreditar em mim como professora do Curso de Cinema, a **Peter Lorenzo**, que efetivamente me fez colocar as idéias em prática e a **Luciano Bitencourt**, que percebeu que, além do Curso de Cinema, a Fonoaudiologia seria de suma importância para todos os Cursos de Comunicação da UNISUL, e a **Cláudia**, que me fez estudar um pouco mais ao propor o desafio

de lecionar para o Curso de Design. A todos vocês meu agradecimento especial e saibam que têm em mim uma amiga, que os respeita pela visão empreendedora e pelo incentivo;

À **Equipe do Serviço de Neonatologia da Maternidade do HU/UFSC**, técnicos, neonatologistas, enfermeiras, e em especial ao **Maninho, Roberta Costa, Gugu, Betânia, Luciana, Anelise e Jocélia**, pela compreensão das minhas ausências durante esse período crescimento da Fonoaudiologia no Hospital Universitário e bem como meu crescimento pessoal;

À **equipe de fonoaudiólogas do Laboratório de Estudos da Voz e Audição do Hospital Universitário, Madalena, Carla, Débora, Francine e Adriana** pela compreensão e incentivo durante toda a trajetória deste projeto, por entender meu cansaço e desânimo, pelas palavras de consolo, na hora do desespero;

A **Anderson e Fabiani**, bolsistas do Laboratório de Estudos da Voz e Audição do HU, por entender meu estresse e não dar importância para minhas alucinações durante este período;

A **Luigi Cutolo**, amigo e meu primeiro orientador, bem no início dessa jornada no mestrado.

A **Mara Suzana Behlau**, pelas palavras carinhosas, pelo incentivo e pela disponibilização e busca de materiais bibliográficos;

A **Fernanda Assuiti e Victor Presídio Cardoso Pinto**, pelo apoio logístico ao buscar materiais nas bibliotecas das universidades de São Paulo, e enviá-los para mim;

A **Luiz Marcato, Tina, Yolanda e André**, por colocarem a minha disposição sua casa, sua intimidade cotidiana, montando um verdadeiro escritório, durante minhas férias, para dar continuidade e terminar este trabalho;

A **Juliano Assuiti**, pelo incentivo ao lembrar-me todas as vezes que falávamos ao telefone, que estava fazendo o mestrado e precisava terminar a dissertação;

Aos amigos do **Armazém do Córrego: Jorginho, Luiz, Ana, Cláudio, João, Neco, Eduardo, Odete, Pardal, Giba, Isabel, Lincoln, Jucimara**. Vocês foram, sem saber, a minha terapia de grupo, graças as nossas “discussões inúteis” durante as noites em que estivemos juntos. Mantive-me saudável o suficiente para poder terminar esta dissertação, e não ter um “enfarto fascinante” ou ficar “traumatizada”, como diria o “filósofo Jorginho”;

A **Narcisa Amboni**, pelo incentivo e ajuda na revisão estrutural desta dissertação;

A **Mônica Trindade**, pela revisão ortográfica e as palavras de incentivo;

Aos meus pais, **Joanilson José Cardoso e Maria José Ferreira**, por terem me dado à vida e sentirem orgulho de mim;

A **Carlos Assuiti**, companheiro, namorado, amigo, pela paciência e compreensão dedicado nos momentos de angústia;

A **Gabriela Assuiti**, filha e amiga, que soube com maturidade perceber o quanto eu a amo apesar das ausências e da falta de paciência com suas necessidades adolescentes, durante o transcorrer desse projeto;

A **Ruilda Loss Porto**, por me incluir em sua família e me dar o que todo ser humano quer e necessita, amor e carinho, sem cobranças e a **Ilmara Alice Loss Porto** (*in memoriam*), por ser minha irmã, amiga, cúmplice e comadre. Pena que durou tão pouco nossa convivência nesse mundo, mas até hoje sinto sua presença comigo, nos momentos que mais preciso, obrigado por ter passado por aqui e ter sido minha melhor e única amiga;

A **Bibi**, por ser minha verdadeira companheira de luta e trabalho, aquecendo meus pés, todas as noites, durante o processo de autoria desta dissertação, e por me amar mesmo tendo sido esquecida na veterinária, durante dois dias de “ferveção cerebral”, para terminar essa dissertação ;

A **Deus** pelo Dom da vida e pela força constante.

*“Isto sabemos. Todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Tudo o que acontece com a Terra, acontece com os filhos e filhas da Terra. O homem não tece a teia da vida; ele é apenas um fio. Tudo o que faz à teia, ele faz a si mesmo”. (Ted Perry)*

## RESUMO

O objetivo deste estudo foi compreender, junto a profissionais fonoaudiólogos, os significados de ser fonoaudiólogo e a satisfação com o trabalho. O método utilizado foi o qualitativo, tipo de estudo de casos múltiplos, guiados por princípios do referencial do Cuidado Holístico-Ecológico. Foram entrevistadas 15 fonoaudiólogas que atuam em Florianópolis, com mais de dez anos de formação. As entrevistadas estão satisfeitas com a escolha profissional, reconhecem-se como fonoaudiólogas e não se imaginam exercendo outro tipo de atividade profissional, pois existe um certo “encantamento” pela profissão. Três aspectos que fazem parte da realidade de trabalho são sentidos por muitas delas: busca pelo reconhecimento, baixa remuneração, falta de união como classe trabalhadora. Pôde-se perceber que o profissional da fonoaudiologia ainda precisa conquistar uma inserção social. Sugere-se que a formação acadêmica destes profissionais inclua aspectos relacionados à administração e, também, que os fonoaudiólogos realizem estudos que possibilitem compreender melhor o ser humano, a sua saúde e qualidade de vida, sob os aspectos da saúde fonoaudiológica e da saúde do trabalhador. Sugere-se também que o fonoaudiólogo avalie, junto com outros profissionais da área de comunicação, aspectos das mudanças na comunicação emergentes do avanço tecnológico e da mídia. Como resultado, o fonoaudiólogo tem a possibilidade de se constituir como o profissional que lida com a comunicação e não só com os distúrbios da comunicação.

Palavras Chaves: Orientação vocacional, Comunicação, Fonoaudiologia



## ABSTRACT

This study aimed to understand, with speech-language pathologists professionals, the meanings of being a speech-language pathologist, as well as their satisfaction with the current work. The method utilized was the qualitative one, type of study of multiples cases, guided by Holistic-Ecological Care referencial principles. Fifteen speech-language pathologists that act in Florianópolis, with more than ten years of formation were interviewed. The interviewed are satisfied with the professional choice, recognize themselves as speech-language pathologists and do not imagine themselves exerting other type of professional activity; a certain “enchantment” for the profession exists. Three aspects that make part of the current reality of work are felt by many of these professionals: the seek for the recognition, low remuneration and lack of union as labor class. It could be perceived that the speech-language pathologists is a professional who still need to conquer its social insertion. It is suggested that academic formation of the professional of this area includes aspects related to administration and also that the speech-language pathologists carry out studies that propitiate understanding the human being, its health and quality of life, under the aspects of the speech-language health and the health of the worker. It is also suggested that speech-language pathologists joins with other professionals of the communication area to evaluate changes in communication aspects emerging from technological and mídia advances. As a result, the speech-language pathologists have the possibility of being a professional who deals with the communication and not only with the disturbs of communication.

Keywords: Vocational guidance, Communication, Speech-language pathology

## LISTA DE ABREVIATURAS

ABA – Academia Brasileira de Audiologia  
CDH – Centro de Desenvolvimento Humano  
CFFa - Conselho Federal de Fonoaudiologia  
CRFa - Conselho Regional de Fonoaudiologia  
FEPEVI – Fundação de Ensino e Pesquisa do Vale do Itajaí  
FCEE – Fundação Catarinense de Educação Especial  
HU – Hospital Universitário  
IES- Instituição de Ensino Superior  
IFES – Instituição Federal de Ensino Superior  
PUC/CAMPI – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
SBFa – Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia  
SUS – Sistema Único de Saúde  
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro  
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina  
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria  
USP – Universidade de São Paulo  
UNIFESP/EPM – Universidade Federal de São Paulo Escola Paulista de Medicina  
UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí  
UTI/NEO – Unidade de Terapia Intensiva Neonatal  
SINFERJ – Sindicato dos Fonoaudiólogos do Estado do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1 EXPOSIÇÃO DO TEMA.....	11
DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.....	17
OBJETIVOS.....	17
<b>Objetivo geral.....</b>	<b>17</b>
<b>Objetivos específicos.....</b>	<b>17</b>
1.2 ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO.....	18
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>19</b>
2.1 Natureza e caracterização da pesquisa.....	19
2.2 Técnicas de coleta e tratamento de dados.....	21
<b>3 RESULTADOS DO ESTUDO.....</b>	<b>27</b>
3.1 Um olhar sobre o passado .....	28
3.1.1 Do desejo à escolha de ser fonoaudiólogo.....	29
3.1.2 A formação acadêmica.....	32
3.1.3 A escolha da área de atuação.....	35
3.2 Um olhar sobre o presente.....	38
3.2.1 Percepção sobre a situação profissional.....	38
3.2.2 Percepção sobre o trabalho em equipe.....	41
3.2.3 Possibilidades e limites da profissão.....	44
3.2.4 Entre as expectativas do passado e as expectativas para o futuro.....	52
3.2.5 Percepção do que é ser fonoaudiólogo.....	53
3.3 Expectativas em relação do futuro da profissão.....	58
3.4 Conselhos para futuros profissionais da área.....	60
<b>4 DISCUSSÃO.....</b>	<b>62</b>
4.1 O processo de aproximação e encantamento pela Fonoaudiologia .....	63
4.2 A busca pelo reconhecimento: despertando para a realidade .....	80
4.3 Resgatando o fonoaudiólogo como profissional da comunicação .....	98
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES.....</b>	<b>107</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>113</b>

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 Exposição do tema

*Daquilo que eu sei, nem tudo me deu clareza, nem tudo foi permitido, nem tudo me deu certeza. Daquilo que eu sei, nem tudo foi proibido, nem tudo me foi possível, nem tudo foi concebido. Não fechei os olhos, não tapei os ouvidos, cheirei, toquei, provei. Ah! Eu usei todos os sentidos. Só não lavei as mãos, e é, por isso que eu me sinto cada vez mais limpo, cada vez mais limpo, cada vez mais. . . (Ivan Lins)*

O tema desta dissertação – **os significados de ser fonoaudiólogo** – foi gerado em um contexto que, pelas suas especificidades e mudanças de percurso, merece aqui ser brevemente resgatado.

Entrei em contato com o tema ainda na especialização em Voz da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), durante a disciplina de Metodologia Científica, em uma palestra sobre Pesquisa Qualitativa, ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dra. Suely Grosseman, quando apresentou sua tese de doutorado cujo tema é “Satisfação com o trabalho: do desejo à realidade de ser médico”. O estudo apresentado pela mesma chamou a atenção de todos que estavam na aula, e também me deixou bastante curiosa e empolgada com o assunto.

Outro contato com este tema foi durante a disciplina de Metodologia Científica do Curso de Mestrado, ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dra. Zuleica Maria Patrício, que nos introduziu conceitos extremamente importantes sobre pesquisa qualitativa, bem como suas diferenças em relação à pesquisa quantitativa.

A partir destes encontros, resolvi matricular-me na disciplina Aplicação dos Métodos Qualitativos de Pesquisa em Ciências Médicas, do Programa de Mestrado em Ciências Médicas da UFSC, ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dra. Suely Grosseman.

Durante o desenvolvimento da disciplina, tivemos a oportunidade de ler o livro: “Do desejo à realidade de ser médico”<sup>1</sup>, sendo bastante esclarecedor e muito instigante para qualquer profissional, principalmente para aqueles que atuam na área da saúde.

Depois da leitura, o tema despertou a curiosidade de transpor para a fonoaudiologia os mesmos questionamentos. O que impulsiona alguém a escolher a fonoaudiologia como

profissão? Qual desejo está intrínseco nessa escolha? Como está a satisfação desses fonoaudiólogos com sua realidade de trabalho? Quais as perspectivas para o futuro da profissão?

Na verdade, foi iniciado um processo de questionamento sobre minha própria trajetória profissional, desde a escolha da profissão, o percurso na graduação, até a escolha da área em que escolhi atuar, primeiramente em neonatologia e, mais tarde, em voz.

Minha formatura em Fonoaudiologia ocorreu em dezembro de 1998, pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) e, em março de 1999, iniciei um projeto de trabalho junto à Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTI/NEO), vinculado à Maternidade do Hospital Universitário da UFSC, e, a partir de então, permaneci como fonoaudióloga voluntária durante três anos, sendo contratada em 2002.

Durante este período, o crescimento profissional foi muito grande, a convivência em grupo com diversos profissionais proporcionou-me conhecer diversas possibilidades de assistência ao paciente internado e seus familiares. Neste período, tive ainda a oportunidade de mostrar a outros profissionais o papel da fonoaudiologia em uma equipe de saúde e o quanto os profissionais desta área poderiam contribuir para um atendimento de qualidade junto aos pacientes internados em uma UTI/NEO. Nesta oportunidade, percebi também o quanto a fonoaudiologia ainda precisa se mostrar, pois muitos profissionais de áreas afins não sabiam adequadamente a abrangência da fonoaudiologia em um ambiente hospitalar.

Em 2002, também fui contratada pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) como professora horista da Disciplina de Tópicos Especiais I do Curso de Cinema e Vídeo, onde preparo os alunos para atuarem como diretores, tendo uma visão voltada para a criação vocal de personagens e a preparação vocal do ator. Atualmente, sou docente dos cursos de Jornalismo, dividindo a disciplina de Rádio II com um profissional da área, e do Curso de Design onde ministro a disciplina Expressões Verbais, Corporais e Sinestésicas. Essas experiências enriquecem minha visão sobre a atuação do fonoaudiólogo, bem como me coloca no exercício diário de interdisciplinaridade.

Desta maneira, o tema relacionado aos desejos de ser médico acabaram por impulsionar-me a realizar esta pesquisa, partindo da minha experiência de luta por uma profissão mais reconhecida e de querer conhecer a experiência de colegas, que iniciaram a história da Fonoaudiologia no estado de Santa Catarina, principalmente aquelas com mais de dez anos de formação e que atuam em Florianópolis. O mesmo desafio foi proposto para a Prof<sup>ª</sup> Dra. Suely

Grossemann que, a partir da disciplina ministrada no mestrado, aceitou a proposta de orientar este trabalho.

Sendo a Fonoaudiologia, o tema central deste estudo, podemos afirmar que esta é uma profissão relativamente nova, se comparada à medicina e a outras profissões da área da saúde como enfermagem, odontologia, psicologia entre outros.

Tem-se como referência que a primeira faculdade de Fonoaudiologia do mundo foi fundada na Hungria, na primeira década do século passado. Em torno de 1900, este país reconheceu a Fonoaudiologia como profissão. Os primeiros passos para seu desenvolvimento começaram a ser dados depois da Primeira Guerra mundial, com o tratamento de feridos com distúrbios de linguagem<sup>2</sup>.

Em 1924, especialistas da Alemanha, Estados Unidos, Áustria, Tchecoslováquia e Austrália se reuniram em uma sociedade internacional, a Associação Internacional de Logopedia e Foniatria (IALP), visando discutir este novo campo de atuação. Para que isto efetivamente ocorresse, cerca de 65 membros se reuniram em Viena para um encontro organizado pelo Dr. Emil Froeschels, todos interessados em discutir os aspectos ligados ao funcionamento da fala e sua reabilitação, ou seja, as desordens relativas à fala e à linguagem<sup>3</sup>.

Ao redor dos anos 40, cinco países reconheceram a profissão de fonoaudiólogo: Áustria, Nova Zelândia, Alemanha, Noruega e Iugoslávia<sup>2</sup>.

O processo de reconhecimento da fonoaudiologia evoluiu ao longo do tempo, de tal forma que hoje ela é reconhecida oficialmente em vinte e sete países do mundo. Na maioria dos países da Europa, América do Norte, África, Ásia, Área do Pacífico e América Latina, a profissão é reconhecida, geralmente, pelo Ministério da Saúde, ou pelo Ministério da Educação, ou por ambos, ou ainda, pelos governos Estaduais ou Federais, dependendo da legislação de cada país<sup>2</sup>.

No Brasil, segundo Neto<sup>4</sup>, a criação do primeiro curso em Fonoaudiologia foi em 1961 na Clínica de Otorrinolaringologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP e, em 1962, no Instituto de Psicologia da PUC-SP. A autora relata que a atividade profissional em fonoaudiologia não surge com o ensino institucionalizado e sim com a prática, anterior aos cursos, dos pioneiros interessados pela área.

Posteriormente, foi criado o curso de “Fonoaudiologia” da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Rio Grande do Sul, sob a direção do Dr. Rafael Seligman. Em 1967, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) deu início a seu curso. Em 1968, foi a vez da

Escola Paulista de Medicina abrir o seu curso sob a direção do Dr. Raymundo Manno Vieira e, em 1971, a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC/CAMP) também abriu seu curso sob a direção do Dr. Mauro Spinelli. Também neste ano, o Instituto Henry Dunant, do Rio de Janeiro, deu início ao seu curso de Fonoaudiologia<sup>5</sup>.

Na década de 1970, iniciaram-se os movimentos para reconhecimento dos cursos de graduação como nível superior, com duração plena e titulação de bacharel e direito a mestrado e doutorado em Fonoaudiologia. O primeiro currículo mínimo do curso foi regulamentado pela Resolução nº 54/76, dos Conselhos Federais de Educação, fixando disciplinas e carga horária<sup>6</sup>.

Segundo Meira,<sup>5</sup> o primeiro curso aprovado foi o de Santa Maria, Rio Grande do Sul; depois foi aprovado o curso de Fonoaudiologia da PUC/CAMP e, logo em seguida, o da PUC/SP. Em seguida, foi aprovado o curso de Fonoaudiologia da Escola Paulista de Medicina.

Finalmente, em 09 de Dezembro de 1981, a profissão foi reconhecida, quando a Lei nº 6965 foi sancionada pelo então presidente João Figueiredo, que regulamentou a profissão de fonoaudiólogo. Além de determinar a competência do fonoaudiólogo, com a Lei, foram criados o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Fonoaudiologia tendo, como principal finalidade, a fiscalização do exercício profissional. Finalmente, em 31 de maio de 1982, o Decreto Lei nº 87.218 foi sancionado e aprovou a Lei nº 6965/81<sup>6</sup>.

Em 1983, as atividades do Conselho Federal de Fonoaudiologia tiveram início. Em 15/09/1984, pela Resolução CFFa nº 010/84, foi aprovado o primeiro Código de Ética da profissão, listando os direitos, deveres e responsabilidades do fonoaudiólogo, inerentes às diversas relações estabelecidas em função da atividade profissional<sup>6</sup>.

A instituição do Sistema Único de Saúde (SUS), em 1988, pela Constituição Federal, regulamentado pela Lei nº 8080/90, possibilitou os acessos universais, equânimes da sociedade a serviços e ações de promoção, proteção, bem como a recuperação da saúde. Nesse contexto, o fonoaudiólogo passou, então, a ser reconhecido como um dos profissionais da área da saúde a compor equipes de profissionais responsáveis pela assistência integral (primária, secundária e terciária) à saúde dos indivíduos<sup>6</sup>.

Em 2002, o CFFa reuniu quatorze fonoaudiólogos indicados pelos Conselhos Regionais, que elaboraram um documento descritivo das grandes áreas de atuação do fonoaudiólogo. Identificaram-se dez grandes áreas de competência (GAC) do fonoaudiólogo, listadas na seguinte ordem: desenvolver ações de saúde coletiva dos aspectos fonoaudiológicos; realizar diagnóstico

de fonoaudiologia; executar terapia (habilitação/reabilitação); orientar pacientes, clientes internos e externos, familiares e cuidadores; monitorar desempenho do paciente ou cliente (seguimento); aperfeiçoar a comunicação humana; exercer atividades de ensino; desenvolver pesquisas; administrar recursos humanos, financeiros e materiais e se comunicar<sup>6</sup>.

A sociedade científica que representa a profissão é a Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (SBFa), fundada em 1989. O objetivo principal deste corpo é realçar a produção científica. Em 2001, foi fundada a Academia Brasileira de Audiologia (ABA), com o objetivo de ajudar os profissionais que se dedicam exclusivamente a audiologia<sup>7</sup>.

Além do jornal oficial da SBFa, há muitas outras publicações, embora somente três sejam indexados: a Revista dos Distúrbios da Comunicação Humana, desde 1988, editada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; o PRÓ-FONO, desde 1989, editada por especialistas da Pró-fono Produtos Especializados e a FONO-ATUAL, desde 1998, editada por PANCAST da Universidade Camilo Castelo Branco.

Em Santa Catarina, o primeiro curso de fonoaudiologia foi criado pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), por meio da resolução nº 08/90/Cun da UNIVALI, em 11 de abril de 1990. No entanto, o início desse processo foi em 1981, quando o Centro de Atendimento às Classes Especiais foi criado, sendo logo depois denominado como Centro de Desenvolvimento Humano – (CDH-50). Seu reconhecimento deu-se em 24 de junho de 1994, sob a Portaria nº 968.<sup>8</sup>

Em 2006, no estado de Santa Catarina, de acordo com o Conselho Regional de Fonoaudiologia da 3ª Região (CRFa – 3ªR)<sup>9</sup>, o número de fonoaudiólogos nos municípios com mais de 50.000 habitantes estava com uma distribuição geográfica centrada na capital e nas maiores cidades. Em Florianópolis, por exemplo, há uma população com cerca de 342.315 mil habitantes, o nº de fonoaudiólogos ativos é 211, sendo, portanto, 1.223 habitantes por fonoaudiólogo<sup>1</sup>.

O fonoaudiólogo é o profissional que lida com os distúrbios da comunicação humana. De acordo com o Conselho Federal de Fonoaudiologia<sup>6</sup> (CFFa), esta consiste na ciência que tem por objeto o estudo da comunicação e seus distúrbios. Para tanto, focaliza os processos e aspectos

---

<sup>1</sup> Fontes: CFFa (nº de habitantes) e CRFa-3ªR (nº de fonoaudiólogos ativos em 09/2006).



participantes das ações do organismo em ambiente que requeira a comunicação, quais sejam: a linguagem oral e escrita, a articulação dos sons da fala, a voz, a fluência da fala e a audição.

Apesar de ser uma profissão regulamentada desde 09 de dezembro de 1981<sup>6</sup> e, portanto, estar reconhecida legalmente, a fonoaudiologia ainda é uma profissão que se encontra em expansão e por isso mesmo está passando por um processo de delimitação de seu campo de atuação. As inserções sociais deste profissional ainda deixam a desejar e seu reconhecimento por parte da população em geral ainda é um pouco restrito, principalmente nas classes sócio-economicamente menos favorecidas.

Este estudo pretende discutir as escolhas dessas profissionais, o que as impulsionou a escolher a Fonoaudiologia como profissão e quais foram os desejos intrínsecos nessa escolha. A partir do encantamento pelo fazer fonoaudiológico, partimos para a compreensão dessas profissionais acerca da realidade dessa profissão, com os caminhos e escolhas que foram se delineando no decorrer de sua vida profissional. Como está a satisfação dessas fonoaudiólogas com sua realidade de trabalho? Quais são seus planos para o futuro? Acreditamos que, partindo desses questionamentos, possamos refletir sobre as mais variadas questões que permeiam nossa realidade profissional.

Podemos pensar em diversos fatores que podem impulsionar alguém a escolher a fonoaudiologia como profissão, por exemplo, o desejo de estar diariamente em contato com dificuldades muito peculiares, inerentes ao ser humano, e que nos diferencia de animais de outras espécies: a comunicação, objeto de estudo da Fonoaudiologia. Além disso, podemos refletir também sobre o desejo de estar inserido em um grupo, trabalhar em equipe, realizar um cuidado integrado, com olhar voltado sobre a complexidade do ser humano diante das limitações no seu processo de viver e ser saudável na comunicação. Desejo de lidar com crianças, de atuar em hospitais, escolas, de trabalhar com saúde auditiva, saúde vocal, entre outros.

Segundo Chauí<sup>10</sup>, a palavra desejo:

deriva-se do verbo *desidero* que, por sua vez, deriva-se do substantivo *sidus* (mais usado no plural, *sidera*), significando a figura formada por um conjunto de estrelas, isto é as constelações. De *sidera*, vem *considerare* – examinar com cuidado, respeito, veneração – *desiderare* – cessar de olhar (os astros), deixar de ver (os astros). *Desiderare*, é estar despojado dessa referência, abandonar o alto ou ser por ele abandonado. Cessando de olhar para os astros, *desiderium* é a decisão de tomar nosso destino em nossas próprias mãos, e o desejo chama-se, então, vontade consciente nascida da deliberação, aquilo que os gregos chamavam de *bóulesis*. *Desiderium* significa porém, uma perda, privação do saber sobre o destino. O desejo chama-se, então, carência, vazia que tende para fora de si

em busca de preenchimento, aquilo que os gregos chamavam de *hormê*. Essa ambigüidade do desejo, que pode ser decisão ou carência transparece quando consultamos os dicionários vernáculos, onde se sucedem sentidos de desejar: querer, ter vontade, ambicionar, apetecer, ansiar, anelar, aspirar, cobiçar, atração sexual. A oscilação dos significados aparece na diferença sutil de duas palavras, em português: desejante e desejoso/desejosa.

Acredito que realizando uma pesquisa com essas profissionais realmente poderemos nos certificar dos desejos que as impulsionaram a escolher essa profissão, bem como sua área de atuação e seus planos para o futuro. Ao compreender esse caminho, coletivamente, poderemos planejar um futuro com mais segurança. Além disso, abre-se um olhar sobre a percepção do quanto já realizamos profissionalmente e o quanto ainda temos para realizar, tanto individual quanto coletivamente.

Somente a partir de discussões acerca de nossa trajetória profissional, pessoal e coletiva é que os profissionais desta área poderão vislumbrar um futuro mais promissor, em que o reconhecimento da população e de outros profissionais nos torne mais realizados profissionalmente. No entanto, precisamos discutir acerca de nossa escolha profissional, rever nosso passado, refletir sobre nosso presente e planejar nosso futuro. Devemos reorganizar nossos fazeres, conhecer e dominar nosso objeto de estudo – a comunicação – e procurar através dessas reflexões os caminhos que devemos seguir para termos uma fonoaudiologia mais profissional, mais respeitada, mais madura e, acima de tudo, mais científica e consolidada enquanto classe trabalhadora, inserida em um contexto social.

Levando em consideração esses aspectos e a importância de maiores estudos relacionados à atividade profissional do fonoaudiólogo, bem como a percepção dos fonoaudiólogos sobre sua realidade profissional, neste sentido, busca-se resposta para o seguinte problema de pesquisa: **Qual o significado de ser fonoaudiólogo?**

Este estudo tem como **objetivo geral** compreender, junto a profissionais fonoaudiólogos, os significados do desejo de ser fonoaudiólogo, bem como sua satisfação com a realidade do trabalho. E como **objetivos específicos** identificar o processo de construção do desejo de ser fonoaudiólogo; a percepção desses profissionais quanto à identificação do que é ser fonoaudiólogo, identificar como esses profissionais percebem sua realidade atual como trabalhador, e o que percebem como futuro para a profissão.

Espera-se que este estudo forneça subsídios para a construção de conhecimento científico sobre a relação do ser humano com seu trabalho, especificamente no que concerne à classe fonoaudiológica. Como tal, visa fornecer elementos de discussão sobre o exercício profissional em fonoaudiologia.

O produto final dessa pesquisa poderá servir para reflexões acerca da formação acadêmica em fonoaudiologia e sobre a composição ou reformulação de currículos de cursos de graduação, bem como gerar discussões entre a classe fonoaudiológica de modo a iniciar um processo de maior integração entre as profissionais, garantindo um crescimento do grupo, tendo como consequência a inserção social desta profissão perante a população em geral e perante profissionais de áreas afins. Além disso, poderá abrir novos horizontes de atuação, a partir das discussões acerca do futuro profissional.

## 1.2 ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

No **primeiro capítulo**, apresenta-se a gênese e a exposição do tema, a definição do problema e os objetivos gerais e específicos, bem como a organização do estudo.

No **segundo capítulo**, estão descritos os procedimentos metodológicos.

No **terceiro capítulo**, estão descritos os resultados do estudo, divididos em: passado, presente e futuro.

No **quarto capítulo**, apresenta-se a discussão com base no discurso das entrevistadas em consonância com a literatura.

No **quinto capítulo**, são apresentadas as considerações finais e as recomendações para futuros estudos.

O **sexto item** mostra as referências bibliográficas.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 2.1 Natureza e caracterização da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida através do método qualitativo, tipo de estudo de casos múltiplos<sup>11,12,13</sup>, guiada por algumas técnicas do Referencial do Cuidado Holístico-Ecológico<sup>14</sup>.

O método qualitativo é o mais recomendado para estudar as qualidades que não podem ser quantificadas, buscando conhecer, compreender e interpretar a realidade através do universo de significados dos seres humanos em suas ações e interações sociais. O estudo de caso se refere à análise aprofundada de uma unidade social (sujeito, ambiente ou situação específica). Tem sido a estratégia preferida quando o foco de interesse é sobre fenômenos, respondendo as perguntas como e por que<sup>12,15,16</sup>.

A abordagem Holístico-Ecológica, desenvolvida por Patrício<sup>14</sup>, possibilita sistematizar princípios de paradigmas emergentes, denominados holísticos, ecológicos, sistêmicos e de complexidade. Nessa abordagem, busca-se entender ao máximo cada fenômeno, através do conhecimento das múltiplas dimensões e conexões, tendo consciência do contexto global, e que cada elemento representa o todo. Porém, tendo clareza de que não é possível compreender toda a complexidade da vida.

Capra<sup>17</sup> define as visões holísticas e ecológicas da seguinte maneira:

[...] uma visão holística, concebe o mundo como um todo integrado e não como uma coleção de partes dissociadas. Pode também ser denominada visão ecológica, se o termo “ecológico” for empregado num sentido muito mais amplo e mais profundo que o usual. A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estão todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e em última análise, somos dependentes desses processos).

O que Capra<sup>17</sup> tenta esclarecer é que a visão holística se refere a um todo funcional, e que precisamos compreender, em conformidade com isso, as interdependências de suas partes. Já a visão ecológica, além de incluir o todo funcional, também acrescenta a percepção do seu ambiente natural e social. A visão ecológica não separa os seres humanos do meio ambiente natural. O mundo é uma rede de fenômenos que estão interconectados e são interdependentes.

Também de acordo com esta abordagem<sup>13,14</sup>, para que se tenha uma melhor compreensão dos sujeitos estudados, estes devem estar em suas interações com a realidade. Assim, os investigadores qualitativos, geralmente, coletam seus dados onde estes sujeitos realizam suas tarefas cotidianas, nos seus ambientes naturais. O termo usado é “trabalho de campo”, representando o “entrar no mundo do sujeito”, em seu território.

Segundo o Referencial do Cuidado Holístico-Ecológico, o trabalho de campo é dividido em três fases: “Entrando no Campo”, “Ficando no Campo” e “Saindo do Campo”.<sup>18</sup> A análise dos dados, neste referencial, inicia-se na primeira entrevista, no projeto-piloto e permeia, a partir de então, todo o processo da pesquisa.

O processo “**Entrando no Campo**” caracteriza-se pelas primeiras interações e aproximações com a conjuntura da pesquisa, através de uma pesquisa exploratória, teórica e prática, na qual se delimitam o problema, o local e o método do estudo. Nesta fase, o pesquisador escolhe os sujeitos e apresenta a eles a proposta de trabalho, o objetivo e a metodologia. Também, nesta ocasião, são esclarecidos os preceitos éticos e feito o convite para a participação no estudo, com acerto de futuros encontros. Neste processo, ocorre ainda a validação dos instrumentos de pesquisa, por meio do projeto piloto<sup>13,19</sup>.

O processo “**Ficando no Campo**” abrange todo o período de coletas de dados após adequações oriundas do projeto piloto. Segundo Faria *et al* (p. 424),<sup>19</sup> este “representa os diferentes momentos de interação, com o ambiente e com os sujeitos do estudo, tendo como principal finalidade o levantamento, registro e primeiro processo de análise dos dados de campo da pesquisa”. Nesta fase, é importante que, após a coleta de dados, o investigador retorne aos entrevistados quantas vezes forem necessárias para validar os dados e, se preciso, coletar novos dados, até que todas as questões sejam esclarecidas. Esse procedimento é realizado para aproximar o olhar do pesquisador ao do pesquisado<sup>13,14</sup>.

Considerando que na pesquisa qualitativa o pesquisador é um instrumento que intermedeia a interação entre pesquisador, pesquisado e ambiente, e que a qualidade dessa interação é o elemento importante do processo de pesquisa, esse pesquisador deve utilizar-se de todos os seus atributos de comunicação, entre eles sua razão, sensibilidade e intuição, para obter tal qualidade. Para facilitar essa comunicação e interação entre pesquisador, pesquisado e ambiente, o Núcleo de Estudos Participantes do Processo de Viver e Ser Saudável (Transcriar) desenvolveu várias técnicas, entre as quais a **Simbolização**<sup>14</sup>, que tem como objetivo promover

maior qualidade na coleta, registro, análise e devolução dos dados. Essa técnica utiliza-se da expressão dos significados de determinados objetos, entre eles figuras de revistas, arquétipos de cartas de tarô, objetos variados, desenhos, dramatizações, e outros, para promover nas pessoas o surgimento dos símbolos que facilitem que elas expressem suas subjetividades<sup>11,20</sup>.

## 2.2 Técnicas de coleta de dados e de tratamento da informação

Neste estudo, na fase **“Entrando no Campo”** optou-se pela escolha de profissionais fonoaudiólogos da grande Florianópolis, de ambos os sexos, com mais de dez anos de formados. Esse tempo mínimo de formação se deu pelo fato de eles poderem contribuir com mais subsídios sobre sua vivência profissional.

Foram selecionados, aleatoriamente, profissionais das quatro áreas de especialização da fonoaudiologia, quais sejam: linguagem, motricidade oral, voz e audiologia. Foram realizados contatos com o Conselho Regional de Fonoaudiologia (CRFa), 3ª Região, em Curitiba, para informar quais profissionais com no mínimo dez anos de formação atuam na grande Florianópolis, bem como o contato com os mesmos. Após este processo, foram selecionados dezesseis profissionais, aleatoriamente, por sorteio. O único profissional do sexo masculino com mais de dez anos de formação não aceitou participar da pesquisa, alegando não estar em uma boa fase com a profissão, ficando portanto quinze profissionais do sexo feminino.

A coleta de dados foi por meio de entrevista semi-estruturada, em profundidade, registrada em gravador. Esta é uma das opções de entrevista na pesquisa qualitativa, em que há questões básicas e que a partir das respostas dos sujeitos, na interação entre sujeito e pesquisador, podem surgir novas questões, que são aprofundadas<sup>12,15,16</sup>.

As questões norteadoras foram: “Como apareceu a idéia de ser fonoaudiólogo?”; “Por que escolheu a área em que está atuando?”; “Como foi sua formação?”; “O que é ser fonoaudiólogo para você?” ; “Como você compara sua realidade profissional com a que você imaginou que seria?” ; “Como é a relação com profissionais de outras áreas?”; “Como está sua satisfação com sua realidade profissional?” . Complementando essa questão, interrogarei o sujeito quanto a seu conceito de realização profissional, e ainda, se está realizado, qual serão seus planos para o futuro e quais seriam, se ele tivesse condições financeiras suficientes (ou ganhasse na loteria), e que conselhos daria àqueles que estão em processo de formação na fonoaudiologia.

Além dessas questões, a entrevista constou dos seguintes dados: os relativos à entrevista, quais sejam, local, data e hora; e os relativos aos sujeitos, quais sejam, codinome, idade, local de nascimento e de graduação superior, estado civil, número de filhos, tempo de formação, locais, rotina de trabalho e carga horária de trabalho por dia (soma de horas de trabalho durante a semana, divididas por cinco dias). As questões norteadoras, bem como as questões complementares seguem APÊNDICE 1.

Com relação ao codinome presenteei cada profissional com uma pedra-cristal, também de forma aleatória: todas estavam embrulhadas no mesmo papel de presente, em uma sacola, e eram retiradas sem a possibilidade de escolha. A pedra-cristal recebida foi o codinome de cada entrevistada.

No Referencial Holístico-Ecológico, a **análise dos dados** é realizada por meio da Análise-Reflexão-Síntese, na qual a análise decompõe os dados, sendo caracterizada como “[...] um movimento de ir-e-vir, não linear, começando pela síntese [...]” (p.200),<sup>19</sup> e a síntese os integra, sendo ambas mediadas pela reflexão crítica, intuitiva e afetiva, associando razão e sensibilidade. A análise dos dados começa junto com a coleta dos dados, na primeira entrevista, e continua durante toda a entrevista. A análise e síntese são integradas, o que facilita o surgimento de categorias, assim como a compreensão e a interpretação dos dados subsequentes das outras entrevistas, e permite que, na dúvida quanto a alguma questão colocada pelo entrevistado, o entrevistador volte a ele para validá-la.<sup>14,19</sup>

A análise busca categorias e temas. Segundo Bardin,<sup>20</sup> a categorização consiste na classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e re-grupamento segundo algum critério. Portanto, para classificar elementos em categorias deve-se investigar o que eles têm em comum, para, posteriormente, agrupá-los.

Minayo<sup>15</sup> propõe o método “hermenêutico-dialético” como um dos meios de interpretação qualitativa de dados. Patrício<sup>14</sup> também considera que a interpretação dos dados torna-se mais adequada, através da abordagem hermenêutica-dialética. A autora cita Foucault, que define a hermenêutica como um conjunto de conhecimentos e técnicas que possibilitam explicitar os signos e seus significados. A análise dialética aborda o contexto histórico em que estes foram gerados.

Enquanto a análise decompõe os dados, a síntese os integra às diversas dimensões e contextos da vida dos sujeitos. A análise e a síntese são realizadas de forma sinérgica, através da

reflexão, que é uma reconsideração dos dados, associando sensibilidade e razão. O autor deve esforçar-se para evitar “pré-conceitos” ou juízos pessoais (através de reflexão crítica) e aguçar sua sensibilidade, para tentar maior aproximação com a realidade dos sujeitos investigados.

Foi utilizado o recurso da simbolização<sup>14</sup>, com imagens de revistas, para facilitar o aparecimento de novos temas que normalmente não emergem por meio de uma entrevista formal. Após realizar as perguntas “O que você sonhava/esperava da profissão?” e “O que é ser fonoaudióloga pra você?” e registrar as respostas das entrevistadas, a pesquisadora solicitava que a entrevistada selecionasse no máximo quatro figuras de quatro revistas que representassem melhor o sonho e o ser fonoaudióloga. A entrevistada podia folhear as revistas à vontade e, após a escolha das imagens, explicava o significado dos símbolos escolhidos, e ambas, entrevistada e entrevistadora, refletiam juntas o sentido daquele material, propiciando maior aprofundamento sobre o tema<sup>11,13,20</sup>.

As entrevistas iniciaram-se em fevereiro de 2006, após o projeto ter sido aprovado pelo Comitê de Ética, de acordo com a Resolução CNS 196/96. O número do parecer aprovado é 367/05, de novembro de 2005 e segue em APÊNDICE 2.

No dia da entrevista, foram explicadas às entrevistadas o tema do estudo, seus objetivos, o modo como iria ser efetuada a entrevista e a quantidade de perguntas a serem realizadas. Antes do início da entrevista, cada uma das participantes escolhia um pacotinho de presente, onde havia a pedra-cristal que designaria o codinome de cada uma, nome esse que passaria a ser usado pela entrevistadora durante todo o estudo, para garantir o anonimato e o sigilo. Foi solicitada também a autorização para gravar a entrevista em um minigravador Microcassette S-701, da marca Olympus.

A pesquisadora ressaltou seu compromisso com os preceitos éticos, garantindo que as informações fornecidas seriam confidenciais e só utilizadas neste trabalho, e explanou aos sujeitos que eles teriam o direito de desistir da participação, a qualquer momento, e de excluir ou incluir qualquer fala, após a realização da entrevista. Além disso, foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual estava descrito como seria realizado o estudo, sua relevância, a quantidade de perguntas a serem realizadas, os aspectos éticos já citados, sendo solicitado ao entrevistado que o lesse e, após concordância em participar do estudo, o assinasse, disponível no APÊNDICE 3.



O projeto piloto foi aplicado para verificação e adequação dos instrumentos de pesquisa. Para a coleta de dados, entrou-se em contato pessoalmente com a profissional selecionada, explicando-lhe o estudo, com seus objetivos, e realizando o convite para entrar no estudo. Após a aceitação do convite, foi marcada a entrevista, com dia, hora e local que mais se adequassem às possibilidades da entrevistada. A participante optou por realizar a entrevista no seu local de trabalho.

No decorrer das análises do projeto piloto, foram realizadas modificações nas questões norteadoras, foram acrescentadas as seguintes questões: “O que você sonhava ou esperava da profissão”; “Como está sua realidade profissional”; “O que você achou do processo? Quer dar alguma sugestão”. Observou-se que, ao pedir para comparar a realidade atual com a realidade sonhada havia uma certa confusão visto que, a entrevistada não havia sido questionada sobre as questões que precisavam ser comparadas. A última questão foi acrescentada porque a entrevistada fez algumas sugestões, mesmo que isso não tenha sido solicitado, portanto a necessidade partiu da entrevistada.

Também foram realizadas modificações na utilização das técnicas de simbolização<sup>14</sup>. No projeto piloto, foram utilizadas revistas antigas e solicitava-se que a entrevistada recortasse e colasse as figuras em cartolina. Percebeu-se que as revistas antigas não despertavam o interesse da entrevistada e que não haveria possibilidade de outras entrevistadas escolherem as mesmas figuras, caso essas fossem recortadas. Após essas constatações, foram adquiridas revistas novas e solicitávamos que, ao escolherem as figuras, marcassem com adesivo e depois relatassem o que a mesma representava. Para validação do projeto piloto foram realizados três encontros com a entrevistada, de forma que todas as questões foram saturadas e as alterações foram realizadas com a entrevistada, que é uma das participantes do estudo.

Após as devidas alterações, foram iniciadas a fase “Ficando no Campo”, seguindo o roteiro preestabelecido das entrevistas, de acordo com os passos já citados. O convite para participar do estudo foi realizado por telefone ou pessoalmente. Dez entrevistadas optaram por realizar a entrevista no local de trabalho delas (consultório, ambiente de ensino), quatro escolheram o local de trabalho da pesquisadora (HU/UFSC) e uma quis que a entrevista fosse realizada em sua casa.

No transcorrer da pesquisa, o número de participantes, que inicialmente tinha se estimado em dezesseis, foi finalizado em quinze. Isso porque, a partir da décima segunda participante,

observou-se que muitas categorias se repetiam. Com a décima terceira participante, percebeu-se o início da “saturação” dos dados, o que se confirmou com a décima quarta. Realizei mais uma entrevista para confirmar a saturação dos dados e ainda tivemos o fato de que um dos entrevistados se negou a participar da pesquisa, o que seria muito interessante, visto que o mesmo era o único fonoaudiólogo do sexo masculino com mais de dez anos de formado, no município de onde ocorreu a pesquisa.

Os dados ficam “saturados” quando as informações, no processo de coleta/análise dos dados, ficam repetitivas e, para se obter alguma informação complementar para a pesquisa, é necessário um número muito grande de novos participantes, o que justifica o fim da coleta de dados<sup>9</sup>.

Após a transcrição de cada entrevista, fez-se o retorno aos entrevistados para validar suas respostas.

Todos os sujeitos concordaram em participar do estudo, exceto um já citado, e permitiram que a entrevista fosse gravada. O processo de coleta de dados durou seis meses, e a duração da entrevista variou de uma hora à uma hora e trinta minutos.

O processo “**Saindo do Campo**” compreende a finalização da interação entre o pesquisador e sujeito do estudo e pode significar a despedida, agradecimentos ou encaminhamentos futuros. Na verdade, cada vez que o pesquisador entra em contato com o entrevistado, as três fases ocorrem, pois ele precisa marcar a entrevista, colher os dados e despedir, deixando sempre a possibilidade de seu retorno para nova coleta de dados.<sup>13,19</sup>

Observou-se que a pesquisa despertou o interesse de todas sobre o assunto e a curiosidade em conhecer a finalização do estudo. A pesquisadora então se comprometeu a entrar em contato com os entrevistados para convidá-los a assistir à apresentação da dissertação.

Quanto ao processo da entrevista, as participantes comentaram a importância deste, assim como o prazer de participar do estudo.

Achei a tua disposição de trabalhar com esse tema muito positiva, muito legal, gostaria de ver a conclusão pra ver como é que está. Achei muito interessante. Gostei, não fiquei nervosa, esqueci do gravador sabia.

Ótimo, achei ótimo, mas difícil pensar nisso. No dia -a-dia a gente não pára pra pensar. Foi legal porque a gente faz uma retrospectiva das coisas. Só reforça o gostar da profissão, a gente vai fazendo, fazendo e não para e pensa nas coisas que já construiu, que já conquistou. Foi bom, bem legal!

Nos resultados optou-se por apresentar apenas alguns depoimentos para ilustrar as categorias emergentes. Entretanto no APÊNDICE 4 todos os depoimentos complementares foram apresentados devido a sua riqueza e para oportunizar sua utilização por outros pesquisadores.

Estes depoimentos estão organizados da seguinte forma: em subitem conforme a ordem de apresentação no trabalho, iniciando-se pelo fim do método, quando se ilustra sobre a opinião sobre a participação da profissional na pesquisa e finalizando com os conselhos para os futuros profissionais.

O subitem “Percepção do que é ser fonoaudiólogo” foi apresentado na íntegra devido à riqueza dos depoimentos, portanto não foi apresentado no apêndice 4.

### 3 RESULTADOS

No quadro 1 é apresentado o perfil das profissionais entrevistadas. A seguir o capítulo apresenta a trajetória: das fonoaudiólogas no passado, sua realidade (com um olhar no presente) e por fim, suas expectativas em relação ao futuro profissional, ou seja, o olhar voltado para o futuro.

**Quadro 1 – Perfil geral das fonoaudiólogas entrevistadas**

<b>Codiname</b>	<b>Faixa etária</b>	<b>Local e Tempo Formação</b>	<b>Area atuação</b>
Ágata Azul	30 - 40	PUC/SP – 10 - 20	Audiologia
Ágata Laranja	41 – 50	UNIVALI – 10 - 20	Audiologia
Ágata Rosa	41 – 50	UFSM – 21 - 30	Audiologia
Ágata Verde	30 - 40	UNIVALI – 10 - 20	Audiologia
Amazonita	41 – 50	FVA/RJ – 21 - 30	IFES
Carneol	41 – 50	UFSM – 21 - 30	Voz
Citrino	51 - 60	UFSM – 21 - 30	IES
Cristal	41 – 50	UFSM – 21 – 30	Voz
Esmeralda	41 – 50	UFSM – 21 – 30	IES
Hematita	30 - 40	UNIVALI – 10 - 20	Motricidade Oral
Jaspe	30 - 40	UFSM – 10 - 20	Voz, Motricidade Orofacial e Linguagem
Pirita	41 – 50	UTP/PR – 10 - 20	Motricidade Orofacial e Linguagem
Quartzo Rosa	30 - 40	UNIVALI – 10 - 20	Motricidade Orofacial e Linguagem
Sodalita	51 - 60	PUC/SP – mais 30	IES
Turquesa	30 - 40	UNIVALI – 10 - 20	Motricidade Orofacial e Linguagem

\*IES – Instituição de Ensino Superior      \*IFES – Instituição Federal de Ensino Superior

### 3.1 UM OLHAR SOBRE O PASSADO

#### 3.1.1 Do desejo à escolha de ser fonoaudiólogo

Em relação aos **motivos que precipitaram a escolha da profissão, algumas entrevistadas**, apontaram a experiência de trabalho, o contato com crianças portadoras de necessidades especiais, tanto na área da educação quanto na área de reabilitação. E sentiram a vontade de complementar seus conhecimentos, cursando a faculdade de Fonoaudiologia.

Segue então alguns relatos das profissionais: “Como eu trabalhava com educação especial, eu lidava com crianças que possuíam distúrbios de comunicação. E foi assim que surgiu a idéia de fazer fonoaudiologia”. Outra afirma que: “Escolhi ser fonoaudióloga por trabalhar com surdo. Eu fui professora de uma instituição de educação especial e fui trabalhar com surdos. Depois me formei e trabalhei como pedagoga. Senti vontade, depois de quinze anos de trabalho com surdos, de fazer fonoaudiologia”.

Algumas do grupo de profissionais entrevistadas passaram pela experiência de trabalhar na área de reabilitação e este contato as fez optar pela Fonoaudiologia como profissão:

Formei-me e fui trabalhar como técnica em fisioterapia, trabalhei um ano na reabilitação e comecei a ver que era uma coisa que eu gostava e que eu queria fazer faculdade. Só que a fisioterapia me deixava muito cansada, eu era muito magra. Cheguei à conclusão que [...] não dava para o meu físico. Eu comecei a me interessar pelas outras áreas da reabilitação [...] pela fonoaudiologia, trabalhei com fala e linguagem, e falei é isso que eu quero. E foi assim que eu optei pela fonoaudiologia.

Eu estava fazendo um estágio na Clínica de Psicologia da PUC/SP, no Setor de Psicopedagogia, acompanhando pacientes, tinha feito o normal naquela época. Foi isso que me levou a escolher a fonoaudiologia como profissão, foi a convivência com crianças que tinham dificuldades.

Algumas profissionais do grupo se identificaram com a profissão, seja por meio do próprio tratamento fonoaudiológico, por contato com algum profissional de saúde; ou ainda por ter pessoas próximas com distúrbio da comunicação. Nas palavras das entrevistadas: “eu fui fazer terapia com uma fonoaudióloga, durante esse tempo eu me apaixonei pelo trabalho que ela estava fazendo comigo. Foi assim que surgiu. Foi o contato com outro profissional. Foi uma delícia, foi a maior descoberta na minha vida como profissão”.

Lá na minha cidade, o médico que fundou o curso de fonoaudiologia, [...] que era um otorrino reconhecido no Brasil e no exterior, me conhecia muito... me convidou para conhecer o que a fonoaudiologia fazia e eu fui. Achei o máximo e nunca tive dúvida nenhuma do que eu ia fazer.

Isso é impressionante, pois aconteceu quando eu era criança. Eu estava na escola, no ensino fundamental e eu tinha um coleguinha que falava errado. O nome da nossa cartilha era “Upa Cavalinho” e ele falava “Upa Cavavinho”. E isto me incomodava demais e eu sempre fiquei com aquilo na minha cabeça, não conseguia entender o porquê ele falava diferente. E aí eu conheci um médico, que era professor da fonoaudiologia [...] e ele me disse que eu tinha todo o perfil pra ser fonoaudióloga. E aí me explicaram o que era fonoaudiologia e me lembrei do meu coleguinha de infância. E isso foi determinante pra minha escolha. Tanto que a fonoaudiologia foi uma escolha maior e o jornalismo ficou em segundo plano, embora eu tenha cursado as duas, a fonoaudiologia foi prioritária no meu espaço de vida e de decisão profissional.

Ter o *desejo de atuar na área da saúde* também foi um fator determinante na escolha profissional de algumas profissionais do grupo.

Eu procurei alguma coisa dentro da área da saúde que eu me identificasse. Achei a fonoaudiologia em Santa Maria, era um curso que tinha, fui atrás, conversei com algumas pessoas que eram fonoaudiólogas e achei que era isso que eu ia gostar.

[...] eu já tinha vontade de fazer medicina, e ela falou tão bem da fonoaudiologia que eu disse que era um curso que eu faria. Não passei em medicina e passei em fonoaudiologia, e pensei vou fazer seis meses e vou voltar. Só que daí eu não voltei mais e adorei o curso, e desisti de fazer medicina.

Outras, no entanto não sabiam muito bem o que queriam como profissão, e relatam como optaram pela fonoaudiologia.

Eu estava terminando o segundo grau, o magistério. Peguei aquele livrinho do vestibular e fui ver o que tinha e o quê era cada curso, da universidade em Santa Maria. E daí tinha fonoaudiologia, trabalhar com a comunicação. Pensei que era interessante e resolvi fazer fonoaudiologia.

Na verdade eu sempre gostei de coisas novas e na minha época fonoaudiologia era um curso que estava começando e eu caí meio de pára-quedas. Não foi o primeiro curso que eu fiz [...]. Não foi aquela coisa que eu sonhei ser fonoaudióloga, não. Pensei em um curso novo, com possibilidades de trabalho, imaginava um campo bem aberto.

Ao escolher a profissão geralmente temos algumas expectativas em relação à mesma, as profissionais entrevistadas apresentaram uma série de expectativas. Algumas estão mais ligadas

aos valores pessoais como o desejo de ajudar o outro. Quanto às características individuais que determinaram a escolha, o desejo de ajudar o outro foi bastante citado. Como afirmam algumas: “Meu sonho era ajudar as pessoas a falar bem”; “Eu esperava poder ajudar os outros, porque sempre desde guria eu sempre queria ser professora, essa coisa que eu tinha que ensinar pras pessoas era o que me fazia à cabeça, como até hoje é”. Ou ainda: “Esperava atender as pessoas, ajudar as pessoas, trabalhar mais próxima, num outro tipo de relação que não a do médico. Mas uma coisa em que se tem mais tempo de contato com seu paciente, poder fazer um vínculo melhor”.

O desejo de trabalhar, estar, conviver com crianças também foi bastante mencionado pelas entrevistadas e este desejo também está relacionado às características individuais. Relatam inclusive que após a maternidade, essa relação ficou mais estreita: “Tinha o sonho de trabalhar com crianças que é uma coisa que eu gosto, e depois que eu tive filho descobri que gosto mais ainda e que eu tenho habilidade pra isso”.

Dediquei grande parte do meu trabalho a crianças especiais. Eu sonhava muito, muito em trabalhar com essas crianças, doar muito de mim para ajudar essas pessoas. Faço isso hoje em dia, mas de uma maneira mais branda, mais tranqüila, naquela época era mais pesado, hoje não tenho estrutura pra isso.

[...] a possibilidade de estar lidando com crianças, isso foi uma coisa que dentro do trabalho sempre me chamou atenção, eu vi que gostava muito de crianças, e descobri que eu precisava trabalhar com crianças. Talvez tenha sido um desejo inconsciente na hora da escolha da profissão, não era claro quando eu escolhi, mas acho que era um desejo inconsciente. Quando comecei a ter contato com crianças, eu vi que realmente era isso mesmo que gostava.

Uma coisa é trabalhar com crianças, era um dos meus sonhos e eu realizei. Mas também tem o outro lado, pelo fato de ter me afastado da prática clínica eu sinto muito falta disso, do contato com as crianças.

Em relação às expectativas quanto à formação e atividade profissional, continuar estudando foi uma das expectativas mais referidas pelas entrevistadas. Uma das afirmações foi a seguinte “Também com relação ao meu sonho uma das coisas importantes é o estudo, a gente não pode parar de estudar nunca, não é se satisfazer com aquele pouquinho que tu aprendes na faculdade. É tentar sempre estar buscando novos estudos, novas teorias”.

[...] escolhi uma pessoa no meio de vários livros, eu tinha comigo essa certeza. Embora na minha época, quando eu me formei, não era como é hoje, era diferente. [...]. Mas

sempre muito estudo, eu não tinha dúvidas de que a gente teria que estudar, não tinha a menor dúvida.

Eu esperava muito, tanto que eu sempre vivi da minha profissão. A minha expectativa sempre foi alta e isso correspondeu porque eu sempre sobrevivi muito bem da minha profissão. No meu consultório trabalhei com clínica durante 25 anos. Pra você ter uma idéia nunca tive um cartão de visita. Mas recebia pacientes de todo lugar, com indicação de médicos de Curitiba, São Paulo, como até hoje é ainda, as pessoas me telefonam me procurando.

Em relação à atividade profissional, algumas já tinham certeza em qual área queriam atuar, afirmaram querer trabalhar na área de audiologia, apesar de não estarem atualmente atuando exatamente na área pretendida no início do processo de escolha.

Quando eu comecei a fazer o curso eu tinha uma visão bem voltada pro trabalho com a audiologia, com a deficiência auditiva, aos poucos eu fui descobrindo os outros caminhos da fonoaudiologia. Eu esperava trabalhar com áudio.

Meu sonho era poder trabalhar em audiologia, fazer uma boa avaliação audiológica, trabalhar a questão de orientação às famílias. Um trabalho de diagnóstico e esclarecimento em relação ao diagnóstico. [...]. Mostrar pra eles o que é uma audiometria e qual o impacto dela na sala de aula, o que a criança escuta, o que não escuta, como o aparelho de amplificação vai ajudar, como o professor deve se comportar, perante cada caso.

Então meu sonho inicialmente era trabalhar com audiologia, e depois mudei pra terapia e audiologia eu esqueci.

Outras tinham a área da comunicação como desejo. Ou ainda a expectativa de atuar como professora: “E sonhava também em dar aula, e acabei fazendo isso por um tempo”.

Eu sempre gostei muito da parte de fisiologia e do contato com o paciente, pra poder resolver alguma coisa da área da saúde mesmo, independente do que fosse e como eu sempre fui muito comunicativa e a fonoaudiologia trabalha com a área de comunicação, então eu pensei, vou poder associar as duas coisas, o lado da saúde e o lado da comunicação.

O que me chamou a atenção foi a idéia de trabalhar com comunicação, com linguagem, fala. Isso era o máximo que eu queria, e era o que eu sabia, que eu tinha lido no guia do vestibular. Não sabia exatamente do que se tratava associação da audição com a fala e linguagem.



Em função disso, as entrevistadas tinham expectativas quanto ao futuro profissional, inclusive algumas profissionais manifestaram o desejo de ser reconhecida, de ter certo crescimento durante o processo profissional. A valorização da profissão também apareceu como expectativa, pois a realização como profissional é um desejo presente nas falas das entrevistadas.

Na época o sonho era ter um emprego. Ser reconhecida. [...]. Eu tinha tudo era uma das poucas, tínhamos uma vida profissional pela frente. Mas enfim todas as minhas expectativas em relação à profissão foram satisfeitas, eu nunca tive nenhuma decepção, sempre fui super respeitada.

Sonhava com a possibilidade de estar crescendo dentro da profissão, a coisa de viajar para os congressos, conhecer coisas novas, diferentes. [...]. Eu tinha sede de querer aprender mesmo, de ir a todas as palestras. [...] a coisa do crescimento profissional, da busca, de ir pra vários lugares, se precisasse viajar, como fiz quando vim pra cá pra trabalhar.

Sonhava com as questões de poder viajar, fazer cursos, congressos, possibilidades de alargamento, pois como estava começando eu imaginei isso, ter que ir atrás dos lugares que as pessoas estivessem estudando o assunto e que isso iria crescer.

Tinha o sonho de estar bem, de estar feliz com aquilo que estivesse fazendo, por isso escolhi o rosto, que é uma das áreas que a gente trabalha na fonoaudiologia, mas pela expressão de felicidade, por estar trabalhando com uma coisa, que embora a gente não tenha uma valorização financeira grande, mas mesmo assim essa profissão me satisfaz. Era um sonho que eu tinha.

### **3.1.2 A formação acadêmica**

Com relação à percepção sobre as possibilidades e limitações do curso de graduação, a grande maioria das entrevistadas sentiu-se preparada para atuar logo após a formação. A parte teórica do curso foi considerada adequada e a estrutura também. No entanto, outras entrevistadas não ficaram satisfeitas com a formação e apresentam algumas queixas relacionadas ao conteúdo.

Uma delas frequentou um curso integral, com uma turma pequena e, devido a isto, o acompanhamento era adequado, eram realizadas muitas avaliações de pacientes, apesar das limitações científicas da época.

Outras do grupo fizeram os seguintes relatos:

Foi algo muito positivo, eu sentia que estava em um lugar onde se tinha muito conhecimento, convivia com pessoas que eram muito reconhecidas dentro da fonoaudiologia, que publicavam livros, a gente usava os livros das pessoas que estavam ali dando aula, pessoas reconhecidas, renomadas, faladas em congressos. Eu me sentia

uma privilegiada, estava cercada de pessoas que realmente entendem disso, que sabem fazer fonoaudiologia.

Quando eu me formei eu achei que eu estava preparada pra fazer as coisas das quais eu me dispunha na época. De maneira geral eu acho que a minha formação foi boa, mas em detalhes, ela pecou. Eu acho que o aluno que sai hoje da universidade já teve um ganho nisso, com as reformulações de matriz curricular...E assim por diante, mas eu saí bem, só que eu tive que correr atrás de muita coisa por conta dessas especificidades da fonoaudiologia e das lacunas que ficaram no processo de formação.

Foi um grande aprendizado! Foi crescimento pessoal e profissional, pois queira ou não o Rio de Janeiro é um grande centro. Eu aprendi muito, muito, muito. [...]. O meu curso de fonoaudiologia foi muito legal, muito bom mesmo, aprendi muito. Tudo era novo, a gente atendia e corria atrás do que não sabia. Foi muito dolorido, mas era muito gratificante.

Outras, no entanto, apesar de referirem que, enquanto fazia m, achava m o curso adequado, depois de formadas, perceberam algumas limitações. Mesmo assim, saíram satisfeitas com o conhecimento construído na graduação.

Eu acho que saí bem, mas época eu achava que não. Mas logo que eu me formei eu fui pra Curitiba fazer especialização e descobri com o meu saber, com o que eu tive, mas acho que isso é pessoal também, o aluno faz a sua parte acadêmica ser boa ou ruim. Depende da tua dedicação, mas eu tive uma boa formação, a gente sabia, tinha firmeza, muita sede de atuar, de buscar, nós éramos autocríticas. A gente estava sempre questionando, sempre buscando, complementando.

Lá tinha umas coisas muito boas. Porque se tinha uma estrutura muito boa. A questão de trabalhar com surdo era muito forte, o Hospital Universitário era bem equipado, o trabalho de fonoaudiologia era bem estruturado, então a área de audiologia era muito boa também, muito mesmo. Mas a vantagem grande é que no segundo semestre nós já estávamos no hospital, somente acompanhando os estágios, somente vendo e no quarto semestre já atuando mesmo, em audiologia. Então tínhamos uma boa estrutura, e eu gostava muito, adorava estar lá, estudar.

Em relação às limitações no processo de formação, as entrevistadas referem-se às dificuldades em torno do distanciamento entre a teoria e a prática, o estágio prático com poucos pacientes para atender, a falta de pesquisa e atualização, a qualidade de ensino em voz e a bibliografia com publicação em língua estrangeira.

O grupo faz referência ao conteúdo insuficiente na área de voz. As mesmas têm respectivamente vinte e um, dez e dezenove anos de formadas. Referem-se também a limitações no estágio prático:

Acho que faltou a parte de terapia, quer dizer não propriamente terapia, mas à parte de terapia de voz. Hoje trabalho bastante nessa área, mas tive que correr atrás, a faculdade não me deu essa base.

Faltaram muitas coisas, uma boa qualidade de ensino para um bom atendimento em voz, ter mais pacientes no período de estágio. Pra ter mais noção de como é um atendimento, o que a gente teve é muito pouco, eu lembro quando a gente chegava em terapia, eram dois pacientes, isso é muito pouco, dois tipos de caso e acabou. Eu saí muito crua. A gente sai da faculdade e é jogado no mercado de trabalho, sem a menor condição de estar dando um bom atendimento pro cliente. [...] mas eu me sentia muito crua mesmo, pro mercado de trabalho.

Voz eu não posso nem comentar porque a voz foi horrível. As questões com o deficiente auditivo foram boas, justamente porque consegui trabalhar as dificuldades que eles apresentavam, como um todo.

Quando eu comecei a fazer terapia, eu comecei com o DA, e eu não me sentia capacitada. Porque eu achava que na formação acadêmica a gente não teve a base pra trabalhar com DA e isso eu acho até hoje. [...] na questão da deficiência auditiva, em exames mais aprimorados da audiolgia, no trabalho mais específico com pacientes neurológicos, como no caso da disfagia por exemplo. Tem essas particularidades que eu acho que pecou durante a minha formação.

Quando comecei a atender ficou muito confuso pra mim o que eu faria com cada pessoa que chegava porque na faculdade a gente aprende tudo separado e o indivíduo é um todo. Tive que ir a busca desse conhecimento. Estudei muito, fiz cursos. Faltou à relação entre teoria e prática, e a visão do indivíduo como um todo.

Posso te dizer assim que cada matéria foi bem dada, dentro do que se propunha na época. Mas não havia o encontro entre elas, os professores não conseguiam fazer a união. Porque eu tenho que trabalhar psicomotricidade, e porque eu tenho que trabalhar isso aí dentro de uma dislalia. Elas não conseguiam passar todo o conhecimento para que isso acontecesse.

Outra parte do grupo coloca como limitação o pouco contato com pesquisa e a falta de relação entre disciplinas generalistas e fonoaudiologia:

Faltou um olhar voltado para a pesquisa na minha formação. Como fazer pesquisa, não se tinha a prática de estar registrando, compartilhando, discutindo. Só alguns professores que na época faziam mestrado é que traziam essa prática, mas era pouco. Não tínhamos

nenhum professor doutor, entre as fonoaudiólogas, na época. Então faltou isso na minha formação, foi deficiente, fora que esses mesmos professores não tinham experiência de profissional, de atuação mesmo. Faltou também diálogo com outras áreas que davam aula pra gente, por exemplo tínhamos física acústica, mas o professor dessa disciplina não discutia com as fonoaudiólogas para discutir o que de física acústica nos interessava. A mesma coisa acontecia com anatomia, víamos tudo, e não havia uma discussão para focar no que mais interessava para o curso. Na época, não sentia essas dificuldades, mas depois de formada, aparecem as deficiências da formação e a gente começa a refletir sobre o assunto, sobre o processo.

A falta de bibliografia em língua portuguesa foi a limitação que dificultou o processo de aprendizagem de algumas durante a formação acadêmica e conforme o seguinte relato:

Estava muito no começo, tanto que na época, pra você ter uma idéia, não se tinha bibliografia em língua portuguesa, ou era espanhol ou era francês. Apesar de eu sentir que mesmo com todas essas dificuldades, que existia na fonoaudiologia, mas não era profissão, não havia literatura produzida pela área, mesmo assim os professores faziam com que nós adquiríssemos noções que vão ficar para o resto da vida.

### **3.1.3 A escolha da área de atuação**

Seguimos com a descrição da percepção. A percepção da escolha da área de atuação, ou seja, a área em que este grupo de fonoaudiólogas tiveram o desejo de se especializar e em que estão trabalhando. A profissão de fonoaudiólogo tem cinco especialidades regulamentadas pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia: voz, audiologia, linguagem, motricidade oral e saúde pública. A maioria das entrevistadas escolheu a área em que estão atuando devido a oportunidades que apareceram ao longo das atividades que exerciam. Outras ainda tiveram uma identificação forte com a área e, por último, o fato da área permitir resultados mais rápidos com o paciente.

Com relação às oportunidades, algumas referiram que : “[...] já trabalhava com surdo e achava que precisava de mais conhecimento”. Uma delas passou em um concurso e foi chamada para assumir o cargo, não sabia claramente suas funções, mas aceitou o desafio:

Foi meio sem querer, porque quando me chamaram pra trabalhar na Universidade eu nem sabia o quê que era, fiz o concurso e passei. [...] saí da fundação e fiquei só na universidade, era dedicação exclusiva, não podia fazer outra coisa, eles não contratavam, por isso não fiz fonoaudiologia clínica, fiquei só na docência em educação especial.

As seguintes colocações sobre sua escolha da área de atuação também foram: “Escolhi motricidade oral porque eu já trabalhava nessa área. Assim, na verdade eu queria saber um pouco mais dentro daquilo que eu já tinha estudado, pra inovar a terapia, dar motivação pro meu cliente e mais entusiasmo dentro da terapia. [...] Essa formação foi boa, diferente da graduação”.

“Inicialmente eu não escolhi uma área. [...] pensava em trabalhar com audiologia, mas como não tive oportunidades [...] eu iniciei na terapêutica, com consultório. E isso acaba levando a motricidade oral, linguagem e fui fazer especialização nessa área, então eu acho que meu percurso começou assim. Não foi com uma escolha pré-determinada, aconteceu”.

Uma delas conta que passou a ser professora depois de dar aula na Pedagogia: “[...] trabalhava inicialmente em consultório, e trabalhava também com a parte de audiologia. [...] Assim que começou a minha história como docente, foi dando aula no centro de filosofia, no curso de pedagogia. [...] trabalhava inicialmente com as questões da psicolinguística e depois com os distúrbios da comunicação, até conseguirmos abrir o curso de fonoaudiologia”.

Outra começou a dar aula na área de linguagem e refere que surgiu a oportunidade de trabalhar com audiologia, então resolveu fazer uma especialização. Segue abaixo relato das três entrevistadas:

[...] o que aconteceu na verdade e eu acho que foi por aí, quando eu comecei a dar aula a disciplina era na área de linguagem e na verdade eu acabei estudando muito mais à parte da linguagem. E o que isso acabou acarretando que no consultório eu acabava atendendo mais pacientes que tinham atraso no desenvolvimento de linguagem, alterações na fala, dificuldades de leitura e escrita, áreas mais relacionadas com a linguagem e não com a audiologia. Na universidade eu acabei sempre trilhando o caminho para a linguagem e para a área da terapia. No fundo acho que foi isso as oportunidades foram aparecendo e me fizeram ficar na área da linguagem.

Fui caminhando de acordo com que as necessidades que iam aparecendo em cada época da minha vida, do momento e da cidade em que eu estava morando. [...] fui me dedicar a audiologia quando cheguei aqui em Itajaí. Surgiu a oportunidade de trabalhar com audiologia e eu fui fazer especialização na área. Estes dias eu estava pensando se as minhas vocações principais, primeiras não era a docência. Eu já tinha feito o magistério porque eu queria dar aula. Queria ensinar. Depois de muito tempo trabalhando, fazendo clínica eu voltei pra docência. Realizo-me muito dando aula. Juntei dois prazeres em uma coisa só, que é dar aula sobre um assunto que hoje eu conheço muito, que é a audiologia.

Quando eu terminei um estágio, na PUC eles davam oportunidade de fazer estágio extracurricular na área de audiologia educacional. [...]. Aí eu entrei nesse estágio e ele me deu uma satisfação pessoal muito grande. Gostava muito da supervisora, admirava muito como profissional. Aí você começa a conviver com essas pessoas, que você começa

admirar muito, dentro dessa área, comecei a ver que tinha uma janela enorme de trabalho com surdos que eu podia estar fazendo, que eu podia estar crescendo, atendendo. Eu fiquei o ano inteiro fazendo esse estágio. E aí eu falei não é isso aí que eu quero, eu to gostando.

Em relação à Identificação algumas do grupo relataram o seguinte: “Foi identificação eu acho com essa área, embora voz eu gostasse bastante. Eu consegui ver que eu tinha mais habilidades na audiolgia do que em terapia. Gosto de trabalhar com diagnóstico. Na verdade fiquei três anos fazendo de tudo e depois me defini pela audiolgia”.

Uma das entrevistadas do grupo acredita que a identificação se deu pelo fato de conseguir usar a criatividade na área de voz e outra se identificou com a área de linguagem por ter tido pacientes que precisavam de seu auxílio nessa área, segue depoimentos das respectivas entrevistadas:

Acredito que a área de voz é a área onde nós podemos criar mais. Eu me sinto muito criativa, eu digo que o espaço de criação é o meu consultório quando eu estou em terapia vocal, porque eu pego muitas coisas, coisas do teatro, coisas do canto, coisas que eu vou tendo compreensão dos processos fisiológicos, terapia bioenergética, outras coisas. [...] e voz é onde eu consigo me soltar mais, criar mesmo. Mas tem também as questões de metodologia que me faz alcançar os objetivos de uma forma bem tranqüila.

Desde o início eu fui para a linguagem porque eu comecei trabalhando com afásico foi a coisa que eu mais fiz no Hospital Municipal e no consultório que eu trabalhei. Então foi assim me identifiquei com a linguagem, a parte teórica era o que mais me atraía e também pela circunstância de vida, de ter pacientes com esse tipo de dificuldade. E eu sou especialista no assunto pelo tema desenvolvido no mestrado e doutorado, pelo conselho federal de fonoaudiologia, eu não fiz um curso de especialização.

Parte do grupo de fonoaudiólogas relataram que a escolha pela área de voz se deu por acreditarem que é uma área com resolução rápida dos distúrbios.

Já a especialização em voz eu escolhi por ser muito prático, é uma coisa que a gente intervém e funciona muito rápido. Eu estou acostumada a lidar com Síndrome de Down, deficiente auditivo, até com o próprio atraso de linguagem e isso demora um pouco mais. Então eu vim pra voz porque o resultado é um pouco mais rápido. É claro que a intervenção vai ser a mesma, mas o objetivo da terapia é alcançado mais rapidamente.

Olha na verdade eu fiz de tudo e gosto de muita coisa na fonoaudiologia, mas não tenho mais paciência. Então a área de voz é uma área que é muito rápida, tu tens uma evolução rápida ou o paciente desiste. E a outra área que eu gosto é a de autismo, mas tem que ter muita paciência e amor, os pais têm uma paciência maior pra esperar o desenvolvimento e o resultado. Então são as duas áreas que eu mais atuo hoje. Que são as áreas que eu mais

gosto. Primeiro o autismo porque ninguém sabe atuar e na área de voz porque dá um resultado rápido.

Eu acho que pela minha pressa de ver a coisa acontecer. Primeiro foi com a audiologia, que é diagnóstico, o resultado sai na hora e depois vieram as questões da voz, que também dá um resultado rápido, fiz minha especialização nessa área e gosto bastante pelo resultado que dá. Acho que é uma coisa minha mesmo, tenho que ver a coisa acontecer rápido.

### **3.2 UM OLHAR SOBRE O PRESENTE**

#### **3.2.1 Percepção sobre a situação profissional**

Em relação à percepção sobre a situação de trabalho, emergiram categorias relacionadas ao reconhecimento e a boa remuneração para algumas e a instabilidade financeira, a frustração com a área e a aposentadoria, para outras.

O reconhecimento profissional foi a categoria que mais emergiu. Seis fonoaudiólogas do grupo afirmam que, ao longo dos anos de atuação, foram conquistando isto.

Em termos de local de trabalho, são dois locais que eu sou respeitada. As minhas opiniões e sugestões são aceitas. Em termos de espaço, junto às outras áreas, que tenho relação mais próxima à minha realidade de trabalho, sou respeitada. Penso que eu ser respeitada significa que a fonoaudiologia está sendo respeitada e que há um reconhecimento pelo que fiz e faço. Nesse meu momento, o grande ganho, é o reconhecimento, e não é o financeiro. Mas ainda tem muito a conquistar!

Algumas fazem afirmações bem positivas das suas realidades atuais, segue abaixo o relato das mesmas:

A minha realidade hoje está ótima, eu faço o que eu quero, na hora que eu quero, do jeito que eu quero, está perfeito, atendo quem eu quero! Não trabalho de manhã porque não quero mais, tenho quase trinta anos de profissão, atendo no consultório aqueles pacientes que têm maiores necessidades de serem atendidos por mim e dou aula que é uma coisa que está me realizando bastante, onde eu passo conhecimento desses anos todos. Então está num ponto muito legal!

Hoje eu estou em um lugar onde eu sou reconhecida, me sinto bem assim, eu tenho muito mais reconhecimento profissional do que eu tinha até em São Paulo, até por estar em um lugar menor. Dentro do contexto fonoaudiologia eu acho que estou bem, tenho dois empregos, com carteira assinada, eu valorizo muito isso! Sinto-me muito bem de ter feito o mestrado, acho que isso me abriu muitas portas aqui. Depois que saí de universidade que fechou, fiquei muito pouco tempo sem emprego, não pensei que fosse conseguir emprego

tão rápido. Sinto que estou preparada para estar aqui, mas como eu te falei, sempre estar buscando coisas novas. É uma realidade tranqüila, me sinto satisfeita com as coisas que eu estou fazendo.

A minha realidade profissional é bem interessante porque eu continuo amando a fonoaudiologia e tenho a possibilidade até de desenvolver em outras áreas coisas novas, [...] mas tudo que eu penso me traz de volta para fonoaudiologia, é uma coisa assim, eu me reconheço como pessoa, como ser humana sendo fonoaudióloga, embora a fonoaudiologia não seja tudo na minha vida, mas é nela que eu me reconheço muito. Consigo reinventar a nossa profissão, buscar outros lugares, outros caminhos, deixar um pouco o preconceito do que seria muito científico pouco científico. Pra mim a realidade é a possibilidade de fazer muitas coisas, cada vez mais. Criar. Por isso que a gente ainda está se firmando, nosso processo de reconhecimento da profissão no mercado ainda está aberto, mas temos mais reconhecimento hoje em dia, sinto isso! Mas não fechamos ainda nosso leque de atuação

Tiveram aquelas que no transcorrer do processo tiveram algumas dificuldades e, na atual fase, está se estruturando novamente, está recomeçando:

Depois de dois anos de abalo na minha vida profissional, eu posso dizer que eu estou começando a ficar tranqüila novamente. Não por uma estabilidade profissional, mas tranqüila comigo mesma. [...] Eu pensei quem vou ser eu agora, depois de tudo isso? Mas hoje depois de dois anos eu posso falar que o meu eu profissional está começando a ficar equilibrado de novo. Eu sei que vai acontecer o fechamento, vai ter essa morte, mas eu não estou morrendo como profissional. Eu continuo sendo uma profissional, eu vou procurar outros espaços, eu vou aprender a fazer outras coisas. Então é assim que eu me sinto hoje, me sinto bem de novo como fonoaudióloga. A minha realidade hoje é essa, estou recomeçando!

O momento profissional atual para algumas fonoaudiólogas do grupo está atrelado à boa remuneração que têm, a parte financeira está de acordo com as expectativas das mesmas:

Pra mim está bom, tenho uma boa compensação financeira porque no particular eu cobro bem, porque também atendo bem. Sou respeitada pelos meus pacientes e sou bem direta nisso. Todas nós devíamos valorizar também a parte financeira, e não só o reconhecimento, respeito por parte do paciente.

A minha realidade está boa, eu trabalho bastante tem semanas que eu toco de segunda-feira a sexta-feira e ainda tenho que trabalhar final de semana. No sábado de manhã, ou sábado à tarde, eu limito um período. No domingo a mesma coisa, eu limito um período e vou. Sou bem remunerada. Eu adquiri um respeito pelos meus pacientes que é mútuo, tanto sou respeitada, quanto respeito as pessoas. Estou feliz profissionalmente, não tenho do que reclamar.



No entanto, algumas estão passando pelo momento inverso, ou seja, estão atualmente com dificuldades financeiras e acreditam que isso vem piorando no decorrer do tempo: “Financeiramente piorou, mas a profissão em si está mais reconhecida, teve um movimento muito grande, de muitos profissionais para que isso ocorresse, o campo aumentou muito, a produção científica também [...]. A realidade de reconhecimento da profissão caminhou bastante e a realidade financeira não acompanhou esse processo, piorou muito”.

Em termos de trabalho a realidade existe, o que não existe é o retorno financeiro. E é uma preocupação porque a gente trabalha demais e ganha muito pouco. [...] . Uma coisa é a valorização profissional, as pessoas te respeitarem, sabem que a gente estuda, que batalha pela profissão e outra coisa é dar conta de sobreviver com o salário, pagar as contas mesmo, isso é muito difícil. Estou falando das coisas básicas, e isso estressa muito, é sofrido para o fonoaudiólogo. Nesses dez anos eu não pensei em ficar rica, mas pensei sim em estar tranqüila e eu não posso dizer que estou tranqüila [...]. Sinto uma instabilidade financeira maior depois que parei de dar aula. Essa é a minha realidade hoje.

A minha realidade hoje é meio frustrante, mas olho pra traz e vejo que na parte de atuação eu tive muito boas oportunidades. E pensando no que eu ajudei as pessoas, algumas famílias, crianças, adultos, idosos, acho que eu tive uma parcela de contribuição para a profissão. [...] nunca fiquei desempregada. Mas o lado financeiro que é uma questão que a gente sempre almeja também, isso é bastante duro, a realidade fonoaudiológica não é fácil, a falta de valorização ainda existe, está mudando, já melhorou muito, mas ainda deixa muito a desejar, nessa parte sou bastante frustrada.

No discurso de uma das profissionais do grupo fica bem evidente o momento de crise pelo qual esta profissional está passando, uma vez que é professora e que as faculdades estão passando por um momento de crise também:

Sou professora há doze anos, no curso de fonoaudiologia. Existe uma crise nos cursos de fonoaudiologia no país inteiro, e no curso que eu dou aula também. A minha realidade como docente está ruim. A minha carreira como docente está terminando. E daqui pra frente ter que investir em uma área diferente é complicado. Eu fiz todo investimento pra me qualificar como docente. Fiz especialização, mestrado, doutorado, metodologia do ensino superior. E quando termino o doutorado, meu curso termina também. É uma decepção muito grande, você se prepara, o que penso é tão amplo e não tenho onde aplicar esse conhecimento todo. Como docente não está bom e como fonoaudióloga também não é uma realidade que me dá muito prazer não! Como fonoaudióloga a profissão está em crise, por isso não tem gente pra fazer vestibular e os cursos estão fechando. Estamos

na crise da adolescência da nossa profissão, é uma jovem em crise. Parece que a profissão perdeu o foco, se dividiu muito, muito, muito!

Outra no entanto está passando por um momento bem peculiar dentro da fonoaudiologia, pois está em processo de aposentadoria, logo sua preocupação atual é saber se vai conseguir se adaptar sem exercer suas funções:

A minha realidade é um pouco diferente porque estou em processo de aposentadoria, sou diferente da moçada que está iniciando eu já vivi esta expectativa, hoje os meus questionamentos são outros, a minha busca é outra, porque já estou em término de carreira. Eu não estou com a incerteza profissional, mas tenho a incerteza da sobrevivência com a aposentadoria. Como vou sobreviver fora do contexto universitário?

### **3.2.2 Percepção sobre o trabalho em equipe**

Nesta categoria emergiram duas subcategorias: a relação intradisciplinar e a interdisciplinar. As profissionais entrevistadas se reportaram às dificuldades com as próprias colegas de profissão, as dificuldades em trocar informações sobre pacientes comuns, que são atendidos por especialidades diferentes dentro da fonoaudiologia.

Algumas suscitam questões acerca do convívio entre as próprias fonoaudiólogas e relatam as dificuldades de comunicação que aparecem durante essa conturbada relação do cotidiano. Seguem abaixo as respectivas experiências:

Poderíamos falar da relação dos profissionais da fonoaudiologia, o começo de uma profissão é a integração desses profissionais. O que está faltando primeiro é arrumar a nossa casa, nos integrarmos enquanto entidade de classe, os outros profissionais que trabalham conosco gostam muito de nós. Teve esse problema do ato médico, mas isso é pequeno perto da nossa própria desunião, é politicagem. Nunca tive problema com otorrino nenhum, [...]. Todos os profissionais que têm a oportunidade de conhecer a fonoaudiologia acabam gostando e sentindo a necessidade do nosso trabalho.

Meu problema maior foi com fonoaudiólogos, de trocar informações com eles. Sempre tive muita facilidade com outras especialidades médicas, como o cirurgião plástico em casos de fissura que atendi, e pediatras também, sempre tive um bom trânsito em todas as áreas que precisei trocar informações sobre pacientes em comum. A maior dificuldade foi obter informações de fonoaudiólogos mesmo.

Em relação aos profissionais de áreas afins algumas entrevistadas não têm queixas, sentem-se respeitadas e conseguem trocar informações com esses profissionais, no entanto, algumas referem que ainda existe certa dificuldade de troca, dificuldades de encaminhamentos e de uma representação social mais forte da fonoaudiologia. Uma profissional refere que a fonoaudiologia fica muito ligada à técnica e não consegue trocar com outras áreas por estar muito fechada no seu próprio fazer fonoaudiológico. As profissionais que apontam dificuldades com as áreas afins, referiram-se também ao ato médico e dizem que esta manifestação acabou abalando as relações com os médicos em geral.

Nas palavras de uma profissional do grupo: “A relação com as áreas afins não me dificultou. [...] não te posso dizer que são todos, posso-te dizer que foram aqueles que eu me relacionei”.

Eu nunca tive problema, tanto na área da medicina quanto nas outras áreas. Nunca tive nenhum otorrino, sei que existe, a gente ouve muito, mas eu pessoalmente nunca tive nenhum problema ao trabalhar com eles, de não obter informações, de não haver troca.

Uma parte do grupo relata que atualmente está melhor, mas que a dificuldade já existiu:

Ultimamente está bem bom, está melhorando cada vez mais. Porque há vinte anos era muito complicado. Eu vejo que hoje em dia a gente fala e as pessoas te respeitam um pouco mais. Porque isso foi crescendo, a base foi ficando cada vez maior, mas só vão te respeitar se o profissional não fizer besteira, se mostrar que sabe bem da coisa. Não tenho problema com isso!

Não tenho e nunca tive nenhuma dificuldade. Mas no geral a fonoaudiologia tem muita dificuldade, acredito que as fonoaudiólogas de uma maneira geral não conseguem se impor e se alguém diz uma coisa contrária, já ficam morrendo de medo, pela falta de conhecimento, pela falta de experiência, as pessoas desvalorizam.. Acho que falta confiança naquilo que elas fazem e pra isso precisa ter conhecimento e precisa ter experiência pra saber que aquilo que elas conhecem realmente acontece.

Parte do grupo demonstra que tem um ótimo relacionamento com profissionais de outras áreas. Em suas afirmações, ficam evidentes o reconhecimento pelas trocas mútuas:

Pra mim se não fosse os profissionais de áreas afins eu estaria somente dentro de um consultório até hoje. Como eu te disse eu conquistei meu espaço, eu fui à luta, eu não fiquei sentada na cadeira esperando. Eu fui conhecer otorrino, fui conhecer ortodontistas,

conheci neurologistas, pediatras, odontopediatras. Eu fui mostrando quem eu era, tenho uma relação ótima com esses profissionais e devo muito a eles. Essa postura é muito pessoal, sou assim. E da fonoaudiologia em geral eu acho que a fonoaudióloga fica sentada na cadeirinha esperando e ainda falam mal dos outros profissionais.

A minha relação é boa. Mas sei que fora é muito complicado. Eu vejo profissional falando de outro profissional. As pessoas têm que discutir entre si, entre os profissionais e [...] Isso complica o andamento de tudo. [...] a minha relação também é boa porque essa questão de ir atrás, estudar faz as pessoas te respeitarem. Temos que trabalhar pelo bem comum, eu cresço, o outro cresce e o paciente é bem assistido. Aprendemos juntos, e é muito bom tirar as dúvidas em comum. Uma coisa é verdade os médicos têm o defeito de achar que nós precisamos mais deles do que eles da gente. Na verdade quem precisa mais não interessa, isso não existe. Um precisa do outro e pronto. Realmente ainda existe muita diferença, muita dificuldade de contato, por conta disso. Mas ir com jeitinho e quebrar barreiras, sem medo de perguntar, sem ir armado.

Apesar de algumas fonoaudiólogas do grupo referirem que não têm ou que já tiveram e atualmente melhorou o relacionamento com os profissionais de outras áreas, outras referiram ter dificuldades. Relatam que ainda é uma situação delicada, que de vez em quando chega a criar situações desconfortáveis. Citam ainda a questão do ato médico como um fato que colaborou para piorar a situação.

É uma relação delicada, mas eu acredito que já foi pior, já caminhou, já somos mais respeitados. [...] é ir aproveitando as oportunidades que surgem pra dizer o que sabemos, com fundamentação. Nós valem a pena, nosso trabalho tem valor. Dá muito trabalho, todo mundo vive correndo, o tempo é precioso hoje em dia, mas vale a pena.

O médico pediatra tem mais dificuldade de encaminhar para a fonoaudiologia. [...] E com o pediatra apesar de a fonoaudiologia saber disso há anos e ter trabalhado com eles, parece que ainda não sabem quando encaminhar. Mas particularmente nunca tive problemas com profissionais de áreas afins.

[...] mas não acho que seja uma parceria fácil, principalmente com médicos, acho que ela é mais possível com os ortodontistas. Acho que a gente precisa ainda fazer uma coisa que eu não gosto, que eu acho que já devia ser superado, ser desnecessário; é ficar provando que a gente é capaz, e pros médicos a gente ainda tem que fazer muito isso. Provar que você é capaz, provar que o nosso trabalho é essencial, provar, provar e provar. A parceria com médicos ela ainda é muito complicada. Dos lugares que eu já trabalhei foi à parceria mais complicada. [...] os médicos realmente são os mais difíceis.

Acho que ainda é muito precário, é muito insuficiente. Essa questão do ato médico, do otorrino, abalou muito essa relação. Existem muitos profissionais que se acham auto-suficientes, [...] de tudo que a gente pode trabalhar a fonoaudiologia é pouquíssima

reconhecida, valorizada, os profissionais não dão importância [...]. É uma coisa que a gente sempre tem que estar lutando, dizendo estou aqui, estou aqui, eu faço isso, porque eles não estão nem aí, acho que não vão estar aí nunca, eu vejo como uma coisa difícil.

### 3.2.3 Possibilidades e limites da profissão

Grande parte das profissionais do grupo estão satisfeitas com a profissão que escolheram, e mesmo aquelas que, por um motivo ou outro não estão satisfeitas referem que não se imaginam fazendo outra coisa, não se imaginam atuando em outra área. O fator que mais propicia a satisfação das entrevistadas é o reconhecimento, enquanto que os fatores que geram insatisfação são o estresse, a própria realidade pessoal e a falta de valorização.

Segue relato de uma delas: “Está bom, sou satisfeita com o que faço e realizada dentro da minha profissão”. Outra refere o seguinte: “Quando alguém me diz que o que eu fiz deu certo, é um momento pleno. Estou muito satisfeita como profissional, mas acho que não seja geral isso”!

Segue alguns depoimentos referente à satisfação em ser fonoaudióloga:

A minha satisfação está ótima. Não tenho do que me queixar, ser fonoaudióloga em nenhum momento foi um peso pra mim. Ser fonoaudióloga é uma coisa totalmente positiva, não me vejo em outra profissão.

É legal porque tu tens o reconhecimento das pessoas, e isso é uma coisa bem interessante. Tem reconhecimento dos alunos, dos professores que são teus colegas, continuo a ter um bom êxito com meus pacientes. Eu estou bem profissionalmente, muito realizada.

Estou satisfeita, no geral, eu vejo a fonoaudiologia muito bem, [...], há alguns anos atrás ninguém sabia o que era, e hoje já está aí todo mundo já sabe, já procuram o fonoaudiólogo. As pessoas mais simples, desinformadas e ignorantes já sabem o que a fonoaudiologia faz. Antigamente o médico é que resolvia todos os problemas, hoje não, e acredito que seja isso que levou ao ato médico, o médico não é mais o dono da razão.

Uma das profissionais do grupo, além de estar satisfeita, tem a sensação de dever cumprido para com a profissão, tanto que relata isso com bastante convicção:

Foram trinta anos muitos bem vividos de profissão, vivi tudo dentro da profissão, eu fui super feliz, super realizada e estou na crise da aposentadoria. Mas vivi também a crise pior, onde ninguém conhecia a fonoaudiologia, a crise para abrir o mercado. Abri o

caminho da fonoaudiologia a picareta, as pessoas perguntavam o quê era isso! Passei pela crise de mercado e consegui me firmar como profissional, e fui feliz, felicíssima da vida com essa profissão, realizadíssima. Sou uma pessoa feliz que continua apaixonada pela fonoaudiologia. A vida é isso e vou morrer me sentindo como uma grande fonoaudióloga.

Outras profissionais do grupo, apesar de dizerem-se satisfeitas, parecem estar em dúvida quanto a essa questão, pois existem momentos de crise e momentos de satisfação. Seus relatos comprovam essas afirmações:

Depende. Tem horas que dependendo do estresse emocional durante o dia me bate aquela vontade de fazer outra faculdade, mesmo que seja à noite. Mas ao mesmo tempo em que eu tenho vontade de fazer isso, eu penso que não vou conseguir, não vou conseguir me desvincular da fonoaudiologia porque é um negócio que eu gosto muito. Eu não consigo me imaginar fora disso. [...] eu sou muito satisfeita com a minha profissão. Envaidece-me ser fonoaudióloga. Eu sei o valor que a fonoaudiologia tem, mesmo que algumas pessoas não acreditem nisso. Eu sei que é uma profissão importante e luto para que as pessoas reconheçam isso e dê o devido valor.

Entre os fatores que limitam a satisfação das fonoaudiólogas deste grupo, que não estão satisfeitas com a profissão são: o estresse, a realidade pessoal e a valorização da profissão no mercado de trabalho: “Financeiramente não estou muito satisfeita, você me pegou nesse momento. Por eu ter iniciado profissionalmente numa época em que as coisas eram bem mais fáceis se comparado com o momento atual. Está sendo mais difícil e eu não estou satisfeita”.

Não vou te dizer que é uma coisa que eu morro de amores hoje em dia, já fui muito mais deslumbrada. De fazer aquilo, aquilo é a melhor coisa do mundo, atender. Mas tem muita coisa que me dá satisfação, coisas menores. Não tenho mais o deslumbramento geral da profissão. Mas não me vejo fazendo outra coisa, até já pensei, mas não me vejo fazendo. Quando pensei não me achei em nada, não consigo me enxergar fazendo outra coisa.

Não tem satisfação, estou insatisfeita, muito insatisfeita, eu fico indignada, eu quero ir à luta, quero ir pro rádio. Falei pro meu marido, vou escrever pro Lula e dizer senhor presidente corrija sua fala, valorize a nossa profissão! Porque o Vicentinho corrigiu e assumiu diante da televisão que foi com tratamento fonoaudiológico. O nosso presidente deveria dar o exemplo, pra pelo menos melhorar nossa profissão. Ele deveria ser nosso garoto propaganda. Estou insatisfeita, revoltada e furiosa! Mas pra arregaçar a manga e ir à luta. Não vou me entregar não!

Só queria que a fonoaudiologia fosse mais valorizada e que conseqüentemente pudesse me dar um retorno financeiro melhor. Valorização científica e profissional. Que eu pudesse me manter descentemente com meu salário, pudesse viajar e ter uma conta no banco mais

tranqüila, e com isso trabalhar melhor, mais satisfeita. Só isso! O que me deixa realmente feliz é que eu faço o que gosto e não fico reclamando que é ruim. Pior seria o contrário, ganhar um bom dinheiro e ser insatisfeito por fazer o que não gosta; ou pior ainda ganhar mal e fazer o que não gosta. Eu pelo menos me consolo fazendo o que gosto, apesar de ganhar mal.

As questões que mais incomodam as profissionais são: a falta de união da classe é um desses desafios, a dificuldade em divulgar a profissão, bem como conquistar mais espaços no mercado de trabalho. As profissionais reclamam bastante da questão financeira, e, para algumas profissionais deste grupo, as fonoaudiólogas têm dificuldade de lidar com as cobranças financeiras, de valorizar financeiramente seu trabalho. A falta de emprego também é um desafio referido pelas profissionais. O ato médico foi uma das questões pontuadas pelas profissionais, bem como a rapidez na construção e mudança do conhecimento fazendo, com que o profissional tenha que se atualizar constantemente. Também foi lembrada pelas profissionais a queda no atendimento particular, substituída por novos modos de pagamento da sessão, através de convênios, bem como a necessidade da Fonoaudiologia se engajar na saúde pública. Uma profissional ainda se reportou ao objeto de estudo da fonoaudiologia, na necessidade de termos este objeto muito claro para podermos atuar e resolver os desafios citados.

Em relação à falta de união entre a classe, temos o seguinte relato: “Temos que ter consciência de grupo, muito respeito entre nós pra crescermos. Ter muita ética, muita dedicação e aprender a trabalhar em grupo, com respeito”.

Segue outros depoimentos:

[...] o começo de uma profissão é a integração desses profissionais. O que está faltando primeiro é arrumar a nossa casa, nos integrarmos enquanto entidade de classe, os outros profissionais que trabalham conosco gostam muito de nós. Teve esse problema do ato médico, mas isso é pequeno perto da nossa própria desunião.

Vejo muita dificuldade de troca entre fonoaudiólogas mesmo, às vezes eu preciso saber o que está acontecendo com um paciente daqui, mas que também é atendido fora, é muito difícil essa troca, as pessoas escondem as informações, a resistência é muito grande, chega a ser ridículo. [...] tento ir atrás, conversar com as pessoas e mudar esse comportamento, porque muitas vezes é falta de experiência e imaturidade do profissional. [...] quando encontro um profissional com dificuldade de trabalhar assim eu tento ajudar, a pessoa precisa de apoio pra compreender que não é assim, que o processo deve ser diferente.

Eu vejo que a profissão, esses dias eu ainda estava fazendo uma análise, a gente teve momentos na nossa profissão em que não tínhamos a profissão reconhecida, era meia dúzia de gato pingado lutando para esse reconhecimento e lembro o quanto à gente era unido! E isso dava força! Hoje é reconhecida e eu sinto que a fonoaudiologia, infelizmente é dividida. Agora a luta é entre nós mesmos, entre os que trabalham na área da linguagem com as diferentes correntes teóricas, e entre as grandes áreas, audiologia e terapia fonoaudiológica. Infelizmente vejo a fonoaudiologia muito dividida e um pouco perdida por consequência disso.

Às vezes a fonoaudiologia se desgasta muito em intrigas menores e isso é um aspecto negativo. [...] temos essa característica de ter intrigas internas que nos desarticulam e não nos deixa construir uma profissão com mais força, com mais reconhecimento fora do nosso círculo. Vejo muita disputa e muita vaidade em jogo. É um grupo que se une pouco em torno dos seus objetivos, é uma luta muito grande, de poucos que estão à frente dessa luta, de uma maneira muito meritória, mas é uma luta muito sofrida. Muita gente trabalha nessa luta, dão a vida por essa profissão em sindicatos, conselhos regionais e às vezes tudo acaba em decepção. E acredito que como profissão, se não fossem essas coisas, era pra termos um espaço público muito maior, já está passando da hora de pararmos de brigar dentro de casa, nos unir e brigarmos juntos fora de casa. Juntos podemos brigar por esses espaços, somente juntos, não vejo outra forma. A gente vê que está crescendo, só não tem união e faltam as representações sociais dessa profissão, que a reconheça como essencial.

Em relação à falta de divulgação, o grupo acredita que precisamos divulgar nossos trabalhos fora do círculo da fonoaudiologia, como mostra este relato:

[...] mas ficamos muito in, só dentro, só pra nós. Apresentando trabalhos nas nossas revistas, tem que divulgar mais, vender a fonoaudiologia. Acabamos não fazendo nosso próprio marketing. Precisamos aprender a vender a nossa profissão, desde a universidade temos que iniciar o pensamento focando nisso. Que produtos têm, qual seu valor e como vamos vender.

Gostaria que todos os fonoaudiólogos tivessem a mesma abertura e o mesmo espaço que eu tenho dentro da fonoaudiologia. Precisamos divulgar um pouco mais o valor da fonoaudiologia e pra isso acho que precisa aumentar o conhecimento das fonoaudiólogas, por isso que eu acho que dar aula está me satisfazendo tanto do ponto de vista profissional.

As profissionais acreditam que a fonoaudiologia que foi construída já está acontecendo e que as novas gerações precisam reconstruí-la. Reinventar é o termo utilizado por elas para explicitar isso:



Agora também acredito e digo sempre para os meus alunos, que a fonoaudiologia que nós construímos é essa, e a fonoaudiologia que vem, eles vão ter que reinventar. É uma profissão tem que ser reinventada a cada tempo social, para atender as demandas da nossa sociedade que sempre se organiza em tempos históricos diferentemente.

O que a gente tem que buscar são espaços novos de atuação, todos os espaços e nós temos uma compreensão do ser humano que é muito peculiar e bonita. Que é muitas vezes privilegiada porque a fonoaudiologia é uma profissão que abrange muitas áreas de conhecimento, então se a gente abrir e fizer outras coisas dentro da nossa capacidade, mas novas propostas, a gente tem muita coisa pra fazer ainda, muito lugar a ser explorado. Eu acredito nisso temos muitas áreas e espaços a conquistar.

E acredito que temos mais espaços a conquistar! [...] apesar da desunião da classe tivemos muitas conquistas ao longo dos anos, muitos trabalhos, a parte científica se solidificou, muita coisa boa, o teórico específico cresceu muito e acabamos contribuindo com outras áreas, complementando outras áreas. É uma troca, é só ver na saúde pública, quanta coisa nova tem aparecido, quanto trabalho metodologicamente bem construído.!

A falta de retorno financeiro foi uma das realidades no campo profissional da fonoaudiologia lembrada pelo grupo. Arelada a essa constatação está também a referência da dificuldade em cobrar um valor justo pela terapia:

[...] não se espera um grande retorno financeiro, temos a consciência que pra ganhar dinheiro trabalhamos muito, e em vários lugares, e às vezes estar em uma área, que gostamos menos, em detrimento de outra que rende um pouco mais. Porque mesmo dentro da fonoaudiologia, tem áreas que dão mais dinheiro. Mas decididamente não é uma profissão pra ganhar dinheiro”. O lado financeiro mesmo é ruim, é aquela coisa de que você nada, nada contra a corrente e chega a lugar nenhum, vim aqui e morri na praia, tenho sempre essa sensação. Hoje na verdade nem é uma coisa que me angustia tanto, já angustiou mais. É essa coisa que você tem que pesar, se eu tivesse que ser independente, totalmente eu pagar as minhas contas, eu precisasse me manter, me sustentar sozinha, talvez tivesse que ver um outro caminho, uma outra coisa pra trabalhar.

É gostoso demais fazer uma coisa que a gente gosta, que muitas vezes é frustrante por causa do financeiro. Já sabia que financeiramente eu não teria grandes benefícios, desde o início. Mas eu prefiro fazer o que gosto a qualquer outra coisa, o tempo passa muito rápido quando atuo como fonoaudióloga.

[...] devíamos valorizar a parte financeira, e não só o reconhecimento, respeito por parte do paciente. Isso parece que não é claro para as fonoaudiólogas, parece que tem medo de cobrar e saem dizendo que as pessoas não valorizam financeiramente. Dizem que ganham pouco, que não vale a pena. Não pode tem que cobrar sim! Tem que se valorizar! E o que você faz é sério, não é brincadeira! Tem que passar por ai, o valor como o respeito e o valor financeiro.

A falta de emprego também foi lembrada pelo grupo. Algumas apontam as incertezas do mercado e afirma que o diploma hoje em dia é só mais uma qualificação. Além disso, nos lembra que a ideologia política e econômica é neocapitalista, sendo o desemprego um marco na competitividade:

Isso é diferente de quem está começando, por exemplo, [...] eu falo muito para os meus alunos da questão de preocupação com o mercado, essas questões de contemporaneidade porque nós ainda saímos da universidade com uma garantia de emprego, e hoje, para essa moçada o curso superior é mais uma qualificação, há muita incerteza, a gente vive a era das probabilidades. E isso me preocupa muito porque eu sinto que os jovens estão muito inseguros. O grande problema é que nós vivemos em uma sociedade com uma ideologia política e econômica neocapitalista onde o desemprego estrutural é um marco na competitividade, portanto o estudante tem que se preparar bem, ter domínio de línguas, tem que ter domínio digital e saber fazer projetos e lutar por seus projetos. E ir a luta!

Na época nós não tínhamos o problema que existe hoje, de você não ter trabalho. Se você tivesse formado, automaticamente estaria empregado. Não era essa disputa, essa competição que é hoje em dia. Essa falta de espaço e a necessidade de atualização constante não tinham isso!

A questão do ato médico acabou aparecendo como mais uma questão que faz parte da realidade da fonoaudiologia. O grupo relata que essa questão precisa ser resolvida, mas que a profissão é regulamentada, tendo suas ações bem estabelecidas:

Tem a questão do ato médico que é uma coisa que precisa ser resolvida, senão ficaremos junto com outras profissões super limitados, cerceadas pela medicina, por questões de poder, querem nos tirar a autonomia. Cada um conquista e faz a sua imagem conforme a sua responsabilidade e compromisso que cada um tem com a profissão. A profissão está aí, regulamentada e vai se tornar mais conhecida, ou menos conhecida, mais responsável ou menos responsável de acordo com o comportamento das pessoas que compõe essa profissão e como essas pessoas agem como profissionais.

Com relação ao ato médico eu sou contra, e sei que começou com um otorrino. Mas sempre tem os profissionais que não são parceiros. Mas aqui com o grupo que eu trabalho essa questão está bem resolvida. Todos os médicos falaram que achava a maior besteira à posição do Conselho Federal de Otorrinolaringologia em relação à questão do ato médico. Eles acreditam que cada um tem seu espaço e que não vêem nenhum problema em uma fonoaudióloga solicitar um exame. Porque tirando a audiologia, são eles que executam os outros exames. O paciente acaba voltando a ser atendido pelo otorrinolaringologista. Então essa briga não tem sentido, e aqui a relação é muito boa, não tenho do que reclamar. Não sei se eu sou muito otimista, se eu sou muito sonhadora, mas até esses processos médicos, o ato médico em si...pra mim não vai dar em nada, não pode! Eu penso assim, eu tenho a minha profissão, está regulamentada e isso não vai acontecer, vou continuar

trabalhando igual. Isso é uma coisa que está acontecendo mas não vai, converso com outras pessoas e elas dizem que o movimento está muito grande, não sei o quê. Então quando você fala em realidade eu me lembro disso, mas acredito que a fonoaudiologia é uma profissão regulamentada e não tem o que acontecer.

Outra questão que apareceu nos discursos do grupo foi a atualização constante. Algumas afirmam que temos que fazer pesquisas, e que as mudanças nesse campo estão acontecendo rapidamente:

Temos que fazer pesquisas, com comprovações, nos atualizar sempre. Agora o desafio é esse, chegar a ser uma profissão de extrema credibilidade. E isso está acontecendo. Quando planejei ser fonoaudióloga, [...] não fiquei esperando muita coisa para o futuro, acreditava em uma luta, que era a luta daquele momento. Fundar a associação, as pessoas se conhecerem, mostrar qual o valor da fonoaudiologia. Tem muito a ser mostrado, mas caminhamos. E agora, as coisas estão mudando, e muito rápido, em todas as profissões, as pesquisas estão fazendo com que isso seja mais rápido ainda, a globalização, a informação chega rápido. Temos que saber o que queremos, porque o mercado de trabalho está muito competitivo.

E hoje pela quantidade de informação que temos acesso é mais difícil à seleção do que queremos nos atualizar. É preciso ver aquilo que é necessário para atuar e ter o gosto para continuar estudando. É uma profissão que exige muito não só quantidade, mas uma variedade de áreas que são ligadas à comunicação. Ser fonoaudiólogo é uma coisa difícil porque você tem que ter acesso a muita informação de áreas diferentes.

A inserção da fonoaudióloga na saúde pública também foi lembrada pelas profissionais deste grupo como um desafio na realidade atual da profissão: “Os alunos de fonoaudiologia saem iludidos da universidade, a coisa não é mais por aí, a fonoaudiologia hoje tem que ser vista muito mais com os olhos de uma saúde pública, do que com os olhos de uma clínica particular”.

Algumas também enxergam a saúde pública como um desafio a ser conquistado pelas profissionais da área, conforme segue abaixo os depoimentos:

Nós precisamos estar mais ligadas às questões sociais, nós não temos que impor demanda, a fonoaudiologia sempre impôs demanda para a comunidade. Temos que olhar a comunidade, saber escutar esse pessoal. Isso há dez anos atrás! Eu já vinha colocando que o mercado de trabalho ia se restringir porque as mudanças sociais estavam acontecendo e a fonoaudiologia permanecia com seu substrato teórico e prático voltado para uma clínica particular, dissociado da saúde pública, enquanto o país se tornava miserável.

[...] a fonoaudiologia ainda é vista como uma coisa de status, é luxo ir a fonoaudióloga. Ainda não é valorizada como saúde pública, como uma necessidade na atenção básica. Porque em consultório não é todo mundo que tem acesso, só vai quem tem um poder aquisitivo melhor, então nesse sentido ainda está muito precário. Mas está crescendo, e eu vejo um futuro para a fonoaudiologia muito melhor, mais atuante, principalmente na saúde pública.

A dificuldade em manter consultório foi levantada pelo grupo:

Abrir consultório particular hoje em dia é pra morrer de fome, porque eu preciso que alguém me indique o tratamento. Quando comecei era mais fácil, os pacientes procuravam por si só quando a dificuldade aparecia, apesar de conhecerem mais a fonoaudiologia atualmente.

[...] a gente sempre tem a ilusão de que vai ter um monte de paciente pra atender e hoje a gente vê que principalmente atender em consultório é uma coisa bastante difícil. Por eu ter passado por vários consultórios, várias realidades diferentes, hoje isso é uma coisa que eu não tenho mais ilusão, não me iludo e pra quem eu puder opinar eu vou dizer: não abra consultório. Pra quem vier me perguntar eu falo não abre porque não vale a pena, vai ficar meses só tendo despesas e o retorno é muito baixo.

O estabelecimento de regras justas para atendimento por convênio de saúde também é mencionado pelo grupo:

Financeiramente já foi bem melhor, eu acho que para todas nós, que estamos no mercado há mais tempo, estamos passando pelo processo de aceitar uma realidade nova, que é na verdade você ter que acabar aceitando as regras do mercado, ou seja, os convênios e seu valor baixo.

[...] só acho que os convênios deveriam valorizar muito mais a nossa profissão. O convênio tem que valorizar o tempo que o paciente passou aqui, eu preparei a terapia e meu tempo dedicado antes, durante e depois da terapia vale muito mais, só que o convênio não paga o que vale. Eu sempre procuro valorizar o meu trabalho, aquilo que eu faço, sei o que estou fazendo.

Compreender melhor o objeto da fonoaudiologia foi outra questão mencionada:

O que aconteceu conosco: dividimos a fonoaudiologia em grandes áreas, e todas elas vão direcionar para a comunicação. Para o benefício da comunicação, para uma comunicação eficiente. Se tivéssemos levantado essa bandeira desde o começo, mas levantamos a bandeira das patologias. Podíamos estar em uma outra realidade. Tem vários profissionais

que trabalham com a comunicação e nós fonoaudiólogos trabalhando somente com o distúrbio dela. A comunicação é um todo, e nós podemos trabalhar com tudo que está relacionado à comunicação. Porque cem por cento da humanidade se comunica, aperfeiçoar mesmo que você não tenha o distúrbio, ou corrigir o que está com problema. Quer dizer, isso abre um leque maior de opções, abre campo de trabalho. Demoramos muito tempo para ter essa clareza. Tudo vai passar pela fonoaudiologia, nós temos condições para isso! Também fiz todas essas divisões por muitos e muitos anos, mas hoje eu enxergo assim, esse é o objeto da fonoaudiologia.

### 3.2.4 Entre as expectativas do passado e as expectativas para o futuro

Algumas profissionais do grupo referiram que as expectativas iniciais foram satisfeitas, ou seja acabaram conquistando aquilo que desejavam quando decidiram ser fonoaudiólogas. As expectativas foram correspondidas pelos seguintes fatores: já conhecia a realidade, construíram o que queriam, os sonhos eram limitados, trabalham com crianças, encontraram o que queriam na terapia, têm reconhecimento, encontraram o que procuravam e sempre tiveram emprego. Outras, no entanto, referem que o desejo mudou ou que as expectativas iniciais não corresponderam quando foram para o mercado de trabalho. Entre os fatores que não corresponderam às expectativas iniciais estão os seguintes: eram iludidas com a realidade, tiveram que sair do consultório e dar aula e finalmente por não trabalharem mais com crianças.

Algumas referiram que já conheciam a realidade, por isso sua expectativa foi correspondida: “Era o que eu imaginava mesmo, eu já tinha experiência de trabalho na área como pedagoga, então não fui fazer fonoaudiologia iludida. Apesar de no início ter aberto consultório, eu já pensava diferente. [...] . Eu já sabia o que queria e sabia qual a realidade que iria encontrar”.

Outras conquistaram o que imaginavam: “Estou bem feliz, eu imaginava que eu ia chegar lá e eu cheguei”.

O que eu imaginava no início da minha carreira eu vivi, eu construí. [...] Mas se eu tivesse que escolher uma profissão hoje com o que já sei do mercado atual, não sei se eu faria fonoaudiologia. Sinceramente com o campo que temos aí tenho dúvidas em relação a isso. Profissionalmente eu progredi, nunca parei de fazer cursos de me atualizar. Até agora eu construí tudo o que eu queria, além do sonho de trabalhar com criança, de correr atrás das coisas que eu acredito dentro da minha profissão. Trabalhar com idoso e dar aulas, que não é mais para a graduação são para a pós-graduação. Dizer que eu não sou feliz é uma mentira, tudo aquilo que eu quis fazer eu fiz. Meus sonhos foram realizados.

Comparando meu antes e depois posso dizer que fiz tudo o que sonhei, tudo. Tudo o que eu podia ter feito, fui lá e mostrei que a fonoaudiologia não fica restrita, [...]. É um prazer poder dizer que o que eu quis fazer pela fonoaudiologia eu fiz, até o que eu não imaginei eu fui lá e fiz. Quando me formei não imaginei que iria dirigir um curso de fonoaudiologia, e fui lá e criei o curso e dirigi durante quatorze anos. Dirigir um curso é fácil, mas criar do nada é muito complicado, foi difícil, mas consegui.

Eu acho que não foi muito diferente do que eu queria, ainda trabalho com crianças, cada vez menos, mas trabalho. Acho que a única coisa que realmente seja diferente é que talvez eu imaginasse que a fonoaudiologia pudesse influenciar mais nos rumos da sociedade. Esse nível de pretensão assim, que você pudesse com o meu trabalho estar pensando coisas diferentes, em termos de saúde, de qualidade de vida, coisas que realmente podem mudar uma sociedade. Mas a gente vê que já tem coisas nessa área, tem muita coisa ampliando e a gente está realmente dialogando com outras áreas.

Sonhava em ter um emprego e consegui. Isso eu conquistei! Porque eu mudei muito de cidade, [...] e você era a única fonoaudióloga da cidade e ia tratar aquele povo, eram muitos. Fazia convênios facilmente, e trabalhava tranqüilo. [...] Quando comecei era mais fácil!

Uma das profissionais do grupo cujas expectativas iniciais não corresponderam com a realidade atual, relata que era muito iludida com a profissão e não imaginava que iria ser professora:

Sou diferente, no começo tinha uma certa ilusão de que ia ter um monte de paciente pra atender e hoje a gente vê que principalmente atender em consultório é uma coisa bastante difícil. Eu não tinha também muito clara essa coisa de dar aula, queria muito fazer mestrado. [...] hoje é uma coisa que faço tranqüilamente, não tenho maiores problemas de estar em sala de aula, falando com aluno. Pensava muito nessa coisa de continuar estudando, mas isso eu continuo pensando e é uma coisa que eu levo a sério.

É totalmente diferente, porque eu entrei na faculdade pra trabalhar com crianças, pensando assim na primeira, segunda fase da faculdade isso era prioritário, era trabalhar com crianças. Hoje eu trabalho na área de motricidade oral, com respiradores orais, pós-cirúrgicos adultos. E os disfágicos na terceira idade. Então eu tenho os dois limites assim, início da faculdade com um sonho; e aos pouquinhos, com o passar dos anos foi se transformando em um outro sonho, e que hoje está realizado. Financeiramente pensava que iria ser como é, pela minha dedicação. Nisso ficou igual porque quando eu saí da faculdade o meu consultório já estava montado, com o ideal de montar uma clínica. Foi gradativamente, fui fazendo me aperfeiçoando e conquistando espaços, meus ideais foram fluindo.

### 3.2.5 Percepção do que é Ser fonoaudiólogo

Ao serem questionadas quanto à definição do que é **ser fonoaudiólogo**, as profissionais deste grupo definiram de acordo com as expectativas pessoais de cada uma, ou seja, a satisfação e a felicidade de ser fonoaudióloga é uma das definições de acordo com as características individuais. Algumas referiram ainda sua atuação no mercado de trabalho, ou seja, definições relacionadas à atividade profissional, como trabalhar com fala, audição, prevenção. Outras lembraram ainda do trabalho interdisciplinar, como algo característico do fazer fonoaudiológico.

Segue então o que é ser fonoaudióloga para este grupo de profissionais:

[...] é ser feliz. Temos que passar isso pra quem vem depois de nós, é possível ser feliz sendo fonoaudióloga.

[...] é uma grande satisfação. Eu me vejo como uma fonoaudióloga, não vejo em outra profissão. Sinto-me plena com isso! Nisso eu estou bem tranqüila na minha área. Tenho mais satisfações do que frustrações. Significa que quando eu olho pra trás e vejo que eu tenho uma caminhada, tenho uma história de vida, que se funde o pessoal com o profissional, mas com satisfação.

É uma coisa boa, é uma satisfação pessoal, mesmo com a falta de reconhecimento e a falta de dinheiro. É uma coisa gostosa, tranqüilidade, é uma coisa que eu gosto de fazer. É conhecer mais do ser humano e é estudar. O fonoaudiólogo não pode parar de estudar e isso é fato.

É tudo. Eu descobri esse ano conversando com meus filhos e eles me disseram uma coisa muito interessante. Eles disseram: mãe a gente sabe que o teu filho predileto sempre foi a fonoaudiologia, mas a gente te respeita por isso! Eles sabem do meu amor pela fonoaudiologia e que sempre foi prioridade na minha vida. Desenvolvo essa profissão há trinta anos, com o maior amor, carinho, dedicação e acho maravilhoso ter sido fonoaudióloga. Eu chego ao termino, estou à beira da minha aposentadoria achando que foi uma excelente escolha na minha vida.

Pessoalmente é uma coisa muito importante pra mim porque várias vezes eu pensei em fazer outra faculdade. Mas é uma coisa que está dentro de mim, faço com carinho, faço porque gosto, e acho que isso é um diferencial hoje em dia. Fonoaudiologia é tudo, eu vivo isso diariamente e às vezes a gente reclama, mas é uma coisa que me satisfaz, principalmente na área em que eu trabalho.

Ser fonoaudióloga hoje é... Eu diria que faz parte da minha vida! Eu sou realizada na profissão que eu tenho. Eu amo ser fonoaudióloga, eu gosto muito da minha profissão. E acho que sou valorizada dentro dela, então não teria outra escolha, eu sou fonoaudióloga e me orgulho disso! E o que é isso? É o ar que eu respiro. Ser fonoaudióloga é um objetivo

alcançado, é estar onde eu estou, eu cheguei onde eu gostaria de estar dentro da fonoaudiologia. Estou bem realizada profissionalmente.

[...] na verdade ser fonoaudióloga é cinqüenta por cento da minha vida. Sou uma mãe, uma mulher, sou uma pessoa social e sou uma pessoa profissional. E o ser profissional pra mim é extremamente importante.

Ser fonoaudióloga também é ser essencial. Por isso eu acredito que meu trabalho na educação é muito importante, porque eu esclareço muitas dúvidas de alunas da pedagogia, que depois de formadas vão lidar com crianças com dificuldades na comunicação, seja escrita, fala, linguagem, e isso é fundamental para futuras educadoras.

A água é essencial na vida das pessoas, pra saúde das pessoas, pra alimentação das pessoas e embora as pessoas não se dêem conta disso. Eu acredito que a fonoaudiologia também seja assim, ela é essencial porque trabalha a comunicação do indivíduo e muitas vezes as pessoas não se dão conta de que as coisas não dão certo em suas vidas porque elas não têm uma boa comunicação. E assim como a água, não tomam água e murcham. Faria uma comparação da fonoaudiologia com a hidratação, com a água. É essencial e as pessoas não se percebem isso!

[...] um presente divino, uma jóia, por se tratar de uma área da saúde a gente lida com questões muito delicadas e então a gente começa a repensar em como é importante a saúde. Eu vejo como um presente divino mesmo, um presente de crescimento de vida, de prática.

[...] então eu ainda me sinto com muita perspectiva de trabalho, muito satisfeita de trabalhar, de estar atuando, de ter essa parte de docente, me confrontado com muitos desafios. Qual é a imagem que as outras profissões tem da nossa profissão? E como você pode contribuir para que essa imagem possa ser construída de uma maneira positiva.

Assim como na escolha profissional surgiu o *altruísmo*, como uma característica individual; na definição do ser fonoaudióloga, *ajudar o outro* faz parte da definição do ser fonoaudióloga.

Segue alguns exemplos deste pensamento coletivo: **ser fonoaudióloga** é fundamentalmente *ajudar as pessoas*. Outra complementa dizendo que é a *possibilidade de ajudar alguém*, de habilitar ou de reabilitar alguém. É a possibilidade de estar ajudando um ser humano. Há também o relato dizendo que **ser fonoaudióloga** é *se dedicar, ajudar* e, acima de tudo, saber o que está fazendo, de uma maneira correta, da melhor maneira para ajudar o paciente.



Outras profissionais do grupo englobam mais a definição, incluindo a família em seu discurso, enquanto que outras acrescentam a capacidade do profissional para dar suporte real ao paciente, conforme relatado nos discursos abaixo:

É uma profissão que você tem a possibilidade muito grande de ajudar o outro, de estar fazendo uma pessoa crescer, de estar direcionando às vezes, uma família que está totalmente desorientada em relação ao caso, acolhendo. É esse tipo de coisa que me dá satisfação profissional. Estar pensando na terapia, de estar vendo a pessoa evoluindo, de ver uma criança que não escrevia começar a escrever.

É ajudar o paciente, ver o potencial que ele tem, dar a mão pra ele, segurar ele no colo se preciso, ver os pequenos progressos ao longo do tempo, valorizar isso e fazer com que ele acredite que ele pode melhorar. [...] É estar aberta pra ajudar, se doar e ao mesmo tempo ter o discernimento para saber se como profissional você tem condições reais de atender o que o paciente está buscando.

A partir de o discurso coletivo ser **fonoaudióloga é lutar**, por espaço de atuação, com profissional de área afim, junto às famílias na perspectiva de atingir o paciente, nas diversas áreas que a fonoaudiologia se apresenta. Isto pode ser observado nos depoimentos abaixo:

É uma luta, os profissionais sempre lutando, acho que é uma profissão que você sempre tem que estar lutando pelo espaço. Eu vejo isso como uma constante, muda de lugar tem que lutar pelo espaço, cada local de trabalho tem que lutar de novo. É uma profissão que você tem que estar mostrando sempre, não só pros outros colegas, mas pras outras pessoas, que você existe, o que você faz, que você é importante. É uma luta constante em todos os aspectos da profissão.

É batalhar bastante, em muitas frentes. Você batalha por um espaço de atuação, você batalha ao lado de alguém que precisa de você, a gente batalha com e contra. Às vezes com a família junta e contra uma família muito apressada, [...]. Ser fonoaudióloga não é fácil, mas acredito que hoje em dia qualquer profissão não é fácil. Algumas pessoas podem ter uma facilidade de inserção no campo de trabalho, eu acho que todas as pessoas têm algum tipo de dificuldade no trabalho, de estar se atualizando, da concorrência, do trabalho em grupo. Mas se você faz o que gosta isso fica mais ameno, fica mais relativizado.

Eu acredito que ser fonoaudióloga é batalhar bastante por espaço, a gente tem que sempre estar batalhando [...]. A gente tem que batalhar, não é um lugar colocado ainda, a gente não tem isso um lugar garantido, aquele ali é da fonoaudiologia, ainda estamos conquistando esse local de atuação na nossa profissão [...]. Ser fonoaudióloga então em síntese é conquistar mais um degrau na escala de reconhecimento da nossa profissão.

**Ser fonoaudióloga** é *expandir conhecimentos*, fazendo pesquisa, publicando artigos. Seguem suas afirmações com relação as expectativas quanto à formação e a atividade profissional:

Ser fonoaudióloga é poder expandir os conhecimentos, através de pesquisa, através de publicações. Acho que a gente tem que deixar as nossas raízes no mundo, repassar o conhecimento. Ser fonoaudióloga também é transformar alguma coisa, ajudar a modificar alguém, como professora estou transformando, instruindo, levando a outro tipo de visão dos problemas infantis. Deixar frutos para as próximas gerações. Por isso a árvore aqui simboliza bem isso, raízes e frutos. Deixar a tua marca como profissional, quero me aposentar e saber que fiz algo pela profissão.

[...] a fonoaudiologia é a questão da gente estar produzindo, sempre contribuindo para o crescimento da fonoaudiologia. Os lápis e os papéis simbolizam o crescimento da profissão, nesse curto espaço de tempo. Se a gente pensar em questão histórica a fonoaudiologia teve uma evolução meteórica. O que ela evoluiu em vinte, trinta anos de profissão, nós avançamos muito em termos de conhecimento teórico. É sempre estar estudando. Isso é uma coisa que eu sempre tenho em mente, sempre estou pegando dissertação, lendo. Tenho a sensação de que eu não posso parar, talvez todas as áreas da saúde sejam assim não sei [...]. Eu encaro como uma coisa que a gente sempre tem que estar buscando, que tem sempre coisa nova pra aprender, não acho que seja uma profissão que seja parada.

Para algumas **ser fonoaudióloga** é *trabalhar com diversas áreas*. Elas utilizam duas figuras simbólicas para expressar suas afirmações: o cavalo-marinho e novas paisagens. Segue o relato das entrevistadas para melhor compreensão:

Eu elegi o cavalo-marinho porque ele me dá a leitura de paz, serenidade, de diferença, eu acho que ele é todo diferente dos outros peixes. E a fonoaudiologia pra mim também é isso. É a mistura de várias ciências, nós pegamos um pouco da medicina, um pouco da psicologia, um pouco da lingüística, então fica esse ser meio híbrido. Ser fonoaudióloga é ser híbrido.

O espaço da fonoaudiologia é muito diversificado, é muito amplo. Ele ainda está se delineando, ainda está se construindo e descobrindo novos espaços de inserção, novas paisagens e que tudo é muito móvel, parece que tudo se influencia mutuamente. Tivemos muitas conquistas ao longo dos anos, muitas trabalhos, a parte científica se solidificou, muita coisa boa, o teórico específico cresceu muito e acabamos contribuindo com outras áreas, complementando outras áreas. É uma troca, é só ver na saúde pública, quanta coisa nova tem aparecido, quanto trabalho metodologicamente bem construído.

Com essa função de ter mais cursos todo mundo sai pro mercado e quer atender, mas ninguém sai da faculdade sabendo. Tu não podes dizer eu sei, sendo que você se formou

agora. Ultimamente eu vejo que a fonoaudiologia tem pecado nesse sentido. Em primeiro lugar é trabalhar com fala e audição, mas ser fonoaudiólogo mesmo é você fazer o melhor pelo teu paciente, de uma maneira bastante ética.

A fonoaudiologia também tem essa coisa específica que é a questão da comunicação. A linha mestra da fonoaudiologia é a comunicação, claro incluído aí o diagnóstico e o tratamento dos distúrbios da comunicação. Qualquer tipo de comunicação. Ser fonoaudióloga é também trabalhar a comunicação, com seus distúrbios, os problemas de comunicação, a falta de comunicação. Sem comunicação e sem linguagem o ser humano não é nada.

### 3.3 Expectativas em relação ao futuro profissional

Com relação **aos planos pessoais** algumas planejam *ter filhos* ou *conviver mais com os que têm*.

Hoje eu estou em um momento da minha vida que penso no lado pessoal também. Eu não posso mais ficar esperando pra ter filho. Então hoje eu penso muito mais nessa questão de formar uma família, de cuidar do meu filho, de trabalhar um pouco menos, ficar um pouco mais em casa com ele, com meu marido.

Na vida pessoal estou com um projeto que ainda está indefinido, não sei se tenho outro filho.

Viver a vida e morar um tempo com cada um dos filhos, estar um pouco em cada país. Vou ser uma cidadã do mundo e vou escrever.

**No plano profissional**, a grande maioria quer *continuar estudando*, seja fazendo especialização, mestrado ou doutorado, *continuar lutando pela profissão*, *dar aula*, *montar cursos*, *trabalhar mais no consultório* e *se aposentar*.

Eu quero continuar o mestrado que comecei e não terminei. Quero voltar a escrever, já escrevi algumas coisas. Ler muito, pesquisar e acho que o mestrado vai me levar conseqüentemente pra isso! Tem que abrir o universo, eu que trabalho com motricidade oral e linguagem, tenho que ver outras coisas, saber o que estão acontecendo nas outras áreas da fonoaudiologia. Meu desejo profissional é esse, mas sem parar com o consultório, voltar a dar aulas em universidade.

Meus planos para o futuro são muitos. Eu pretendo voltar a estudar, fazer mestrado na área de educação, tenho muito diálogo com a arte e penso em muitas coisas em relação a

isso, com voz e arte. Eu me vejo atuando até os setenta anos, me vejo como aquelas fonoaudiólogas velhinhas que todo mundo quer chegar perto. Eu me vejo assim e espero que as pessoas queiram estar perto de mim.

Fiz minha especialização, não tenho pressa em fazer o mestrado, mas penso em fazer. Trabalhar mais no consultório, fazer mais cursos. A minha dificuldade é a teoria da coisa, porque eu questiono muitos conceitos, porque na prática a coisa é diferente. Eu quero cada vez mais trabalhar, porque é o que eu gosto de fazer. Mestrado, pode ser que aconteça, não tenho pressa.

Eu queria fazer o doutorado. Como faltam seis anos pra me aposentar, eu estou em uma situação difícil, se eu saio pra doutorado agora, eu tenho que trabalhar mais oito anos, e não consigo fazer aqui mesmo porque não tem nenhuma área que me interesse. Então assim eu gostaria de fazer doutorado, mas não queria fazer só pra ter o título, queria que me acrescentasse algo.

Eles estão confusos, estou vivendo um momento de crise. Vou de muitos projetos, estou doutora em projetos, eu vejo condições para atuarmos em muitos lugares, e faço projetos. Hoje se paga muito pouco pelos projetos. Então um dos meus projetos é o pós-doutorado, pra poder ter uma bolsa de estudos do CNPq. De concreto não tenho nada, tudo é projeto, verba para o projeto e nada para a profissional. De concreto na verdade eu tenho títulos. Que dependendo da situação eu vou tirar a doutora e deixar só com o mestrado, hoje ele me atrapalha.

### **Lutar por maior reconhecimento da profissão é outro plano profissional.**

Com relação a fonoaudiologia em geral, ainda tem muita coisa pra fazer, pra desbravar, eu vejo quanta coisa já mudou depois que me formei, quanta coisa nova apareceu, temos ainda muita coisa pra fazer, e pessoalmente depois de me aposentar quero pensar nessas coisas. Pode ser até juntando a pedagogia com a fonoaudiologia, como por exemplo, na parte de audiologia educacional eu acredito que o fonoaudiólogo faz muita coisa que o pedagogo poderia fazer, por isso mesmo a pedagogia não assume.

[...] gostaria muito de poder contribuir para uma fonoaudiologia melhor, mais atuante, presente em todas as áreas. Gostaria de ganhar mais dinheiro, de ter o suficiente para usufruir a vida, o mínimo para ser feliz e curtir um pouquinho, mas nada muito grandioso, o básico assim, comida na mesa, contas pagas, viagens com a família.

Gostaria que nossa profissão fosse mais reconhecida pela sociedade, todos os fonoaudiólogos fossem reconhecidos. Na verdade eu não posso me queixar porque eu sou uma pessoa que as pessoas respeitam no contexto profissional. Gostaria que todos os fonoaudiólogos tivessem a mesma abertura e o mesmo espaço que eu tenho dentro da fonoaudiologia. Divulgar um pouco mais o valor da fonoaudiologia e pra isso acho que

precisa aumentar o conhecimento das fonoaudiólogas, por isso que eu acho que dar aula está me satisfazendo tanto do ponto de vista profissional.

### 3.4 Conselhos para futuros profissionais da área

Grande parte do grupo sugere aos recém-formados que *continuem estudando*, que a formação continuada deve ser uma constante na vida profissional também.

Fazer especialização, nunca parar de estudar, porque não dá pra parar. Se não der pra fazer especialização que façam cursos específicos em determinada área.

Fazer cursos de curta duração, aperfeiçoamento. Cursos que prepara o indivíduo para a prática fonoaudiológica.

Estudar muito, escolher a área que quer atuar e fazer um curso de especialização.

Depois que sair da faculdade fazer uma especialização. O fato de atender tudo que aparece depois de se formar é bom, se aprende muito, mas não é tudo. Ou talvez um mestrado se quer seguir a carreira acadêmica.

Que eles devem abraçar a causa da fonoaudiologia e estudar muito. Alguns jovens estão muito displicentes, muito fazendo porque tem que fazer alguma coisa, já recebem tudo pronto, não tem que batalhar e daí não valorizam o que têm, diria então valorizem essa profissão mostrem com excelência o que a gente pode fazer e o quanto é importante a nossa profissão, sempre através do estudo. Eu acho que é isso que falta, a gente mostrar serviço e estudar bastante.

Algumas profissionais recomendam que o futuro profissional reconheça em si o *gosto pela profissão*, ou seja, recomendam que, durante a graduação, possam se identificar como futuros profissionais capazes de enfrentar o mercado de trabalho porque realmente gostam do que estão fazendo.

Só façam se realmente gostar dessa área, não pense em status e retorno financeiros imediato, pense se está realmente a fim de trabalhar com pessoas que têm problemas. Caso contrário não vale a pena, se for esperar pelo status e pelo financeiro aí se frustra mesmo. Financeiro que eu digo é com relação a muito dinheiro, porque salário a gente tem, só não é um valor que se sobreviva bem só com ele.

Só termine se realmente gostar da profissão. [...] a fonoaudiologia hoje tem que ser vista muito mais com os olhos de uma saúde pública, do que com os olhos de uma clínica particular. Só consegue ficar nessa saúde pública quem gosta de ser fonoaudiólogo. Porque quem não gosta, quem está fazendo porque acha que vai ser legal, não faz.

Outras profissionais recomendam que o futuro profissional da fonoaudiologia deve ter *iniciativa*, não desistir na primeira dificuldade:

Sinto que falta iniciativa também, e isso não se prepara, é da pessoa. Mesmo recebendo um não, vai lá e faz de novo, não desista.

Na realidade eu falo muito três coisas para os meus filhos: temos que ser criativos, responsáveis e ter iniciativa, em qualquer área que você for atuar. Se você tiver essas três características você chega em qualquer lugar.

Que reinvente a fonoaudiologia. Estamos vivendo a era da informação e da comunicação e eu não consigo entender porque a fonoaudiologia está em crise! Pra mim é uma pergunta que não sai da minha cabeça e que sempre estou discutindo essas questões com meus alunos. A fonoaudiologia não podia ter crise, nesse momento temos que reinventar a fonoaudiologia. Vejo que os jovens hoje têm que ser empreendedores e ser empreendedor é não ter medo do não, não esperar que as coisas caiam no seu colo. É criar condições, inventar, criar espaços, vender seu peixe.

Outro conselho é seja humilde, todo profissional tem que ser humilde, ele tem que saber sempre, que não sabe tudo e que sempre tem alguém que pode ensiná-lo. [...] é fundamental pra qualquer profissional que está saindo da universidade, principalmente na área da saúde, é ser humilde. As pessoas que atendemos estão geralmente muito fragilizadas e ainda temos que pensar na atuação em conjunto com outros profissionais, e se você não for humilde esse casamento não dará certo, e tem que dar certo pelo bem do paciente.

Tem que ter disposição, de correr atrás, mostrar a importância, mas dentro de uma ética muito grande. Se isso não for considerado toda a fonoaudiologia sai perdendo, e não só aquele profissional que agiu de forma antiética. Temos que ter consciência de grupo, muito respeito entre nós pra crescermos. Ter muita ética, muita dedicação e aprender a trabalhar em grupo, com respeito. Quando eu falo grupo incluo também o grupo familiar que estamos atendendo, tem que respeitar muito essa família e a forma como ela está constituída e como ela lida com seus problemas. É ética entre os profissionais e ética com a família.

## 4 DISCUSSÃO

Neste capítulo, apresenta-se a discussão dos dados analisados - *em temas emergentes* - com base na descrição do processo de construção da profissão de fonoaudióloga, ou seja, da escolha à realidade das profissionais do grupo, e no diálogo com a literatura.

O primeiro *tema* – **O processo de aproximação e “encantamento” pela Fonoaudiologia** - trata da escolha profissional, das expectativas em relação à escolha, os caminhos percorridos para a introdução efetiva no mundo do trabalho fonoaudiológico e da definição do “*ser fonoaudiólogo*”.

No segundo *tema* – **A busca pelo reconhecimento: despertando para a realidade** – aborda os desafios que esta profissão ainda tem que superar, sob a ótica das entrevistadas, e entre estes, se destaca a falta de reconhecimento, ou seja, a dificuldade de inserção social do fonoaudiólogo. Discutem-se os caminhos e descaminhos da Fonoaudiologia acreditando que esta ainda precisa melhorar seu foco de ação, saber aonde quer chegar e, principalmente, como realizar ações para ser reconhecida por diversos campos de conhecimento, como uma profissão com legitimidade.

No terceiro e último *tema* – **Comunicação e Expressividade: novos caminhos para “reinventar” a Fonoaudiologia** – expõem-se a discussão, a partir de questões que emergiram das entrevistadas, sobre o objeto da Fonoaudiologia, ou seja, a comunicação, sobre corpo e expressividade, processo saúde e doença. Discutem-se também as possibilidades de trabalho com o enfoque na comunicação das organizações, visto pelo prisma do processo de viver e ser saudável do trabalhador.

#### 4.1 O processo de aproximação e “encantamento” pela Fonoaudiologia

Ser fonoaudióloga hoje é... Eu diria que faz parte da minha vida! Eu sou realizada na profissão que eu tenho. Eu amo ser fonoaudióloga, eu gosto muito da minha profissão. E acho que sou valorizada dentro dela, então não teria outra escolha, eu sou fonoaudióloga e me orgulho disso! E o que é isso? É o ar que eu respiro. Ser fonoaudióloga é um objetivo alcançado, é estar onde eu estou, eu cheguei onde eu gostaria de estar dentro da fonoaudiologia. Estou bem realizada profissionalmente. (Turquesa, 2006)

Ao longo das entrevistas, pôde-se perceber que grande parte das profissionais atuavam, inicialmente, na área da educação ou na reabilitação, e que, a partir dessa experiência, escolheram a Fonoaudiologia como profissão. Uma escolheu ser fonoaudióloga porque trabalhava com surdos, outra era professora de crianças que possuíam distúrbios da comunicação. Há aquela que trabalhava com reabilitação, como técnica em fisioterapia e, quando começou a conviver com pessoas com dificuldades de fala e linguagem, e então resolveu fazer fonoaudiologia. Outra realizava acompanhamento de pacientes com distúrbios psicopedagógicos e essa convivência a levou a escolher a Fonoaudiologia como profissão. Uma ainda escolheu ser fonoaudióloga porque antes disso tinha sido terapeuta da palavra em uma instituição pública, experiência prévia que a encaminhou para a Fonoaudiologia.

Percorrendo a história da fonoaudiologia no Brasil, podemos perceber que a profissão está diretamente relacionada à educação e à medicina e, ainda, que as primeiras profissionais da área eram, inicialmente, professoras do ensino “normal” ou da educação especial.

Pereira<sup>21</sup> afirma que, na capital paulista, sob o prisma da reconstituição do início das práticas fonoaudiológicas, as professoras do ensino elementar foram as pioneiras da área, surgindo como o principal grupo que esteve à frente da execução dessas práticas, que, depois, foi ampliada para o espaço do hospital e de instituições assistenciais,.

Neto<sup>4</sup> (1988, p. 96) explica que este fenômeno foi impulsionado pela tendência à especialização como forma de aumentar o *status* profissional:

A formação de origem das “ortofonistas” ligada ao magistério reafirma o surgimento da atividade corretiva da voz e da fala dentro da educação. Nessa época, a intensificação da existência de especialidades dentro das profissões também se reflete na Educação,



motivando as educadoras a se aproximarem de uma especialidade cada vez mais voltada à saúde, área possuidora de *status* privilegiado entre as profissões e a sociedade como um todo.

No estado do Rio de Janeiro não é diferente, segundo Pavão<sup>22</sup> (1996, p. 39):

é antigo e conhecido o interesse das professoras e dos médicos pelo campo da comunicação. A preocupação com casos de deficiências auditivas, visuais, motoras ou mentais demandou, por parte do Estado do Rio de Janeiro e de outros grupos sociais, ações específicas nas áreas médicas, assistencial, sanitária e educacional.

Segundo Berberian<sup>23</sup>, a idealização da profissão de fonoaudiólogo, no Brasil, data da década de 30, com a preocupação da Medicina e da Educação com a profilaxia, bem como a correção de erros de linguagem apresentados pelos escolares.

De acordo com Neto<sup>4</sup>, em 1937, no “Congresso da Língua Nacional Cantada”, realizado em São Paulo, pelo Departamento de Cultura do Município de São Paulo, os trabalhos apresentados eram na sua maioria estudos dialetais, com forte apelo de ataque ao estrangeirismo, sendo que a língua tinha um papel importante na formação da consciência nacional e na pregação nacionalista. Neste congresso, foi apresentada a pesquisa “Vícios e Defeitos na fala das crianças dos Parques Infantis”, realizada por estudiosos ligados à secção de Parques Infantis da Prefeitura de São Paulo.

Os parques infantis foram criados na cidade de São Paulo, em 1935, pelo Serviço Municipal de Jogos e Recreios, com o propósito de assistir crianças carentes na área de Saúde e Educação. Em 1949, a cidade de São Paulo contava com 22 Parques Infantis.

A referida pesquisa teve como objetivo esclarecer e documentar todos os “vícios” e “defeitos etiopatogênicos” encontrados na fala das crianças do Parque, preocupando-se com o aspecto médico-social. Ao introduzir o estudo, os autores destacam a importância de tratar a voz, e que essas crianças poderiam, mediante processos de reeducação, obter a correção desses vícios e defeitos da fala, se houvesse uma maior preocupação com esses aspectos por parte dos pais, médicos, educadores e poderes públicos. Os autores concluíram que as perturbações de fala e de voz levam o ser humano “a uma posição de visível inferioridade social” e o predestina “a uma vida privada de felicidade e êxito”<sup>4</sup>.

Berberian<sup>23</sup> e Neto<sup>4</sup> concordam que o propósito filosófico que deu início a esta profissão foi combater as “impurezas” da língua nas manifestações artísticas acarretadas por várias

pronúncias decorrentes dos sotaques estrangeiros e dos brasileiros de diversas regiões do país. Além da justificativa no plano estético para a normatização da língua-padrão, também aparece o fator “ordem social” para sustentar sua existência. A busca de unidade nacional, disciplina e ordem seriam alcançadas no Brasil através da uniformização da língua. Cultua-se nesta época o “militarismo, a ordem, a disciplina, o patriotismo, o aprimoramento moral e pessoal através da educação e do combate ao analfabetismo”.

Em São Paulo, as denominações atribuídas ao fonoaudiólogo, segundo Neto<sup>4</sup>, estão, inicialmente, vinculadas à Educação para gradativamente ligar-se à Medicina. Esse profissional é, primeiramente, concebido como um professor especializado, diferenciado que, usando recursos pedagógicos, faria a correção de vícios e defeitos da língua e de perturbações orgânicas. Nesse período, sua atuação era prevista dentro do espaço educacional, agindo sobre a fala e a voz dos escolares, com uma preocupação evidente com a perfeição.

Este profissional, considerado como da área paramédica, atenderia pacientes com distúrbios de comunicação e avaliaria a audição, já que no ensino receberia formação para atuar em terapia de linguagem e em audiologia.

É relevante observar que são as professoras as indicadas para receberem a formação, dando a entender que a atividade terapêutica deveria desenrolar-se com subsídios de técnicas pedagógicas.

Capelletti<sup>24</sup> estudou os fundamentos da Fonoaudiologia a partir da análise de documentos oficiais, dentre os quais o Parecer 2.012/74, dos Conselhos Federais de Educação, que visava à aprovação dos cursos de formação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e da Universidade Federal de São Paulo Escola Paulista de Medicina (UNIFESP/EPM). A autora refere que, neste documento, a Fonoaudiologia era considerada parte integrante da foniatria, portanto, uma especialidade médica que tinha como objetivo avaliar e reabilitar, através de técnicas, os distúrbios da comunicação, sendo o fonoaudiólogo um tecnólogo, cuja formação deveria ser eminentemente prática.

Meira<sup>5</sup> relata que o Brasil abriu suas portas a Fonoaudiologia em 1960, com a vinda do Dr. Julio Bernaldo Quirós e de sua assistente Rosa Vispo e, depois, com a iniciativa de dois médicos brasileiros que foram à Argentina para se especializar em “foniatria”: Dr. Américo Morgante e Dr. Mauro Spinelli. Na volta ao Brasil, eles trabalharam em suas respectivas universidades de origem – Universidade de São Paulo (USP) e Pontifícia Universidade Católica

de São Paulo (PUC-SP) - nos cursos de graduação de logopedia, para formar terapeutas que trabalhassem com indivíduos portadores de problemas de voz, fala, linguagem e audição. Inicialmente, eram cursos com um ano de duração.

Já nesta época, também aparece no Brasil a figura do audiologista, que se responsabiliza por testagens de audição, sendo sua prática dissociada da ortofonia. Finalmente, com a formação acadêmica, o profissional é denominado fonoaudiólogo, por influência da experiência Argentina, institucionalizando-se as funções de reabilitar ou reeducar e reafirmando esta atividade como terapêutica<sup>5</sup>.

Segundo Caraciki, Cardoso e Canongia<sup>25</sup>, a formação acadêmica em Fonoaudiologia, no Rio de Janeiro, teve início também na década de 1960 com a criação do Curso de Terapia da Palavra, organizado por Abigail Caraciki na Secretaria de Educação do Estado da Guanabara. Ainda segundo essas autoras, em 1979, ocorre a palestra sobre “A profissão de fonoaudiólogo: mercado de trabalho, atuação e formação”, proferida a alunos e professores na Semana de Informação Profissional da Escola Municipal Madri, por Marly Bezerra Canongia. Pode-se dizer que já nesta época havia uma preocupação em refletir sobre a profissão.

O desenvolvimento profissional é uma dimensão integradora do desenvolvimento psicológico global, uma vez que o trabalho adquire centralidade por sua intensidade, extensão temporal e relevância dentre as expectativas sociais que recaem sobre o homem. Ao longo de toda a vida, o indivíduo defronta-se com demandas do meio relativas à preparação para sua atividade profissional, num cenário de transformações profundas e freqüentes, cujas barreiras ao enfrentamento tornam-se cada vez mais imprevisíveis e desconhecidas.

Para ajudar os adolescentes, na escolha da profissão, várias teorias vêm sendo estudadas e, de um modo geral, as teorias que permeiam a orientação profissional podem ser agrupadas em duas grandes correntes: teorias não psicológicas e teorias psicológicas.

As teorias não psicológicas, segundo Pimenta<sup>26</sup>, são aquelas que atribuem os fenômenos da escolha a fatores externos ao indivíduo. Busca-se compreender de que forma o ser humano escolhe uma profissão e quais as influências econômicas, sociais e culturais determinantes neste processo.

Tanto Pimenta<sup>26</sup> quanto Ferretti<sup>27</sup>, que estudaram as teorias psicológicas, dizem que estas buscam na dinâmica do indivíduo a compreensão do fenômeno da escolha profissional.

Para Freud<sup>28</sup>, a atividade ocupacional, o trabalho em si constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, se por meio de sublimação – repressão de um impulso natural - tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos instintivos persistentes ou constitucionalmente reforçados. No entanto, como caminho para a felicidade, o trabalho não é altamente prezado pelos homens. Não se esforçam em relação a ele como o fazem em relação a outras possibilidades de satisfação. A grande maioria das pessoas só trabalha sob a pressão da necessidade, e essa natural aversão humana ao trabalho suscita problemas sociais extremamente difíceis.

Ainda em relação às entrevistadas que já trabalhavam com educação e reabilitação, e que escolheram a fonoaudiologia após essa experiência, podemos afirmar que estas já haviam adquirido sua identidade ocupacional e vocacional, ou seja, sabiam o que queriam fazer, de que modo e qual era o contexto, e também para que e por que.

De acordo com Bohoslavsky<sup>29</sup>, o conceito “vocacional” foi considerado como explicativo da escolha de uma carreira ou trabalho, e este remetia a alguma teoria de motivação e em geral esta permanecia indefinida, ainda que se falasse vagamente de “tendência”, “desejo”, “inclinação”, “predisposição”, “dom”. Na verdade, para este autor, dois conceitos devem ser considerados quando estamos discutindo questões que envolvam a escolha profissional, e são eles: a identidade ocupacional e a identidade vocacional.

Bohoslavsky<sup>29</sup> então define que uma pessoa adquiriu sua identidade ocupacional, quando integrou suas diferentes identificações, ou seja, identificação com um profissional, com um ídolo, um parente e sabe o *que quer fazer, de que modo e em que contexto*. Portanto, a identidade ocupacional incluirá um *quando, um à maneira de quem, um com que, um como e um onde*. Já a identidade vocacional é uma resposta ao *para que e ao por que* e está diretamente relacionada à identidade ocupacional, ou seja, sentiu o desejo de fazer algo por alguém, ajudar a corrigir dificuldades baseadas no sentimento de frustração, por ter perdido um parente ou ter alguém que queira ajudar e onde o exercício de determinada profissão ajudará a superar a frustração. Podemos afirmar também que tanto a identidade profissional quanto à identidade vocacional estão intimamente ligadas ao campo afetivo.

Algumas profissionais do grupo escolheram a fonoaudiologia por outros motivos. Uma se sentiu motivada a escolher essa profissão após realizar tratamento fonoaudiológico. Outras duas foram convidadas por amigo a conhecer a profissão e se identificaram com a mesma. Outra ainda

tinha uma tia que era fonoaudióloga e esta falava muito bem da profissão, despertando o interesse da sobrinha para esta área. Nestes casos, podemos afirmar que a aproximação se deu por identidade profissional.

Silva<sup>30</sup> acredita que as identificações com profissionais veiculam não somente uma tonalidade afetiva, mas também os atributos sociais que estes profissionais detêm. As relações, gratificantes ou frustradoras, com pessoas que desempenham papéis sociais – parentes, amigos, outros – com os quais a criança se identifica, consciente ou inconscientemente, tendem a determinar o tipo de relação com o mundo adulto em termos de ocupações.

Para outras, o desejo de ser fonoaudióloga surgiu porque havia pessoas próximas com distúrbio de comunicação. Uma, quando criança, tinha um colega de escola que falava errado e isso a deixou bastante impressionada na época. Quando ficou sabendo o que a fonoaudióloga fazia, lembrou-se do amigo da infância e decidiu cursar fonoaudiologia. Já outra tinha um parente surdo e este despertou nela o desejo de querer “ensinar mudo a falar”. Quando foi fazer vestibular, sabia que queria algum curso na área da saúde e escolheu a Fonoaudiologia pela convivência anterior com a surdez. Já nestes casos a aproximação parece estar mais relacionada à identidade vocacional.

Bohoslavsky<sup>31</sup> afirma ainda que as ocupações são consideradas sempre em relação às pessoas que as exercem. Portanto, as ocupações fazem parte do espaço psicológico das pessoas e jamais gozam de neutralidade afetiva.

O desenvolvimento da escolha profissional, de acordo com Soares<sup>32</sup>, constitui-se como um processo contínuo que vai da infância até a idade adulta. A partir de pesquisas, psicólogos americanos descobriram que o processo da escolha compreende três momentos: o primeiro de *fantasia*, o segundo de *tentativa* e, por fim, o *realista*, sendo este o momento da escolha profissional propriamente dita.

Estes processos são descritos por Soares<sup>32</sup> da seguinte maneira:

A fase da *fantasia* compreende várias situações: de 4 a 6 anos quando a criança responde à pergunta “o que é que você vai ser quando crescer?”, geralmente baseada em suas satisfações intrínsecas e passageiras, isto é, há desejos e necessidades momentâneos. De 7 a 9 anos, as escolhas já são baseadas no êxito que as carreiras oferecem, e de 10 a 12 começam a basear-se num realismo, sentidas como de sua responsabilidade. [...] Na fase das *tentativas*, que se desenvolvem de 12 a 17 anos, o adolescente baseia as escolhas primeiras em suas capacidades e finalmente nos seus valores, mesmo tendo informações insuficientes sobre si mesmo e sobre o mundo do trabalho. Valores são as normas, princípios ou padrões sociais aceitos ou mantidos por indivíduos, classe ou sociedade. Na

fase das *tentativas* o jovem começa a reconhecer os valores de sua família e meio social, assumindo-os e experimentando-os como seus. [...] A fase *realista* ocorre entre 17 e 21 anos, implicando a escolha de uma profissão.

A fase realista apresenta três momentos distintos, e é importante que o adolescente passe por todos eles, facilitando assim sua escolha. O primeiro momento é o da exploração, quando o jovem deve ter um conhecimento mais detalhado de todas as profissões, se possível. O segundo momento é aquele em que o mesmo se compromete com o objetivo que escolheu e o terceiro e último momento é quando o adolescente efetivamente começa a tomar decisões, a ter iniciativas que concretizarão a escolha realizada<sup>32</sup>.

Bohoslavsky<sup>31</sup> também se refere ao grupo familiar, que se constitui como o grupo de participação e de referência fundamental, e é por isso que os valores desse grupo constituem bases significativas na orientação do adolescente, na fase de escolha da profissão.

A família sempre teve um importante papel por sua função socializadora. Um bebê recém-nascido rapidamente é integrado no grupo social de referência a que pertence sua família e significado por este. Antes mesmo de nascer, o bebê já tem seu lugar social e um lugar na vida psíquica dos familiares. O mundo lhe é apresentado pela família e outras figuras significativas. É sobre esta primeira formação que se adicionará, no futuro, a opção profissional. A forma como os pais dão significado aos elementos da vida ocupacional sempre estará presente no modo de um filho significar este universo<sup>11</sup>.

Para Ferret<sup>27</sup>, não existe a individualidade tal como preconizada pelo liberalismo, não existe liberdade de escolha e muito menos igualdade de oportunidades. Pimenta<sup>26</sup> também afirma que a liberdade de decidir é da classe dominante.

A decisão do jovem, ao escolher sua profissão, está relacionada diretamente ao que a sociedade valoriza e coloca como sendo o padrão ideal de vida e profissão. São os significados realizados pelos adultos, dentro da valorização de algumas profissões, como por exemplo, medicina, engenharia, direito. A inserção social dessas profissões é determinante para que o jovem opte por elas durante seu processo de escolha profissional.

Pimenta<sup>26</sup> e Ferreti<sup>27</sup> afirmam também que a escolha profissional é multideterminada, ou seja, as propriedades que fazem do homem um ser particular, fazendo deste animal um ser humano, são um suporte biológico específico, o trabalho e os instrumentos, a linguagem, as relações sociais e uma subjetividade caracterizada pela consciência e identidade, pelos

sentimentos e emoções e pelo inconsciente. Com isto, podemos concluir que o humano e suas escolhas são determinados por todos esses elementos, são multideterminados.

Bohoslavsky<sup>31</sup> enfoca esta problemática através do conceito de sobredeterminação, ou seja, a escolha profissional é multi e sobredeterminada, as contradições sociais, tanto quanto as necessidades do sistema de se reproduzir, expressam-se por meio de demandas, apelos ou chamados do sujeito através da família, da estrutura educacional e dos meios de comunicação de massa, que vão cristalizando a ideologia do sistema social vigente, pela representação das profissões, das suas relações, dos requisitos pessoais para se ter acesso a elas, seu sentido social e o próprio valor do trabalho e organização, o sistema de compensações materiais e morais alcançáveis. As contradições subjetivas remetem em última instância à dialética do desejo e seu enquadramento no aparelho psíquico. Esta estrutura, isto é, esse sistema de identificação, dos quais não só o superego, o ideal do ego, mas o próprio ego são os efeitos, vai reproduzindo o sistema social no sujeito, promovendo a colocação daquele que escolherá em lugares que a estrutura social lhe determina, ou seja, não é o adolescente que escolhe, pelo contrário, é escolhido.

A teoria de Bourdieu<sup>33</sup> oferece subsídios para a compreensão da mediação indivíduo-sociedade. Nesta teoria, o ponto central diz que as condições objetivas de vida são interiorizadas gerando o *habitus*, conjunto estruturado de disposições que irá por sua vez presidir as ações diante de situações e estímulos. Trata-se, portanto, da interiorização da exterioridade; e da exteriorização da interioridade, ou seja, dos mecanismos internalizados que subjazem ao comportamento.

O *habitus* se apresenta, pois, como social e individual. Refere-se a um grupo ou a uma classe, mas também ao elemento individual. O processo de interiorização implica sempre internalização da objetividade, o que ocorre certamente de forma subjetiva, mas que não pertence exclusivamente ao domínio da individualidade<sup>30</sup>.

Bohoslavsky<sup>31</sup> e Bourdieu<sup>33</sup> concordam que a estrutura social vai sendo reproduzida no sujeito mediante processos de identificação. O indivíduo tende a reproduzir simbolicamente a estrutura de relações sociais próprias à classe social a que a família pertence e, ainda, os deslocamentos no espaço social que constituem sua trajetória social.

Para esses autores<sup>30,31,33</sup>, ainda podemos entender o comportamento de escolha profissional como um conjunto de estratégias que visam, consciente ou inconscientemente, a

manter ou elevar a posição que o indivíduo ocupa na distribuição de bens materiais e simbólicos de uma dada formação social, o que depende evidentemente do montante e da composição do capital possuído, bem como de seu *habitus* de classe.

Podemos pensar também que a ação humana apresenta-se distinta do comportamento dos outros animais porque o homem age de acordo com finalidades e planeja suas atividades. Ao modificar a natureza, ele cria a cultura, a linguagem, a história e a si mesmo. Nesse sentido, o trabalho para o homem é realmente fundamental.

Na medida em que todos os indivíduos estão submetidos às determinações do campo social, toda escolha é socialmente condicionada, então como podemos configurar os modos próprios a cada classe social em relação à atividade profissional?

Nas classes altas e médias, esta se configura como uma resolução de problemas e pela busca de escolhas racionais, isto é, faz parte de seu *habitus* de classe. Para isso contribuem inclusive as educações formais, que levam a considerar todos os problemas da vida como passíveis de uma solução racional, de modo “científico”<sup>30</sup>.

Já nas classes baixas isto não ocorre, pois existem dificuldades em configurar essas noções de problemas, já que esta atitude está intrinsecamente ligada a uma disposição adquirida e resulta da ação formadora da escola. Nas classes baixas, o ingresso profissional poderá ocorrer sem essa conotação de escolha deliberada, o que não inclui, todavia, uma explicação de motivos que levaram os indivíduos a esta profissão, que pode igualmente estar traduzida em termos afetivos e econômicos<sup>30</sup>.

Para Silva<sup>30</sup>, o que se pode supor é que, percorrendo a escala social de um extremo a outro, nas escalas inferiores, a necessidade econômica predomine como um dos pólos de determinação e, nos extremos superiores, o gosto, o dom, a vocação e a realização pessoal. Donde se pode supor também que nem sempre o mecanismo de fazer da necessidade virtude será a explicação, podendo ser encontrados sentimentos de revolta nas classes baixas e de culpa nas classes altas.

Nos últimos tempos, pudemos acompanhar nos jornais uma série de notícias que poderiam ser lidas como evidências das disputas em torno do lugar social dos grupos profissionais. Esses indícios aparecem, por exemplo, quando o projeto que define o campo médico gera enfrentamentos com outras categorias de trabalhadores da área de saúde. Podemos pensar então na disputa de poder entre profissões que são quase que exclusivamente compostas



por pessoas de classes altas e, do outro lado, profissões compostas por trabalhadores de classe média e baixa, reproduzindo novamente a dominação já determinada socialmente.

Barbosa<sup>34</sup> afirma que tudo se torna mais interessante quando também podemos constatar uma evolução importante na sociologia brasileira:

a incorporação de um conjunto de abordagens teórico-conceituais que tem como objeto específico a formação e atuação dos grupos profissionais. Muitos poderão argumentar que não se trata exatamente de uma novidade, visto que sociólogos do nosso país há muito tratam do trabalho de médicos, advogados ou engenheiros. Se isso é inegável, não se pode deixar de perceber um componente distintivo na produção atual, que é o uso extensivo de teorias e métodos de pesquisa, desenvolvidos e sistematizados principalmente pela sociologia americana, que instituem um nicho específico na teoria social para a problemática das profissões. Isso significa considerar que as trajetórias desses grupos sociais são associadas a fatores diferenciados daqueles que definem outros grupos, que as profissões não podem ser entendidas como meros resultados de forças estruturais que modelam qualquer grupo social. Que é possível perceber, nos processos de profissionalização, os traços distintivos da configuração de forças sociais que constituem as profissões.

Duas fonoaudiólogas do grupo tinham o desejo de atuar na área da saúde. Uma pretendia escolher algum curso na área da saúde, acabou optando pela fonoaudiologia, mas antes da definição foi procurar informações com outros profissionais sobre o que realmente era essa profissão. Outra tinha vontade de fazer medicina, no entanto, não passou no vestibular. Ao tentar Fonoaudiologia, passou e foi cursar para ver como era. Acabou terminando o curso e desistiu de fazer medicina.

Bohoslavsky<sup>31</sup> afirma que a identidade vocacional está sobredeterminada, sofrendo portando a ação de múltiplas e diversas causas convergentes e contraditórias, e expressa conflitos em pelo menos três planos: o instintivo, o estrutural e o interacional/contextual.

Resgatando o que Grosseman<sup>1</sup> define acerca destes planos, baseada em outros autores:

Com relação ao plano instintivo que considera a vocação como potencial do ser humano para expressar sua existência Crema<sup>35</sup> afirma que: “quando nos convocamos a existir, numa coordenada tempo-espaco, nós nos fazemos um propósito. Há uma promessa inerente ao nosso ser [...] Estamos aqui para realizar uma tarefa pessoal intransferível [...], para concretizar uma obra-prima: para trazer diferença ao universo. É o que denomino de vocação: a voz interna de nosso desejo mais fundamental e o imperioso impulso para realizarmos o que somos”.

No plano estrutural, a vocação seria uma resposta do ego aos objetos internos “vocantes”, que “pedem, reclamam, exigem, impõem e sugerem” ser reparado pelo ego (“chamamento interno”).

O terceiro plano, o interacional/contextual, Bohoslavsky<sup>31</sup> afirma que, “refere-se à identificação do indivíduo com modelos propostos pelo meio social, em um determinado contexto histórico”.

Somente duas fonoaudiólogas deste grupo não sabiam qual profissão escolher. Assim uma escolheu a fonoaudiologia através de um guia de vestibular em que dizia que a profissão trabalhava com comunicação. Como achou esse tema interessante, fez sua opção para Fonoaudiologia. A outra não tinha o desejo de ser fonoaudióloga, escolheu a profissão por acreditar nas possibilidades de trabalho na época, por ser uma nova profissão. Na verdade, já tinha iniciado outros cursos na área da saúde, mas não havia concluído nenhum. Este fato não causa estranheza, visto que a profissão de fonoaudiólogo não era tão conhecida na época da escolha profissional destas entrevistadas, desse modo a explicação para isso pode estar diretamente relacionada à não tradição dessa profissão.

Bohoslavsky<sup>31</sup> divide as profissões em **profissões tradicionais e profissões não-tradicionais**. As primeiras são aquelas cujo prestígio social advém do fato de representarem para certos setores sociais a prolongação de uma cultura de *status* ou simbólica e, para outros, a aquisição desses símbolos de ascensão social, e isto independentemente da remuneração econômica real e da função social que as mesmas cumprem. As profissões não-tradicionais ou modernas são aquelas cuja característica principal é ser o *status* adquirido através da eficácia do trabalho profissional e dos benefícios sociais que derivam delas mesmo, e não automaticamente com a posse do título.

Com base nesses conceitos, podemos afirmar que a **Fonoaudiologia é uma profissão não-tradicional**, visto que, ao longo dos anos, tanto no Brasil quanto no mundo vem crescendo sob diversos aspectos, tanto cientificamente quanto socialmente, no entanto falta clareza aos profissionais da área sobre este fenômeno para que haja maior inserção social, a partir de movimentos da própria classe, pois, sendo a comunicação objeto dessa profissão, os benefícios sociais para a população como um todo é evidente e essencial.

Para Rezende,<sup>36</sup> a despeito dos contextos adversos e da rivalidade científica de outras profissões, a fonoaudiologia se impôs e cresce com vitalidade no Brasil e no mundo, exclusivamente pela força de seu grande alcance social e dos enormes serviços que presta à comunidade em geral acerca da comunicação, objeto vital para o desenvolvimento e convívio entre os seres humanos.

Quanto às características individuais que determinaram a escolha da fonoaudiologia como profissão, a expectativa relacionada a valores, o **desejo de ajudar o outro – altruísmo** - foi o mais abordado pelo grupo. As profissionais referiram que a escolha dessa profissão se deu também pela possibilidade de ajudar o outro, de poder construir uma relação mais próxima com o paciente e poder proporcionar um crescimento em relação ao problema de comunicação que este pudesse estar enfrentando, além da possibilidade de troca e crescimento mútuo através da relação dialógica estabelecida.

Sem alguma espécie de altruísmo não se estabeleceriam laços sociais, e é isso o que nos diz Ruse<sup>37</sup>: “O altruísmo é, obviamente, a condição *sine qua non* do comportamento social; de fato, pode-se dizer que, num certo sentido, ele é parte daquilo que definimos como comportamento social” (Ruse, 1983, p. 53).

Chediak<sup>38</sup> afirma que há dois tipos de altruísmo: o de parentesco e o recíproco. O que caracteriza o primeiro comportamento é que não há expectativa de retorno na cooperação, não há troca. Já no segundo caso, o altruísmo recíproco diz respeito à existência de cooperação entre os indivíduos. Esse tipo de relação social é mais frágil, uma vez que depende da relação de confiança estabelecida entre os indivíduos. Essa relação cooperativa pode ser bem estreita entre indivíduos que convivem proximamente e que, por isso, são mais cooperativos uns com os outros, ou pode ser mais indireta, quando se coopera na espera de que o outro assim se comporte em um momento de necessidade. O altruísmo recíproco requer sempre retorno na cooperação, é uma troca e, por isso, distinto do altruísmo de parentesco, mas ambos estariam presentes na espécie humana.

Segundo Patrício,<sup>14</sup> a interação entre duas pessoas é uma oportunidade de troca de sentimentos e energia. Essa interação, quando se aprofunda adequadamente, ou seja, quando leva em consideração os sentimentos e atitudes dos seres humanos, adquiridos ao longo de seu processo de vida, seja ele paciente ou sujeito de uma investigação, transforma o agente e o sujeito, por proporcionar que ambos repensem suas vidas e suas atitudes, e encontrem, juntos, recurso para melhorá-las.

Fromm<sup>39</sup> também salienta a importância da interação entre os seres humanos e entre eles e a natureza e afirma:

[...] o desejo humano de experimentar união com outros tem raízes nas condições específicas de existência que caracterizam a espécie humana, e é um dos mais fortes

motivadores de conduta. Essa necessidade humana de unidade com outros é sentida de muitas maneiras: na ligação simbólica com a mãe, com um ídolo, com a tribo, nação, classe, religião, fraternidade e com a organização profissional.

Entretanto, o autor lamenta que, infelizmente, estejamos caminhando para o isolamento, já que estamos desenvolvendo, minimamente, nossa determinação instintiva e o máximo da capacidade racional, portanto, o ser humano está perdendo sua unidade original com a natureza. E para não nos sentirmos isolados, devemos buscar uma nova unidade com nossos semelhantes e com a natureza, caso contrário, o isolamento poderá nos levar à loucura.

Grosseman<sup>11</sup> afirma que:

[...] considerando a relação interpessoal como algo instintivo do ser humano, à medida que conseguimos realizá-la de forma aprofundada, seja com o entrevistado, o paciente, o amigo ou qualquer outro ser humano, a sensação de ser “humano” e estar inserido no mundo torna-se gratificante, pois este é o sentido da vida.

Outro **desejo** individual bastante citado pelo grupo foi o **de trabalhar com crianças**, estar, conviver com elas. O fato de a profissão ser composta em sua maioria por mulheres também é um fator que identifica esta profissão. E neste sentido, este fato pode explicar o desejo do convívio com crianças, bem como a ligação da fonoaudiologia ter suas raízes no magistério, que também é uma profissão essencialmente feminina.

Em 1999, Pereira<sup>21</sup> realizou um estudo com o objetivo de conhecer as razões que vêm fazendo da fonoaudiologia uma profissão de mulheres. Sob tal enfoque, esse predomínio aparece como fenômeno histórico, presente desde a gênese da área fonoaudiológica, que reflete o embate entre o desempenho dos papéis femininos mais tradicionais e o exercício de uma profissão no mundo do trabalho. Portanto, concebida como uma atividade voltada para o atendimento de crianças, centrada no consultório e com um horário flexível, a fonoaudiologia tem-se constituído numa escolha profissional, que viabiliza a dupla jornada feminina de trabalho.

As expectativas de ter **reconhecimento pessoal e financeiro** durante o processo de construção da vida profissional também foram mencionados no grupo. Uma esperava se realizar através do reconhecimento pelo empenho dedicado à profissão. Outra queria se realizar tendo independência financeira e podendo viajar, ir a congressos, conhecer outras realidades culturais, crescer profissionalmente. O crescimento profissional realizado através de viagens e congressos também é referido por algumas entrevistadas. No entanto, uma esperava somente ter emprego e

ser reconhecida pela profissão exercida, enquanto outra refere que, além da questão ideológica da profissão, queria ter seu reconhecimento através do retorno financeiro.

Bohoslavsky<sup>31</sup> afirma que, dentro da escolha profissional, existe uma ordem de determinação que nos remete à categorização dos benefícios esperados da execução de determinado trabalho. Esses benefícios desejáveis e possíveis são uma expressão de determinada ordem social. Outra ordem de categorização se refere não mais aos benefícios e valores do trabalho, mas ao significado das ocupações e profissões, sua diferenciação e grau de articulação, os requisitos de aptidões ou de características necessárias para chegar a estas, além do treinamento necessário.

Ainda, Bohoslavsky<sup>31</sup> afirma sobre essas categorias:

o registro subjetivo destas duas ordens de categorização estabelece-se sobre coordenadas de atitudes cujos vetores principais na sociedade capitalista são dirigidas para: busca de benefícios econômicos, busca de poder, busca de prestígio. Estes podem adequar-se em maior ou menor grau aos benefícios econômicos, ao poder e ao prestígio real que as ocupações proporcionam, mas em todo caso constituem a estrutura profunda das escalas de valor-atitude com referência às quais as ocupações são julgadas pelo sujeito que escolhe.

Podemos perceber que as fonoaudiólogas deste grupo foram mais claramente dirigidas para a busca, no mínimo, de benefícios econômicos e busca de prestígio, através do reconhecimento pessoal e profissional, visto que a fonoaudiologia em seu espaço de inserção social não é uma profissão ligada ao poder; diferentemente da medicina, conforme os resultados encontrados por Grosseman<sup>11</sup> em sua tese, em que seus entrevistados referiram como expectativa em relação à profissão de médico o desejo de ser bom médico e como consequência ter reconhecimentos intelectuais, sociais e ou financeiro; **ter poder** e ter boa qualidade de vida.

Grosseman<sup>1</sup> afirma ainda que:

os significados da profissão médica compartilhados pelo coletivo foram transmitidos, no cotidiano, por vizinhos, pela escola, família, pelos profissionais médicos (provenientes ou não da família) e meios de comunicação. A profissão médica era considerada a profissão mais nobre da área biológica, uma profissão bela, disputada e/ou invejada, que representava desafio intelectual e proporcionaria status, prestígio e destaque na sociedade, segurança financeira e a possibilidade de ascensão e articulação social.

Então podemos afirmar que a escolha profissional do médico está mais próxima dos significados coletivos determinados pelo social e que a Fonoaudiologia não goza do mesmo valor, sendo, portanto, uma escolha mais dirigida pelo desejo individual e não pelo coletivo, visto que o espaço de inserção social da profissão de fonoaudiólogo é muito menor do que aquele exercido pela medicina, como mencionei anteriormente ao discutir sobre profissões tradicionais e não tradicionais.

Com relação à definição do “**ser fonoaudiólogo**”, o que mais chamou a atenção foi a paixão e a satisfação em ser fonoaudióloga, ou seja, o *encantamento* pela profissão escolhida. O termo encantamento, segundo o dicionário Aurélio,<sup>40</sup> significa: “ato ou efeito de encantar-se, feitiçaria, magia, coisa maravilhosa, delícia, sedução, encanto. O encantado é aquele que sofre o encantamento, aqueles que foram seduzidos, enlevados, arrebatados. Que está muito contente, satisfeitíssimo”.

Este termo está sendo utilizado aqui, justamente, para demonstrar o que apareceu como grande força propulsora para as profissionais seguirem lutando por essa profissão, que muitas vezes, lhes parece sem reconhecimento, como tratará no próximo tema, visto que o “ser fonoaudióloga” não foi definido pelas profissionais deste grupo somente como algo positivo, mas também muitas limitações e desafios a serem superados. Portanto, o “ser fonoaudiólogo” permeará todos os temas dessa discussão.

Os resumidamente os relatos do grupo de fonoaudiólogas são: “

- “*continuo amando a fonoaudiologia e somente me reconhece como ser humana, sendo fonoaudióloga*”.
- “*é uma grande satisfação, sinto-me plena sendo fonoaudióloga*”.
- “*estou formada há trinta anos e acredito que ainda estou em processo de aprendizagem e sinto-me muito satisfeita de trabalhar como fonoaudióloga. Quero passar essa imagem para outras pessoas e profissionais*”
- “*ser fonoaudióloga é ser feliz e quer também passar essa imagem para os outros*”
- “*descobri que para mim a fonoaudiologia é tudo; atuei com amor e dedicação e, acha maravilhoso ter sido fonoaudióloga. Vou me aposentar acreditando que foi uma excelente escolha que fiz na vida*”
- “*ser fonoaudióloga é muito importante pra mim, e que não me vejo fazendo outra coisa, está dentro de mim e faço com carinho*”

- “*ser fonoaudióloga é um presente divino, é uma jóia. É um presente de crescimento de vida*”.
- “*ser fonoaudióloga é o ar que eu respiro, é um objetivo alcançado, amo e sento orgulho do que faço. Faz parte da minha vida ser fonoaudióloga*”
- “*ser fonoaudióloga é cinqüenta por cento da minha vida*”.
- “*é uma satisfação pessoal, é uma coisa gostosa e tranqüila que gosto de fazer*”.

Patrício *et al*<sup>13</sup> (1999) afirmam que o trabalho está diretamente relacionado à qualidade de vida do trabalhador. Baseados em estudos de casos múltiplos, os autores mostram que o trabalho é importante para a realização pessoal, seja pelo prazer do ofício ou pelo que este promove na atividade em si, ou ainda pelo que proporciona. Ainda, segundo esses autores, o trabalho é movimento:

Portanto, relendo o referencial no que diz respeito à vida como movimento, “trabalho é vida”. Sendo assim trabalho é importante para uma melhor qualidade de vida, direta ou indiretamente. [...] Trabalho como prazer e felicidade; trabalho produzindo satisfação no processo e no produto, seja o próprio processo e produto do trabalho, seja a renda desse trabalho, que subsidiará atender suas necessidade de ter, ser, estar e fazer para sentir-se melhor.

Grosseman e Patrício<sup>1</sup> afirmam que, para compreendermos a satisfação do ser humano com seu trabalho:

[...] não basta analisar apenas os fatores objetivos do trabalho. É imprescindível incluir a subjetividade do trabalhador, pois o seu sentimento de satisfação decorre, também, do valor que ele atribui à tarefa que realiza. A satisfação concreta reporta-se à proteção à vida, à segurança no trabalho e ao bem-estar físico e mental, sendo mais relacionada à saúde do corpo. Pode ser analisada por avaliações objetivas, para a adequação do ambiente e das atividades do trabalho (físicas, sensoriais e intelectuais) à estrutura psicossomática individual. A satisfação simbólica refere-se à vivência qualitativa da tarefa, ao potencial dessa tarefa para satisfazer os desejos do trabalhador. Para compreender essa dimensão, que é influenciada pelo processo de construção social do trabalhador acerca do trabalho, deve-se analisar a história de vida do trabalhador e suas atitudes, que expressam significados e emoções.

Diante do exposto pelos autores acima e do discurso das profissionais do grupo acerca da definição do ser fonoaudiólogo, podemos afirmar que estas se referem a sua satisfação simbólica em relação ao exercício profissional do fonoaudiólogo, portanto, estão falando da satisfação dos

desejos perante o fazer fonoaudiológico após a escolha da profissão. O encantamento reflete as emoções dessas profissionais diante da realidade vivenciada, durante o processo de vida no trabalho.



## 4.2 A busca pelo reconhecimento: despertando para a realidade profissional

“Eu vejo que a profissão, esses dias eu ainda estava fazendo uma análise, a gente teve momentos na nossa profissão em que não tínhamos a profissão reconhecida, era meia dúzia de gato pingado lutando para esse reconhecimento e lembro o quanto a gente era unido! E isso dava força! Hoje é reconhecida e eu sinto que a fonoaudiologia, infelizmente é dividida. Agora a luta é entre nós mesmos, entre os que trabalham na área da linguagem com as diferentes correntes teóricas, e entre as grandes áreas, audiologia e terapia fonoaudiológica. Infelizmente vejo a fonoaudiologia muito dividida e um pouco perdida por consequência disso”. (Citrino)

Durante o processo de formação, a realidade da profissão já começa a aparecer como um fator a ser superado pelo grupo. Apesar de a maioria ter relatado o sentimento de competência para atuação no mercado de trabalho, ou seja, consideraram-se preparadas para atuar logo após a formação, algumas limitações aparecem no processo de aprendizagem do fazer fonoaudiológico. Entre estes fatores, o que mais chama atenção é o *distanciamento entre teoria e prática*.

Algumas profissionais do grupo se referiram também ao pouco contato com a pesquisa e à falta de atualização. Outras relataram a falta de relação entre teoria e prática, bem como a falta de relação entre disciplinas generalistas e a fonoaudiologia. Uma das fonoaudiólogas do grupo relatou que, na sua época, não havia bibliografia em língua portuguesa e que este fato, apesar de ter sido superado através do esforço pessoal, foi um limitador no processo de formação. Com relação a questões específicas da área, algumas mencionaram o conteúdo insuficiente em duas grandes áreas de especialização da fonoaudiologia: voz e audiologia.

Ao serem questionadas quanto ao trabalho em equipe, as profissionais também mencionaram algumas dificuldades, até mesmo dificuldades intradisciplinares. Este fato também é visto como consequência de uma formação voltada para o atendimento individualizado, dificultando a troca de informações entre profissionais da mesma área. Algumas fonoaudiólogas do grupo referiram que o começo de uma profissão é a integração dos profissionais, e que está faltando integração na fonoaudiologia, enquanto entidade de classe. Outras ainda queixam-se de que é mais fácil trocar informações com profissionais de áreas afins do que com colegas de profissão.

Essa questão do reconhecimento também passa pela *relação intradisciplinar e interdisciplinar*. Alguns relatos se referem à falta de união entre as profissionais da área, quando as entrevistadas queixam-se da dificuldade de integração, por conta de disputas e vaidades dentro do próprio grupo profissional, o que dificulta o processo de reconhecimento da profissão. Também apontam a desunião por parte dos profissionais de áreas afins e da própria comunidade. Podemos refletir então sobre trabalho em grupo e estamos nos referindo ao esforço conjunto de uma categoria profissional para o reconhecimento de uma profissão, estamos falando do “grupo profissional”.

Segundo Behlau,<sup>41</sup> (2004) “trabalho em grupo significa trabalhar conjuntamente, [...] e pode significar a divisão de tarefas para que o resultado final represente a soma das partes”. Neste caso, precisamos, no mínimo, ter o objetivo a ser alcançado muito bem claro pelo “grupo profissional”. O trabalho em equipe é aquele em que devemos considerar alguns critérios de competência, habilidade e créditos pessoais para realizarmos as tarefas propostas pelo grupo. “Trabalhar em equipe é geralmente visto como uma oportunidade especial de aprendizagem, troca, crescimento, em que o resultado final é maior que a soma das partes”.

Uma das queixas do grupo é em relação aos convênios que não valorizam a profissão e ainda por cima pagam um valor muito baixo pela terapia fonoaudiológica. No entanto, acreditam que, somente com a união da classe fonoaudiológica, é que iremos conseguir reverter este quadro. É a atuação e consciência pessoal que poderá beneficiar a categoria.

Outro reflexo da dificuldade de estabelecer-se como “grupo profissional” está na baixa inserção do fonoaudiólogo nos sindicatos que representam a profissão. No Brasil, existem atualmente sete sindicatos – Ceará, Goiás, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Baixada Santista e Santa Catarina.

De acordo com o Conselho Federal de Fonoaudiologia,<sup>42</sup> o Sindicato de Fonoaudiologia do Rio de Janeiro (SINFERJ) foi o pioneiro da categoria de fonoaudiólogos. Existe desde 1984 e apesar disso, conta com apenas 5% da categoria filiada, o que dificulta sua manutenção. As dificuldades enfrentadas pelos sindicatos são:

[...] a baixa adesão dos profissionais e a pouca politização da categoria, com falta de sensibilização e informação sobre a real importância de uns sindicatos fortes, representativos e participativos. A ausência de conhecimento das ações desenvolvidas pela entidade em benefício dos trabalhadores fonoaudiólogos e o pouco interesse em defender, lutar e conhecer seus direitos e deveres são também as causas dos problemas enfrentados por todos, sem exceção.

Para o SINFERJ, os caminhos para a atuação das atividades sindicais passam pela educação, ou seja, pela maior e melhor integração e participação dos Sindicatos e Conselhos Federal e Regional com as universidades. A conscientização e a informação da categoria quanto à importância da sindicalização deve iniciar na formação acadêmica<sup>42</sup>.

Com relação ao *trabalho interdisciplinar*, as discussões ficaram bem divididas, uma parte do grupo mencionou que pessoalmente não tiveram e não tem problemas com profissionais de áreas afins, no entanto, referem que não é uma relação fácil e que sabem de dificuldades pelas quais outros colegas passam. Outras profissionais do grupo acreditam que esta relação só não é melhor por fatores que a própria fonoaudiologia poderia melhorar, como ter mais confiança em seu fazer fonoaudiológico, e assim, discutir com maior segurança com os outros profissionais. Outras ainda, acreditam que o fonoaudiólogo tem medo de trocar informações com profissionais de áreas afins, e ficam fechados em seus consultórios, reclamando que não há indicação de tratamento de outras áreas.

Behlau,<sup>41</sup> também define o que é interdisciplinaridade:

[...] é um termo que sugere atuação em zonas limítrofes do conhecimento, em que é necessária a troca de informações entre profissionais de diferentes disciplinas, mantendo-se suas funções originais, porém, com transferência de informações de modo colaborativo. A interdisciplinaridade não pressupõe trabalho em equipe e é, algumas vezes, visto como o local de nascimento de uma nova especialidade, sendo uma zona enorme de produção de conhecimento, altamente fértil. Vários aspectos da atuação profissional do fonoaudiólogo estão na zona limítrofe da interdisciplinaridade e poderão assim continuar, migrarem para outras profissões ou serem definitivamente conquistados pela fonoaudiologia.

As profissionais deste grupo que se queixaram de dificuldades com profissionais de áreas afins mencionaram que é uma relação delicada e precária, que alguns profissionais ainda se acham auto-suficientes e não se dão as oportunidades de conhecer o papel da Fonoaudiologia. Outras mencionaram ainda que não é uma parceria fácil e que existe resistência. Também há o fato de a Fonoaudiologia ainda precisar provar sua competência para lidar com aspectos relacionados à saúde. Houve aquelas que mencionaram que a discussão acerca do ato médico, como um fator que influenciou negativamente a relação interdisciplinar com a medicina. Outra parte do grupo de profissionais referiu que o médico pediatra é o que mais tem dificuldade em encaminhar para a Fonoaudiologia. No entanto, as entrevistadas concordam que esta relação já

foi mais difícil, e a Fonoaudiologia já conquistou mais espaços de atuação e ainda continua conquistando este reconhecimento.

O ensino universitário fragmentado, distanciando a teoria da prática, não discute de forma clara os significados e práticas que estão intrínsecas no trabalho em grupo, enquanto fortalecimento para melhorar o reconhecimento e a atuação interdisciplinar. Esse tema também foi discutido por Grosseman<sup>1</sup> (2004, p.173) ao afirmar que:

Algumas características encontradas no ensino da medicina são comuns à educação universitária, em nossa sociedade, nas diversas áreas do saber. Essas peculiaridades favorecem a alienação do estudante e fazem com que a universidade não forneça nem os profissionais necessários, nem a formação adequada para atender às necessidades do país.

Bohoslavsky<sup>31</sup> refere algumas características desse modelo de educação universitária:

“dessincronia” entre a organização educacional e as estruturas produtivas, que gera a formação de mão-de-obra que não corresponde às necessidades do país, fragmentação do saber – resultante de uma dificuldade, ideologicamente determinada, quanto à possibilidade de uma reconstrução conceitual da realidade – que forma especialista em “fragmentos de realidades”; e o divórcio entre saber e fazer, conhecimento e ação, universidade e realidade.

Para Drucker,<sup>43</sup> o fato de estarmos passando rapidamente de uma visão cartesiana de Universo, na qual são enfatizados partes e elementos, para uma visão estrutural, com ênfase no todo e nos padrões, faz com que sejam desafiadas todas as linhas que dividem os campos de estudo e conhecimento. A hipótese mais provável é que cada uma das antigas demarcações, disciplinas e faculdades acabará por ser obsoleta e se tornará barreira para o aprendizado e o conhecimento.

O autor<sup>43</sup> (1969, p. 147) afirma que:

Até o século XIX, praticamente não havia contato entre o conhecimento e a ação. O conhecimento atendia ao “intelecto”, enquanto a ação baseava-se em experiência e nas habilidades dela resultantes. Até a segunda metade do século XIX, toda a tecnologia estava separada da ciência e era adquirida por meio de aprendizado prático. Portanto, a busca do conhecimento, assim como seu ensino, tem sido tradicionalmente dissociado de sua aplicação. Ambos foram organizados por temas, isto é, segundo parecia ser a lógica do próprio conhecimento. As faculdades e os departamentos das universidades, títulos acadêmicos, especializações e, na verdade, todas as organizações do ensino superior, têm se concentrado nos temas. Elas têm se baseado, para usar a linguagem dos especialistas em organização, no “produto”, e não no “mercado” ou no “uso final”.

Drucker<sup>43</sup> escreve que, para ensinar, devemos nos organizar considerando as principais áreas de aplicação (que sempre são interdisciplinares) e a especialização em uma área limitada. Na primeira, devemos nos certificar de que o aluno leve em consideração a análise profunda necessária, isto é, a contribuição do especialista. Na segunda, o especialista deverá, antes de tudo, aprender que utiliza um só instrumento que, isoladamente atinge resultados limitados. Desta forma, poderá relacionar essa especialização ao universo do conhecimento e como estabelecer ligações com sua aplicação, ou seja, como combiná-la com outras especialidades para atingir resultados.

Desde a sua concepção até a sua forma de atuação, a fonoaudiologia sempre será uma profissão essencialmente interdisciplinar e seu processo de aprendizagem durante a formação deve priorizar a exercitação dessa realidade, fazendo com que o futuro fonoaudiólogo e seus colegas de profissão e áreas afins consigam, fora da universidade, enxergar o paciente/cliente como um todo e trocar informações acerca do mesmo sem dificuldades de relacionamento, sem acreditar que haja invasão de campos de conhecimento. Para isso, as elaborações das diretrizes curriculares dos cursos devem ser realizadas, de forma conjunta, priorizando as áreas comuns de conhecimento. Os educandos devem conviver já na universidade com essa realidade, e os professores devem se esforçar para tornarem-se modelos positivos dessa forma de atuação.

A Fonoaudiologia, atualmente, tem cinco áreas de especialização, sendo elas: audiologia, voz, motricidade oral, linguagem e saúde coletiva. Durante o processo de formação em Fonoaudiologia, os professores precisam exercitar a troca de informações entre essas áreas de conhecimento; exercitar a intradisciplinaridade, de forma que o aluno, ao sair da universidade, enxergue o colega de profissão como aquele que pode e deve colaborar com a troca de informações. A queixa do grupo de profissionais é que o que comumente acontece durante o fazer fonoaudiológico é: o outro profissional da mesma área é visto como um concorrente e não como um parceiro colaborativo para a evolução do processo pelo qual o paciente/cliente está passando.

Segundo a visão de Bochniack<sup>44</sup> (1992), a interdisciplinaridade deve começar na mente das pessoas envolvidas no processo de formação, ou seja, os professores. A primeira mudança necessária para viabilizar o processo de diálogo entre os conhecimentos é a credibilidade do professor em sua função de modificador da sociedade na qual atua. Cabe ao professor “preparar as gerações futuras para sua função de autores da história e construtores do conhecimento

verdadeiro”. Para a autora, a interdisciplinaridade tem como função melhorar, primeiramente, a relação dos seres humanos com o conhecimento, com o entendimento do saber contextualizado, modificando a vida das pessoas ao promover cidadania. Com este conceito, a autora revela acreditar que a interdisciplinaridade deve ser entendida como um instrumento para aproximar o conhecimento formalizado à prática cotidiana. Conseqüentemente, sua metodologia prevê a ruptura de barreiras preestabelecidas, favorecendo o diálogo entre saberes diferentes, mesmo que estes estejam presentes em uma mesma profissão, como é o caso da Fonoaudiologia.

Analisando, então, *as limitações do processo de formação*, podemos dizer que as queixas são em torno de questões levantadas por Drucker<sup>43</sup> e Bochniack<sup>44</sup> e que, ao repensarmos a formação em Fonoaudiologia, devemos levar em consideração as contribuições desses autores, principalmente as que dizem respeito à intradisciplinaridade e à interdisciplinaridade, pois somente com as interações entre as ciências é que a Fonoaudiologia conquistará um maior espaço de inserção social.

Ao mesmo tempo, Drucker<sup>43</sup> (1969, p. 149) afirma que, “teremos que reconhecer que a pesquisa gera informações e não conhecimento, e que precisamos nos organizar para aplicar as informações e obter resultado, que são o que nós cada vez mais denominamos conhecimento.”

Para Pontuschka<sup>45</sup> (1993), a interdisciplinaridade se apresenta como uma metodologia em que se respeita a especificidade de cada área, procurando estabelecer e compreender as relações entre os conhecimentos sistematizados, ampliando o espaço de diálogo na direção da negociação de idéias e da aceitação de outras visões.

Weigert, Villani & Freitas<sup>46</sup> (2005) são educadores e utilizam a metodologia baseada em *temas geradores*, na qual estes são norteadores do estudo da realidade na tentativa de visualizar os problemas do cotidiano, à luz dos conhecimentos sistematizados, buscando formas para problematizá-los e levá-los para a sala de aula. Os temas geradores desempenham o papel de eixo de equilíbrio entre uma visão geral do cotidiano e a visão específica de cada área sobre o cotidiano. A interdisciplinaridade, assim concebida, busca ampliar as concepções de ensino, de escola, de Educação e modificar as relações entre os diferentes segmentos envolvidos: professor, aluno e áreas de conhecimento.

Os temas geradores podem e devem ser utilizados pelo ensino superior como forma de estabelecer contato entre as diversas áreas de conhecimento. Os professores de diversas áreas em diferentes disciplinas podem propor estudo de casos interdisciplinares, na qual o tema gerador

surgiria a partir do estudo de caso em que haveria a necessidade de diálogo entre diferentes áreas para a resolução do problema. Assim, a exercitação da interdisciplinaridade na universidade facilitaria a convivência entre diversas áreas da saúde, como psicologia, medicina, enfermagem, fonoaudiologia, após o processo de formação, fora da universidade, no cotidiano da atuação de cada área. As diretrizes curriculares de áreas afins devem vislumbrar o processo de trabalho dos futuros profissionais, em consonância com essa nova realidade no campo profissional, na qual a visão holística de indivíduo seja praticada, efetivamente, durante a formação de todos os profissionais da área da saúde.

Lewis,<sup>47</sup> também faz algumas ponderações acerca da formação do profissional fonoaudiólogo, em relação à atuação deste no serviço público:

[...] a formação do fonoaudiólogo, que vem passando por inúmeras transformações, ainda merece modificações. Apesar de todas as reformas curriculares, ainda resta a dúvida se o ensino tem propiciado, de forma significativa, as fundamentações teóricas que, conjuntamente com a prática supervisionada, possibilitam ao aluno vivenciar a atuação no serviço público de saúde. As universidades devem enfatizar as reflexões críticas, voltadas para as demandas de ordem social que se apresentam na prática cotidiana. A fundamentação teórica, a competência técnica e a reflexão crítica possibilitarão a formação de um profissional capaz de re-significar e transformar, no cotidiano, uma realidade social.

Em relação às **expectativas quanto à formação e atividade profissional**, *continuar estudando* foi uma das expectativas mais referidas pelo grupo. Esta questão está intimamente relacionada à busca pelo crescimento e reconhecimento, já que como uma “nova profissão” a Fonoaudiologia teria que buscar subsídios em pesquisas científicas para obter um respaldo para discutir o “ser fonoaudiólogo”. Ainda em relação à questão da formação, entre os conselhos para os futuros profissionais da área, *continuar estudando* foi praticamente uma unanimidade no grupo de fonoaudiólogas entrevistadas, ou seja, para estas, ser fonoaudiólogo é também uma eterna busca pelo conhecimento.

Ao referirem ter como expectativa a continuidade em relação aos estudos, e aconselharem os futuros profissionais a se especializarem ou fazer uma pós-graduação *lato sensu* ou *stricto sensu*, as profissionais podem estar reproduzindo o que é bastante discutido por Berberian<sup>23</sup> (1995). Esta autora questiona o fato de termos em mente que a fonoaudiologia é uma “nova profissão” e que seu início histórico não foi uma evolução somente da área, muito pelo contrário, foi através de empréstimos, de diversas áreas, que esta profissão se constituiu, o que não a

desqualifica como ciência. E comenta que a fonoaudiologia passou por algumas crises de identidade, e estas impulsionaram as pioneiras da área a realizarem trabalhos e pesquisas científicas, buscando respaldo para o seu fazer fonoaudiológico, no seu cotidiano de trabalho. Como o mínimo de tempo de formação das entrevistadas era de dez anos, as produções científicas no país eram escassas e as discussões sobre a necessidade de cientificidade, bem como a identidade desse profissional, estavam apenas iniciando. Portanto, as afirmações das entrevistadas parecem reforçar as questões discutidas pela autora que acredita que a fonoaudiologia passou grande parte do seu fazer fonoaudiológico sem identidade, por conta de ter seu início histórico apoiado em outras áreas.

Lewis (1996),<sup>47</sup> ao realizar um estudo sobre a prática fonoaudiológica, em serviços de atenção primária à saúde, em São Paulo, com enfoque nas representações sociais, menciona questões relativas ao “empréstimo” realizado pela fonoaudiologia, no início da prática fonoaudiológica no Brasil. Seguem suas ponderações:

A partir da década de 80, muitos foi o questionamento que marcaram o pensar e o fazer fonoaudiológico. Os empréstimos de outras áreas fizeram com que os profissionais iniciassem um investimento para a construção de um saber próprio. As diferentes teorias que fundamentam hoje a prática fonoaudiológica, e que até recentemente eram emprestadas à fonoaudiologia, fazem parte de uma rede que vem contribuindo para a delimitação não só do campo de atuação desse profissional tão versátil, quanto para a construção de sua própria teoria, que fundamenta suas ações. Os discursos dos entrevistados apontam inconsistências e contradições na definição de conceitos, provavelmente decorrentes de uma formação fragmentada no que se refere à sua fundamentação teórica.

Partindo desses pressupostos, Berberian<sup>23</sup> também tem suas colocações acerca da crise de identidade deste profissional, no entanto enxerga este processo como uma evolução natural, visto que todas as ciências são compostas por diferentes áreas de conhecimento. Nas palavras da autora:

[...] as práticas fonoaudiológicas não são conseqüências naturais, provocadas pelo avanço e pelas descobertas científicas, visão que se encontra presente inclusive, na fala daqueles que admitem identificá-las anteriormente à criação de seus cursos universitários no país. [...] É consensual que a fonoaudiologia sofre e sofreu influências de outras áreas, como a medicina, a psicologia, a educação, a lingüística etc. Porém, transformar esta constatação em responsável pelo fato de, até o momento, ela não se configurar como uma área de conhecimentos próprios, vindo a reboque de áreas mais antigas, significa abordar novamente a crise de identidade deste profissional através de uma perspectiva evolucionista do tempo e do processo de constituição de uma área de intervenção social.



[...] Partindo portanto do entendimento de que a fonoaudiologia não realiza ou realizou empréstimos, mas que foi e continuará sendo constituída também por outras áreas de intervenção social, tendo em vista que não é possível nenhuma prática original ou pura, dada a natureza interdisciplinar dos trabalhos voltados a atender o homem.

Cutulo,<sup>48</sup> também faz as mesmas ponderações mencionadas por Berberian<sup>23</sup> com relação à construção de saberes interdisciplinares. Para este autor, devemos lembrar que:

não existe área do conhecimento que não tenha “bebido” em outras áreas. Não se faz medicina sem bioquímica; não se faz bioquímica sem biologia, química ou física; não se faz física sem a matemática. Ou seja, existe um imbricado de conhecimentos fortemente anelados, porém traduzidos, em qualquer área do saber.

Pavão<sup>22</sup> argumenta que a fonoaudiologia precisa perceber que o saber instituidor da fonoaudiologia não é um saber descolado do mundo, nem é tampouco, um saber único, homogêneo, sem conflitos e tensões. É, ao contrário, um saber que está inserido na rede de valores que compõem nossa sociedade, um saber permeável, perpassado a todo instante por outros saberes, caracterizando um constante movimento.

Behlau e Gasparini,<sup>7</sup> de acordo com dados mais recentes, afirmam que existem no Brasil 25.000 fonoaudiólogos registrados em todos os sete conselhos regionais e a maioria deles estão situados nas primeiras e segundas áreas regionais. A maioria dos cursos de especialização é oferecida no estado de São Paulo (43 programas, 59%). Há 25 cursos de audiologia (34%) 22 de motricidade oral (30%), 16 de linguagem (21%) e 11 de voz (15%). No entanto, existem somente 2700 fonoaudiólogos especialistas. Esses dados são de 2004, e este número representa somente 1% de número total de fonoaudiólogos em todo o Brasil. As especializações divididas por área estão distribuídas da seguinte forma: 845 (31%) são especializados em motricidade oral, 681 (25%) em audiologia, 515 (19%) em voz e 398 (15%) em linguagem.

Ainda de acordo com essas autoras<sup>7</sup>, existem somente oito programas de pós-graduação em Distúrbios da Comunicação no país. O primeiro programa de mestrado foi estabelecido em 1971 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, contudo o programa de pós-graduação primeiramente reconhecido – em nível de mestrado e doutorado - foi aberto na Escola Paulista de Medicina (UNIFESP/EPM) - em 1982. Mesmo havendo poucas opções em nossa área específica, os fonoaudiólogos e audiologistas estão começando a realizar o mestrado e o doutorado em programas de outras áreas afins, como na lingüística, psicologia, pedagogia,

epidemiologia, neurociências, anatomia, e assim por diante. Apesar dos esforços em conseguir um nível educacional melhor, temos somente 800 mestres e 210 doutores, que representam 0,32 e 0,0008%, respectivamente, do número total de fonoaudiólogos no país (25.000).

Uma outra questão relativa aos estudos é que as profissionais aconselham os futuros fonoaudiólogos a *continuar estudando*. Algumas aconselham a realização de especialização logo após o recém-formado ter clareza da área em que pretende atuar. Outras aconselham a fazer mestrado, caso o recém-formado pretenda seguir a carreira acadêmica. Enfim, a maioria das profissionais, de uma forma ou de outra aconselham a continuação dos estudos como algo fundamental para o exercício da profissão.

Podemos concluir que, apesar de afirmarem que a continuação dos estudos é primordial e aconselham os futuros profissionais da área a fazer especialização, mestrado ou doutorado, ou seja, terem consciência da importância das pesquisas e estudos para a evolução da profissão de fonoaudiólogo, bem como para o reconhecimento dessa como uma ciência de excelência no país, com qualidade de ensino e pesquisa, os números acima refletem que poucos esforços pessoais estão sendo feitos para que esse processo aconteça de uma maneira mais acelerada.

Com relação ao **ser fonoaudióloga** o *estudar* também aparece como uma característica dessa profissão. Segue abaixo o relato de algumas profissionais:

- “ser fonoaudióloga é poder expandir os conhecimentos, através de pesquisa e publicações, deixando frutos após sua aposentadoria”
- “ser fonoaudióloga é produzir cientificamente e deixar isto como uma contribuição para a profissão. O avanço tecnológico foi muito grande nessa profissão”.
- “acredito que ser fonoaudióloga é sempre estar estudando, é uma profissão na qual há sempre algo para aprender”.

Com relação aos **fatores que propiciam a satisfação**, o *reconhecimento* é uma unanimidade, ou seja, as profissionais do grupo mencionaram que estão satisfeitas com a profissão devido ao reconhecimento proporcionado pelo paciente, pelo fato de atualmente não terem mais que explicar o que é fonoaudiologia. Algumas referem que estão satisfeitas porque vêem a profissão crescendo sempre, apesar da crise no mercado de trabalho. Outras relatam que estão satisfeitas pelo reconhecimento de alunos, colegas de trabalho e pacientes.

Entre os **fatores que propiciam a insatisfação** estão o *estresse, a própria realidade pessoal e a falta de valorização da profissão*. Com relação ao estresse, o grupo se refere ao dia-a-dia da atuação fonoaudiológica, e que apesar de não se sentir valorizada, ela sabe seu valor e luta para o reconhecimento da profissão. Outras dizem que a realidade do trabalho é difícil, que a satisfação só ocorre porque também valoriza pequenas coisas, como a evolução do paciente, por exemplo, e este fato acaba amenizando a frustração. O fator financeiro também faz parte da realidade da profissão, e da valorização, e este não está adequado em comparação ao trabalho realizado, de acordo com as entrevistadas. Uma profissional refere que se consola por fazer o que gosta, apesar de ganhar pouco. Somente uma fonoaudióloga esta realmente insatisfeita, mas quer ir á luta, à busca de valorização pelo trabalho fonoaudiológico. Seu relato é o seguinte:

Não tem satisfação, estou insatisfeita, muito insatisfeita, eu fico indignada, eu quero ir à luta, quero ir pro rádio. Falei pro meu marido, vou escrever pro Lula e dizer senhor presidente corrija sua fala, valorize a nossa profissão! Porque o Vicentinho corrigiu e assumiu diante da televisão que foi com tratamento fonoaudiológico. O nosso presidente deveria dar o exemplo, pra pelo menos melhorar nossa profissão. Ele deveria ser nosso garoto propaganda. Estou insatisfeita, revoltada e furiosa! Mas pra arregaçar a manga e ir à luta. Não vou me entregar não!

Apesar das queixas e dos fatores que causam insatisfação estarem presentes no cotidiano do fazer fonoaudiológico, as profissionais mencionam não desistir da profissão, pois têm uma visão crítica da mesma e ainda conseguem ter força para lutar pelo reconhecimento e valorização. Dessa forma, podemos afirmar que são profissionais que, segundo Erich Fromm<sup>39</sup> (1987), tem o perfil mais parecido ao modo ser, cuja definição é feita pelo mesmo autor:

O modo ser tem como requisito a independência, a liberdade e a presença da razão crítica. Sua característica fundamental é a de ser ativo, não no sentido de atividade externa, de estar atarefado, mas no sentido da atividade íntima, de emprego criativo dos poderes humanos. Ser ativo significa manifestar as faculdades e talentos no acervo de dotes humanos de que todo ser humano é dotado, embora em graus variáveis. Significa renovar-se, evoluir, dar de si, amar, ultrapassar a prisão do próprio eu isolado, estar interessado, desejar, dar. [...] o ser é indefinível em palavras e só é comunicável pela comunhão da minha experiência. Na estrutura do ter, a palavra inerte domina; na estrutura do ser, domina a experiência viva e inefável. Evidentemente, no modo ser há também um pensar que é vivo e criativo.

Com relação à definição do **“ser fonoaudiólogo”**, o *lutar pela profissão* também aparece como uma característica dessa atividade profissional, de acordo com as fonoaudiólogas do grupo.

No dicionário Aurélio<sup>40</sup>, lutar significa: “travar luta, combater, brigar, pelejar, pugnar. Despender todas as forças, trabalhar com aferro, para atingir certo objetivo. Contender, disputar, competir”. Estas definições parecem identificar a profissão de fonoaudiólogo, pelo que foi discutido até o momento em relação às lutas pelo reconhecimento dessa atividade profissional.

Segue alguns relatos deste grupo que demonstram esse sentimento:

- “ser fonoaudióloga é *batalhar bastante*. Batalha por espaço de atuação, batalha ao lado de alguém que precisa de você. A gente batalha com e contra”
- “é uma *luta constante, como o andar de uma tartaruga, o reconhecimento é lento*”.
- “*é lutar sempre por espaço. É uma profissão deve que estar mostrando sempre. É uma luta constante em todos os aspectos da profissão*”.
- “*ser fonoaudióloga é batalhar, é uma constante na vida profissional da fonoaudióloga. Ser fonoaudióloga então, em síntese, é conquistar mais um degrau na escala de reconhecimento da profissão*”.

Logo, podemos afirmar que a questão relativa à busca pelo reconhecimento está imbricada na luta pela valorização da profissão, pelo reconhecimento de áreas afins, bem como pela inserção social do fonoaudiólogo como profissional da área da saúde.

Quando questionadas sobre os planos para o futuro, as entrevistadas também se referem a essa luta. O grupo menciona ainda que há muito a ser feito, muito a ser desbravado. Outras querem poder contribuir para uma profissão mais atuante, presente em todas as áreas. Ainda existem aquelas que pretendem divulgar melhor a profissão, continuar lutando neste sentido, para um melhor reconhecimento.

Ainda quanto a este aspecto parece-nos que a classe fonoaudiológica não consegue se enxergar enquanto “grupo profissional”. Concordamos que a luta pessoal tem seus méritos, no entanto ela é insuficiente para o reconhecimento de toda uma categoria profissional, bem como para a constituição da identidade de uma profissão.

Ao estudarem os aspectos éticos na formação dos cursos de graduação em Fonoaudiologia, na cidade de Curitiba, Berberian, Ferrigotti & Serrato<sup>49</sup> (2002), afirmam que, durante a formação acadêmica os alunos devem ser conduzidos para a compreensão de que cada profissional é dependente do outro e que é nessa interdependência que a profissão constitui sua natureza e identidade.

A conclusão do referido estudo, realizado pelos autores,<sup>49</sup> foi o seguinte:

[...] a ética foi considerada como uma dimensão importante da formação, bem como a inserção da disciplina ética na grade curricular da graduação. [...] Chamamos a atenção para a necessidade da ênfase numa formação crítico-reflexiva, bem como do envolvimento da área com questões relativas à ética, como condições para a consolidação da área fonoaudiológica no Brasil.

O aspecto ético também foi mencionado como uma característica do **ser fonoaudióloga**. Para grande parte de o grupo ser *fonoaudióloga é trabalhar com ética*. A preocupação dessas profissionais é acerca da grande quantidade de cursos de graduação sem a qualificação necessária para a atuação do recém-formado.

Com relação à **realidade profissional** vivenciada pelas fonoaudiólogas do grupo, um aspecto que nos chamou a atenção foi a *instabilidade financeira*, no entanto, não é este aspecto em si, que nos faz discutir o assunto, mas sim o que se desenvolve a partir de afirmações do grupo que engloba este aspecto.

Para algumas profissionais, a realidade de trabalho existe, no entanto, o retorno financeiro é ruim. As pessoas respeitam mais o profissional, mas o retorno financeiro não acompanhou a evolução do reconhecimento. Para outras, a crise financeira piorou muito, apesar de também referirem que a profissão está mais reconhecida, que o campo de atuação aumentou e que a produção científica é uma realidade positiva. Há ainda aquela que se sente frustrada pelo investimento dispensado a uma profissão que, basicamente, não retorna financeiramente todo o tempo e dinheiro investido. A mesma chega a referir que a fonoaudiologia está nessa crise porque se dividiu muito, perdeu o foco. Outra entrevistada menciona que sua frustração também está relacionada à falta de valorização e retorno financeiro, no entanto, o que a deixa mais contente é o fato de poder ajudar as pessoas com sua atividade profissional.

Segundo Goldenberg<sup>51</sup>, as mulheres estão concentradas em um pequeno número de ocupações, que podem ser consideradas guetos tipicamente femininos. Cerca de 70% das brasileiras estão em atividades de baixa remuneração, baixo prestígio social, sem qualificação profissional e sem proteção trabalhista ou previdenciária. É o que, segundo a autora, pode ser chamado de *feminização* da pobreza. As ocupações femininas mais frequentes são as de: empregadas domésticas e trabalhadores no campo para as menos instruídas; secretárias e balconistas para as de nível médio; e professoras primárias e enfermeiras para as mulheres de escolaridade elevada.

Partindo novamente da história da fonoaudiologia no Brasil, sabemos que a prática inicial dessa profissão esteve fortemente associada à das professoras primárias, o que justifica a presença da quase totalidade de mulheres nessa profissão. Os desdobramentos da marca de profissão de mulheres, com baixos salários e experiências de subalternidade profissional, acabam por reforçar o predomínio em questão e a relação financeira com este grupo de profissionais.

Um dos aspectos que foi mencionado pelo grupo, *a dificuldade em lidar com a cobrança*, está diretamente relacionado, à falta de um melhor retorno financeiro. Algumas profissionais queixam-se que essa é uma dificuldade presente na realidade de atuação profissional, no entanto, algumas também mencionam que as profissionais precisam aprender a realizar a cobrança, ou seja, precisam melhorar sua relação com o dinheiro e a administração do mesmo.

As profissionais do grupo referem que algumas fonoaudiólogas não valorizam a parte financeira e, deste modo, realizam uma cobrança muito baixa dos honorários fonoaudiológicos, e, conseqüentemente, o mercado acaba ficando com valores que não refletem a realidade profissional e os custos necessários para um atendimento de qualidade. Outras responsabilizam diretamente as fonoaudiólogas, dizendo que estas sentem “pena” do paciente quando vão realizar a cobrança dos honorários. As profissionais deste grupo mencionam ainda que há uma certa confusão em relação ao reconhecimento, e que as profissionais precisam lembrar que os pacientes, além do respeito e do reconhecimento pessoal, devem, a partir da cobrança do fonoaudiólogo, valorizar financeiramente o trabalho realizado.

Degani<sup>50</sup> realizou um estudo bastante pertinente para a fonoaudiologia, cujo objetivo foi o de observar a relação do fonoaudiólogo com a administração de seu trabalho, a formação acadêmica nesse aspecto e o modo como outros profissionais enxergam essa relação. Na organização temática dos depoimentos, observou-se que as entrevistadas estão de acordo sobre alguns pontos, como a influência do fator gênero na organização do trabalho; a necessidade de maior visibilidade da área no mercado de trabalho; a grande dificuldade do profissional fonoaudiólogo em lidar com aspectos administrativos e de organização e sua pouca consciência e domínio desse campo do saber, o que dificulta o percurso profissional. Também ressaltam que, no momento, não há disciplina específica nos cursos universitários que forneçam substratos para a formação das habilidades e competências gerais de administração e gerenciamento exigidas pelas diretrizes curriculares para seu desempenho profissional.

Diante disso, pôde-se concluir, a partir do estudo desta autora, que é necessária a implantação de disciplina universitária que propicie o conhecimento de habilidades e competências gerais administrativas e gerenciais e que amplie os horizontes do fonoaudiólogo, possibilitando que atue como um trabalhador inserido na realidade atual do mercado de trabalho, incluindo a parte de organização financeira.

Para Drucker<sup>43</sup>, o futuro profissional precisa reunir conhecimentos e habilidades de várias disciplinas e ainda integrá-las em uma aplicação efetiva fora da universidade. Segundo ele, precisa-se de algo que o ensino superior nunca reconheceu: “**administradores**”. Esses devem organizar-se para realizar diversas funções e cada um deverá ser capaz de atingir os próprios objetivos e de extrair a própria satisfação do seu trabalho. “Nós simplesmente precisamos de um grande número de pessoas qualificadas a fim de estreitar o canal que leva à realização, à oportunidade e ao progresso”<sup>43</sup>.

Outro aspecto bastante pertinente acerca da realidade da profissão de fonoaudiólogo é a inserção desta na *saúde pública*. As profissionais mencionaram que os alunos da graduação em fonoaudiologia ainda saem da universidade iludida com a atuação em clínica particular. Outras referem que precisamos estar mais envolvidas com *questões sociais*, com a demanda vinda da comunidade e que a fonoaudiologia durante muito tempo impôs a demanda.

A baixa inserção de fonoaudiólogos no serviço público faz com que se restrinja o acesso de pacientes, ou seja, somente quem pode pagar tem acesso ao profissional, contribuindo para a formação de um caráter elitista para esta profissão. Este fato também reforça sua perspectiva curativa, visto que o atendimento em caráter privado é basicamente voltado para a reabilitação.

Segundo Pavão,<sup>22</sup> uma das características dessa “nova profissão” é que a grande maioria de fonoaudiólogos trabalha como profissional liberal, tendo a sua atuação, portanto, um caráter privado. Este fato também é evidenciado pelas características individuais das fonoaudiólogas desta pesquisa, ou seja, somente cinco fonoaudiólogas estão atuando em instituições públicas: uma em instituição pública, duas trabalham em hospital público e duas são docentes em universidade pública.

Este fato também é confirmado numa pesquisa com fonoaudiólogos dos estados de São Paulo, Mato Grosso e Mato grosso do Sul, realizado por Freire e Ferreira<sup>52</sup>, constatando que 67,2% destes profissionais trabalhavam em clínicas particulares, 14,7% em instituições de saúde

pública e o restante, em outros órgãos empregadores. Dentre estes últimos, encontram-se instituições educacionais, tanto voltadas para o ensino superior, quanto para o ensino básico.

Goulart<sup>53</sup> relata que a Fonoaudiologia, nos últimos anos, ampliou seu campo de atuação na área da saúde, entretanto, ainda há muito espaço a ser conquistado em termos de saúde pública. Para esta autora é primordial que o fonoaudiólogo, bem como todos os profissionais envolvidos na assistência, administração e planejamento junto ao Sistema Único de Saúde (SUS), conheçam seus preceitos, características administrativas e sua repercussão em um contexto mais amplo, além das práticas cotidianas pertencentes a cada especialidade.

Outro fator bastante relevante levantado por Goulart<sup>53</sup> é com relação às diretrizes do SUS. Estas são baseadas em estudos epidemiológicos, e, portanto, torna-se cada vez mais importante que sejam realizados estudos epidemiológicos acerca dos distúrbios da comunicação humana. A partir dessas publicações, será possível conhecer com maior precisão e confiabilidade dados epidemiológicos como prevalência, incidência, fatores associados a estas desordens, entre outros.

Deste modo, também conseguiremos justificar de fato todas as campanhas que vêm sendo feitas para esclarecimentos da população sobre os distúrbios da comunicação humana e suas comorbidades, bem como justificar a inserção do fonoaudiólogo em instituições públicas e privadas; além da inserção da Fonoaudiologia nas políticas de saúde e educação<sup>53</sup>.

Outra questão, acerca da atuação fonoaudiológica em saúde pública, foi mencionada por Lewis,<sup>47</sup> em sua tese, quando a autora discute as definições de saúde presentes nos discursos das entrevistas do estudo. Segundo esta autora,<sup>47</sup> os profissionais da área fonoaudiológica definem saúde em contraposição à doença, mas também relatam que, ao pensar na doença, é necessário que devemos preveni-la. Alguns profissionais da referida pesquisa também fizeram associações relacionadas ao conceito de saúde que indicam “o bem estar bio-psico-social.”

Para esta autora, precisamos fazer algumas reflexões acerca da atuação fonoaudiológica, quando nos referimos à atenção primária à saúde:

[...] a dicotomia preventiva x curativa deve ser superada, objetivando um atendimento integral, totalizado, e que conseqüentemente resultará em prestação de serviços com mais qualidade, e quem sabe um dia, mais democraticamente distribuída. Os fonoaudiólogos devem repensar a sua prática, pautados em novas concepções de saúde, que deverão ser agregadas ao conhecimento já adquirido. O contexto da atenção primária à saúde traz o desafio que se refere à inovação das práticas a serem desenvolvidas, por ser um local onde as relações com outros profissionais e principalmente com os usuários do sistema de saúde ocorrem de forma diferenciada dos outros níveis de atenção.



Fazendo uma comparação ao que foi encontrado como definição de saúde, pelos profissionais fonoaudiólogos, na pesquisa de Lewis<sup>47</sup>, onde estes associam saúde à ausência de doenças. Apresentamos a definição de saúde de Andrade<sup>54</sup> (1994):

Atributo da vida, um processo, uma continuidade de esforços para desenvolver e manter capacidades, atendendo aos princípios necessários para a evolução do potencial humano. Durante os períodos da vida em que existe uma integração harmônica, um equilíbrio entre os fatores pessoais e metapessoais, o resultado é o bem-estar. Esse bem-estar é manifestado pela sensação de felicidade, capacidade ocupacional, crescimento e realização pessoal; e ainda, pela ausência de doenças, desconforto e dores. Isso faz com que a saúde seja identificada como um valor eufórico, positivo.

Parece-nos que essa definição de saúde expressa uma idealização praticamente impossível de ser alcançada, no entanto, esta acredita em uma qualidade de vida, com harmonia e entendendo que o trabalho também faz parte da saúde geral do trabalhador.

Patrício<sup>13</sup> *et al* (1999), ao pesquisarem a qualidade de vida do trabalhador, concluíram que é fundamental o estudo do corpo para um melhor entendimento do processo de viver e ser saudável. Para estes autores, a clareza em relação ao corpo promove melhorias na qualidade de vida, assim como a possibilidade de ser respeitado, ser valorizado pessoalmente, gerando paz, saúde e felicidade. Estas questões parecem ter eco na definição de saúde mencionada por Andrade<sup>54</sup>.

Patrício<sup>13</sup> *et al* afirmam que o trabalhador é um **ser humano** e que:

Biológico como todo ser humano, ele é corpo também ou, mesmo dizendo de outra forma: concretiza-se enquanto animal do tipo humano através de seu corpo. Esse corpo, como humano, não é somente massa, função e química, condicionado pelo seu genoma, herdado de seus ancestrais, Esse corpo é sentido, é desejo, é emoção...Esse corpo é uno, é diverso, e interação, é história. É então, subjetivo. Isso vale dizer que o ser humano é um ser biológico em processo de construção social, objetiva-subjetivamente, portanto, para conhecê-lo, para compreendê-lo, é preciso estudar toda essa complexidade.

Uma das profissionais, ao ser questionada sobre a realidade atual da profissão, também mencionou o estudo do objeto da fonoaudiologia e a divisão desta em áreas:

O que aconteceu conosco: dividimos a fonoaudiologia em grandes áreas, e todas elas vão direcionar para a comunicação. Para o benefício da comunicação, para uma comunicação eficiente. Se tivéssemos levantado essa bandeira desde o começo, mas levantamos a bandeira das patologias. Podíamos estar em uma outra realidade. Tem vários profissionais que trabalham com a comunicação e nós fonoaudiólogos trabalhando somente com o

distúrbio dela. A comunicação é um todo, e nós podemos trabalhar com tudo que está relacionado à comunicação. Porque cem por cento da humanidade se comunica, aperfeiçoar mesmo que você não tenha o distúrbio, ou corrigir o que está com problema. Quer dizer, isso abre um leque maior de opções, abre campo de trabalho. Demoramos muito tempo para ter essa clareza. Tudo vai passar pela fonoaudiologia, nós temos condições para isso! Também fiz todas essas divisões por muitos e muitos anos, mas hoje eu enxergo assim, esse é o objeto da fonoaudiologia.

A Fonoaudiologia enquanto ciência que tem como objeto de estudo a comunicação humana, deverá então compreender melhor esse **ser humano, sua saúde e qualidade de vida**. O que temos realizado até o momento, com relação às áreas de especialização da fonoaudiologia é a divisão desse **ser humano**. Em alguns momentos ele tem distúrbios de voz, em outros, tem distúrbios de linguagem. Há ainda aqueles que são portadores de deficiência auditiva ou não conseguem mastigar adequadamente. Essa visão fragmentada acaba por nos deixar insensíveis diante de um **ser humano** rico e complexo, além de nos atar em relação às possibilidades de atuação junto à complexidade da comunicação humana. Ao criarmos a especialização em saúde coletiva, iniciamos o processo contrário, no entanto, ainda temos muito que refletir sobre as atuações fonoaudiológicas em relação à complexidade do ser humano, sua comunicação e sua saúde em relação ao uso da comunicação, para além do enfoque de distúrbios da comunicação.

### 4.3 Comunicação e Expressividade: novos caminhos para “reinventar” a Fonoaudiológica

“Agora também acredito e digo sempre para os meus alunos, que a Fonoaudiologia que nós construímos é essa, e a fonoaudiologia que vem, eles vão ter que reinventar. É uma profissão que tem que ser reinventada a cada tempo social, para atender as demandas da nossa sociedade que sempre se organiza em tempos históricos diferentes”. (Citrino, 2006)

Ao definirem o ser fonoaudióloga, as profissionais do grupo também mencionaram o objeto de estudo da fonoaudiologia, ou seja, a comunicação

As definições, realizadas pelo grupo, têm uma abrangência maior, parecem ser mais complexas do que a realidade que temos vivenciado no cotidiano do fazer fonoaudiológico. A reflexão, sobre essas questões, deverá partir então, da definição de Patrício<sup>13</sup> sobre o ser humano, e ir além dela, incluindo o processo de comunicação pelo qual este ser humano passa durante toda sua vida; e que permite sua interação nas relações humanas e integração nas relações sociais. Ao incluir o corpo como uma dimensão do processo de viver e ser saudável do trabalhador, a autora nos possibilita incluir também a expressividade corporal, seja ela verbal ou não-verbal, pois voz e corpo se fundem quando falamos de expressividade. Expressividade é comunicação. Comunicação é interação. Interação permite a integração.

Kyrrillos<sup>55</sup> (2005), define expressividade como:

[...] a qualidade do que é expressivo. Constituinte e indissociável da comunicação. Voz: agente expressivo. Corpo: agente expressivo. Voz e corpo. A comunicação embasada na Anatomofisiologia, na Física, na Neurologia continua essencial para a compreensão do processo. A psicolinguística vem acrescentar, direcionando o nosso olhar para as situações específicas, para a interação, condição inerente à comunicação.

Bordenave<sup>56</sup> refere que há duas maneiras de definir comunicação: enumerar os elementos de que está composta ou indicar para que serve. O autor prefere ficar com a segunda opção e faz a seguinte afirmação:

A comunicação serve para que as pessoas se relacionem entre si, transformando-se mutuamente e a realidade que as rodeia. Sem a comunicação cada pessoa seria um mundo fechado em si mesmo. Pela comunicação as pessoas compartilham experiências, idéias e sentimentos. Ao se relacionarem como seres interdependentes, influenciam-se mutuamente e, juntas, modificam a realidade onde estão inseridas.

Berlo<sup>57</sup> refere que Aristóteles definiu o “estudo da retórica (comunicação) como a procura de todos os meios disponíveis de persuasão”. Para este autor, a meta principal da comunicação é a tentativa de levar outras pessoas a adotarem o ponto de vista de quem fala.

Repensando a definição de Aristóteles, Berlo<sup>57</sup> sugere que devemos analisar os objetivos da comunicação sob quatro critérios:

[...] não seja logicamente contraditório ou incoerente consigo mesmo; se concentre no comportamento; isto é, seja expresso em termos de comportamento humano; seja específico o bastante para que possamos relacioná-lo com o real comportamento de comunicação; seja coerente com os meios pelos quais as pessoas se comunicam.

Este autor<sup>57</sup> também descreve o desenvolvimento da comunicação humana. Para ele, no início da vida humana, o recém-nascido é totalmente dependente, e portanto, não consegue afetar outro ser humano, mudar seu comportamento, porém, o recém-nascido é afetado pelo comportamento alheio, pelo outro que compõe essa díade. Mas, aos primeiros contatos com esse outro ser humano (mãe, pai e familiares), nas primeiras relações, este recém-nascido consegue perceber que, através de seu choro, consegue afetar o outro, e, como consequência ser alimentado, trocado, acarinhado. Por volta dos nove meses a um ano, o bebê move seu corpo, e consegue afetar e ser afetado por ele e pela relação que estabelece com outros. No segundo ano de vida, essa criança já começa a dominar a linguagem e a perceber que seus sons e seqüências de sons afetam o outro, algumas vezes de forma que o interessa e outras vezes não. Por experiência, imitação e significação do outro, a criança aprende a falar, a fazer perguntas, a fazer pedidos.

Berlo<sup>57</sup> acrescenta ainda que, quando amadurecemos, começamos a estudar os próprios sistemas de comunicação: as organizações sociais, as relações econômicas, os valores culturais, todos construídos pelo homem, usando como instrumento os comportamentos de comunicação. Começamos também a participar ativamente de organizações feitas pelo homem: a família, a igreja, a comunidade. Recebemos os meios públicos de cultura. Atuamos uns sobre os outros. A comunicação é a base desta ação recíproca, destas relações entre o homem e seu igual. A comunicação é a base dessa interação dialógica.

Toda essa experiência requer comunicação e, conseqüentemente, expressividade. Damos e recebemos ordens, fazemos pedidos, atendemos pedidos. Aprendemos sobre fatos, como as coisas são feitas, destruídas, modificadas. Corpo e voz pulsando juntos, e ainda somos interpretados pelo outro.

Behlau e Pontes<sup>58</sup> explicam que a empatia, tão necessária ao estabelecimento de vínculo, está relacionada a diversos fatores e dentre eles, destacam a voz e sua psicodinâmica vocal. Os autores definem psicodinâmica vocal como sendo:

[...] o impacto psicológico que a voz provoca nos interlocutores é chamado de psicodinâmica vocal. A voz poderá ser modificada de acordo com as intenções do falante; ou seja, o falante fará uso de um tipo de voz para atingir seu objetivo (por exemplo, dar uma ordem ou conseguir um favor).

Para Berlo<sup>57</sup>, o objetivo da comunicação é:

[...] alterar as relações originais entre o nosso próprio organismo e o ambiente em que nos encontramos. Especificando mais: nosso objetivo básico é reduzir a probabilidade de que sejamos simplesmente um alvo de forças externas, e aumentar a probabilidade de que exerçamos força nós mesmos. Nosso objetivo básico na comunicação é tornarmos-nos agentes influentes, é afetarmos outros, nosso ambiente físico e nós próprios, é tornarmos-nos agentes determinantes, é termos opção no andamento das coisas. Em suma, nós nos comunicamos para influenciar – para afetar com intenção.

Ao falarmos em comunicação não podemos deixar de definir linguagem, pois esta dá sentido à comunicação e deve ser a principal preocupação quando ensinamos os outros sobre comunicação, quando nos comunicamos, ao criticarmos a comunicação de outras pessoas, enfim, o sentido é essencial ao comunicarmos-nos. O objetivo da comunicação é portanto, afetarmos o mundo em que vivemos, transformá-lo, agir sobre ele.

Segundo Berlo<sup>57</sup>, “usamos a linguagem para exprimir e obter sentidos. É a função da linguagem”. Além dessa definição o autor acrescenta:

[...] os sentidos não estão nas mensagens, o significado não é coisa que se possa descobrir, de que as palavras de fato não querem dizer coisa alguma, de que os dicionários não proporcionam sentidos e não podem mesmo fazê-lo. [...] as significações estão nas pessoas, que os sentidos são respostas encobertas, contidas no organismo humano. Os sentidos são aprendidos. São pessoais, são propriedade nossa. Nós aprendemos significados, acrescentamos-lhes algo nosso, distorcemos-los, esquecemos-los, modificamos-los. Não podemos encontrá-los. Eles estão em nós, não nas mensagens. Felizmente, em geral, encontramos outras pessoas que têm significações similares à nossas. No grau em que as pessoas tenham sentidos similares, poderão comunicar-se. Se não houver similaridade de sentido entre elas, não poderão comunicar-se. [...] A comunicação não consiste na transmissão de significados. Os sentidos não são transmissíveis, não são transferíveis. Somente as mensagens são transmissíveis, e os sentidos não estão na mensagem, estão nos que usam as mensagens.

Kyrillos, Cotes e Feijó<sup>59</sup>, relatam que estudos sobre a comunicação não-verbal indicam que cerca de 70% da expressividade de um comunicador recaem sobre o não-verbal. O que realmente chama a atenção do interlocutor é como se diz algo, e não o que se diz. Apesar do conteúdo da mensagem ser importante, a forma como se fala fica com sentido através dos componentes não-verbais, que são: voz, articulação, modulação, ritmo de fala, gestos, expressão facial. As autoras explicitam que, desde pequenos, somos expostos a gestos e expressões faciais, e por serem naturais, não aprendemos formalmente, temos menos controle sobre eles, estas mencionam ainda que:

Em síntese a comunicação não verbal é primitiva, intuitiva e praticamente não obedece a nossa vontade, ninguém nos ensina. Por isso, ela é menos sujeita as nossas interferências e, de certa forma mais natural. Atuando intuitivamente, podemos chegar tanto a resultados excelentes como desastrosos, mas desconhecendo as causas do sucesso ou do fracasso, fica impedido de estabelecer um padrão de qualidade. [...] somos expostos desde pequenos a gestos, expressões e mudanças de posturas corporal, na família, na escola e na comunidade em que vivemos. Alguns gestos foram e continuarão a ser aprendido ao longo da vida, sendo reforçados ou eliminados pela cultura da qual fazemos parte. Assim, ainda que você não se dê conta, a maneira como movimenta, gesticula, enfim, se expressa com seu corpo, é resultado da influência cultural.

Se os sentidos estão conosco, e se para transmitir as mensagens utilizamos nosso corpo e nossa voz, como meio de comunicação, então os sentidos são demonstrados pela expressividade vocal e corporal, causando no interlocutor um impacto psicológico, a psicodinâmica vocal. Os gestos corporais são naturais e, portanto, os mais difíceis de controlar, e fazem parte da comunicação não-verbal, junto com outros elementos não-verbais e verbais.

As dificuldades comunicativas ou os ruídos na comunicação aparecem porque os sentidos estão relacionados à experiência pessoal de cada indivíduo, e também porque não nos preparamos previamente para utilizarmos a voz e o corpo, ou melhor, os elementos verbais e não-verbais. Sendo assim, não temos consciência total dos sentidos que estamos expressando, apesar de sabermos a mensagem que queremos transmitir. Para que essa capacidade de lidar com os sentidos da comunicação seja eficaz, precisamos de treinamento, necessitamos nos conscientizar desses aspectos envolvidos na comunicação humana, e que faz parte do ambiente de trabalho de qualquer ser humano, ou seja, faz parte do processo de viver e ser saudável.

O processo de desenvolvimento inerente à sociedade capitalista oferece a cada dia um imenso campo de oportunidade de trabalho, estudo, recreação e lazer. A revolução do mercado

de trabalho e, conseqüentemente, das profissões com a implantação da tecnologia levou à possibilidade de desenvolvimento de diversas atividades. A sociedade passou a ter diferentes necessidades, gerando assim campo de conhecimento e práticas diferenciadas.

Estamos passando por uma transformação fundamental enquanto sociedade, ou seja, já não faz mais sentido para uma sociedade bem-sucedida, em termos tecnológicos e econômicos, ter a produção e o consumo como seu foco central. A nova dimensão deste desenvolvimento social está aliada ao aprendizado e desenvolvimento humano.

Harman e Hormann<sup>60</sup> (1990), fazem a seguinte afirmação:

[...] os seres humanos tentaram, basicamente, escapar do trabalho, a industrialização pode ser considerada um sucesso do ponto de vista social e humano, visto que tornou possível a eliminação de boa parte dos trabalhos pesados que as pessoas antes eram forçadas a realizar. Mas, se observarmos o comportamento do trabalhador e considerarmos as descobertas das pesquisas psicológicas, verá que existem amplas evidências de que as pessoas procuram atividades e relacionamentos significativos. Os seres humanos prosperam, não à base de prazeres fáceis, mas diante de desafios. Portanto, apesar de o pleno emprego não ser mais necessário do ponto de vista da produção, a plena participação é essencial do ponto de vista social. [...] Aprender sobre si mesmo, sobre saúde, sobre o significado da vida; adquirir novas aptidões para serem usadas em serviços ou numa criação produtiva; aprender que o potencial de aprendizagem é interminável. Esses são os novos objetivos do ser humano no trabalho.

Essa nova forma de relacionamento representa uma nova forma de ser. Para os autores,<sup>60</sup> as mudanças estruturais na sociedade iniciaram nos anos 60. Essa geração passou por verdadeiros “colapsos”, rompeu relacionamentos, viciou-se em drogas e viveu conflitos entre valores e os ideais e a realidade do comportamento das pessoas. No entanto, conseguiu atingir uma compreensão mais profunda do seu mundo interior, alcançou novos níveis de bem-estar social, passou a buscar maneiras mais simples e harmônicas de viver, encaminhou para a paz interior. Assim, os movimentos políticos e sociais adquiriram um componente espiritual, e a jornada pessoal rumo à auto-realização assumiu um cunho político e social mais declarado.

Nos Estados Unidos, no Canadá e no norte da Europa, em torno da metade dos anos 60, registrou-se nas pessoas um progressivo desencanto com os especialistas. Os médicos também começaram a ser criticados – e sua conduta profissional foi combatida por feministas, burocratas ansiosos em eliminar custos, e especialistas em ética biomédica. Como resultado, as pessoas reaprenderam a tomar suas próprias atitudes e começaram a demonstrar um senso de autoconfiança. A autoridade passou de externa para interna.<sup>60</sup>

O movimento holístico de saúde reflete um descontentamento profundo com a medicina convencional ou alopática. Suas características enfatizam: a auto-responsabilidade pelo bem-estar físico; a prática da medicina preventiva, a pessoa como um sistema integrado e interativo; a presença de um curador interior; a doença como oportunidade para descobrir quais hábitos, atitudes e crenças precisam mudar e, finalmente, uma definição aberta de saúde. Estar saudável não envolve apenas estar livre de doenças. Ser saudável é estar robusto, pleno de um senso energizado de bem-estar, tranqüilo, vigoroso. Implica estar integrado consigo mesmo, em paz com a própria natureza, com os outros e com o todo ambiente<sup>60</sup>.

Partindo das definições de comunicação e expressividade, da nova maneira de vivenciar o processo saúde-doença, da nova dimensão do desenvolvimento social do trabalhador; aliado ao aprendizado e ao desenvolvimento humano, acreditamos que a fonoaudiologia está precisando lançar seus olhares para essa nova possibilidade de atuação no mercado de trabalho.

Ao refletirem sobre a realidade do mercado de trabalho, as entrevistadas mencionaram que *faltava divulgar melhor a profissão*, com trabalhos voltados para revistas fonoaudiológicas. Outras referiram sobre a *conquista de mais espaços*, visto que existem áreas de atuação pouco exploradas pela fonoaudiologia. No entanto, em nenhum momento foi referenciado quais espaços devem ser explorados, e como essa conquista deve ser feita.

Além de ter o olhar voltado para as mudanças sociais, em relação ao mercado de trabalho, a fonoaudiologia também precisa voltar-se para o uso da comunicação no ramo empresarial, ou seja, nas organizações ou corporações, mas tendo em mente que o processo de viver e ser saudável também está neste espaço de interação social, e que por isso também podemos ser responsáveis pela saúde comunicativa desses profissionais e de suas empresas.

Carrasco<sup>61</sup> atua nessa área e faz referência à nova visão que o fonoaudiólogo precisa ter:

A fonoaudiologia, na construção do seu saber-fazer, deve direcionar sua prática e estudo científico de acordo com os avanços tecnológicos e mudanças na sociedade em especial nas áreas sociais, políticas e econômicas, mais especificamente relacionadas com as questões do mercado de trabalho. A partir de um re-direcionamento fonoaudiológico é importante pensar seu objeto: a comunicação, como fator fundamental para o (re) conhecimento do homem e suas condições de vida social e profissional.

Ao pensar a comunicação sobre o enfoque do universo empresarial, pode-se afirmar, segundo a autora<sup>61</sup>, que a comunicação é um pré-requisito funcional da sociedade. A comunicação é fundamental no processo de humanização do indivíduo. Em suas palavras: “[...] é



pela expressão individual que se desenvolve e se estimula o processo social e a interação permeada pelos processos de cooperação, conflito, assimilação, competição e acomodação, representadas pela comunicação”<sup>61</sup>.

A competição e a cooperação são atividades “naturais” da vida em sociedade. Normalmente, viver em sociedade subentende o processo de interação ocorrendo necessariamente a competição e a cooperação<sup>61</sup>.

Carrasco<sup>61</sup> afirma que “tanto a competição quanto a cooperação em sociedade tornam-se hoje, processos cada vez mais conscientes, quando se trata de mercado de trabalho e organizações comerciais”. E acrescenta:

O processo de competição é consciente, pessoal, emocional e intermitente, produzindo movimento nas relações de comunicação e conflitos. O processo de conflito é normalmente representado pela realidade, a discussão, o duelo, a guerra. Seu principal objetivo é a obtenção do status, ou seja, posição diferenciada na hierarquia da sociedade. Atualmente podemos citar a habilidade de comunicação como um dos fatores que influenciam para a obtenção de melhores posições no plano econômico, político e social, além das habilidades de conhecimento, criatividade, trabalho em equipe, automotivação entre outros.

Barbeiro<sup>62</sup> também vê a habilidade de comunicação como um diferencial qualitativo para as pessoas e as empresas:

[...] a comunicação nesse início de século é, ao mesmo tempo um *commodity* e um diferencial qualitativo para pessoas e empresas. De um lado há facilidade de divulgar notícia. Com o desenvolvimento da comunicação, informática, cibernética e digitalizada, sons, imagens, textos e arquivos circulam com a velocidade dos *bits* do mundo afora. De outro, é preciso conteúdo. Esse passou a ser o bem precioso que pessoas e empresas produzem e buscam incessantemente, ou seja, o diferencial competitivo. A comunicação eficiente, corporativa ou não, deixou de ser privilégio de alguns. Estes julgavam que já nasciam com o dom da palavra e da comunicação, usavam e abusavam desta qualidade e reforçaram o mito de que a boa comunicação não podia ser ensinada. Os que tinham dificuldades de qualquer ordem conformavam-se com isto e transferiam para os porta-vozes o que queriam dizer. O desenvolvimento de novas metodologias, conceitos e o aprimoramento de especialistas quebrou este mito.

Ao refletirmos sobre essas afirmações, podemos afirmar que a comunicação, corporativa ou não, pode e deverá ser incorporada ao *saber-fazer* do fonoaudiólogo, seja para aprimorar sua habilidade, e satisfazer o mercado de trabalho, como afirmam Carrasco<sup>61</sup> e Barbeiro,<sup>62</sup> ou simplesmente para satisfazer a dimensão do aprendizado e desenvolvimento humano, no mundo

do trabalho, como preconizam Harmam & Hormann<sup>60</sup>, ou ainda para conhecer o corpo e agir sobre ele, como avaliam Patrício et al<sup>13</sup>, ao ter o corpo como um dos focos do processo de viver e ser saudável no cotidiano do trabalhador.

Sardá,<sup>63</sup> em sua tese, também discute o processo de comunicação como uma estratégia de humanização das organizações. O autor adverte as organizações para a evolução da comunicação, por meio do intenso tráfico de informações, por diversos canais (Internet, celular, rádio, televisão entre outros). As organizações precisam se atentar que seus colaboradores têm acesso às facilidades tecnológicas, estão inseridos na era da informação, e estas interferem diretamente no processo de comunicação das organizações.

O autor,<sup>63</sup> a partir do estudo, propõe como estratégia a humanização no processo da comunicação:

A comunicação humana é o processo de interação, de espontaneidade e ao mesmo tempo de vazio. Não me refiro ao vazio que impede a pessoa de sentir algo importante, mas ao vazio que livra o indivíduo da pressão, dos sintomas neuróticos do ambiente, que produz o medo de errar, de decepcionar. A comunicação com liberdade permite-o sentir-se seguro e capaz de explicar, sem temor, uma falha, de apostar na compreensão e disso se deduz que a reciprocidade de confiança ganha peso e proporciona à organização a transparência importante que amortece as suscetibilidades, os receios.

Porém, essa humanização deverá passar pelo conhecimento e apropriação, por parte dos executivos, diretores, gestores de organizações. Estes precisarão compreender todo o processo de comunicação, e a partir desse conhecimento, dar a liberdade necessária, melhorar o ambiente de trabalho de forma que seus colaboradores possam utilizar a comunicação como um recurso de troca, de interação, e crescimento do grupo. Os executivos precisam compreender de que forma os conflitos acontecem, e que esses ruídos fazem parte do processo de comunicação.

Carrasco<sup>61</sup> menciona que os momentos de conflito, presentes nas organizações, geram tensão entre os participantes e estes se resolverão a partir de um processo comunicativo eficaz, o que acabaria por facilitar e desencadear melhores condições de relacionamento social e profissional, possibilitando melhores posições e funções dentro das organizações.

Sardá<sup>63</sup> acrescenta ainda que:

A comunicação, como processo afetivo, de confiança humana – e não mecânica – é o meio de se construir uma organização a partir do verbo ser e não do verbo ter. Antes de ter mecanismos de comunicação, a organização precisa sentir-se humana, para que os meios de informação sejam utilizados como condutores de sensibilidade, para chegar ao cliente

com a mesma carga de emoção que permeia o processo produtivo, sem precisar de revestimento de marketing para maquiagem a face.

Diante do exposto pelos autores<sup>61,62,63</sup>, pode-se afirmar que o **fonoaudiólogo precisa resgatar, urgentemente, seu fazer fonoaudiológico a partir da comunicação das organizações**, não nos referimos neste momento aos distúrbios da comunicação, visto que estes já fazem parte do cotidiano de trabalho do fonoaudiólogo. A evolução do mercado de trabalho e das tecnologias da informação acrescentou diversas questões que estão sendo discutidas na mídia diariamente, os novos meios de comunicação, a globalização, os acessos à informação, estão interferindo diretamente na evolução do processo comunicativo do ser humano, e a fonoaudiologia não poderá ficar fora desse fórum de discussões, caso contrário, continuaremos com as queixas de falta de reconhecimento, e a responsabilidade deste fato, deveremos reconhecer, será somente da classe de trabalhadores da comunicação, ou seja, os próprios fonoaudiólogos.

Estes profissionais precisam entender também que, ao atuar nas organizações não estará abandonando a área da saúde, muito pelo contrário, estará praticando a interdisciplinaridade e tendo uma visão atual e integral da saúde do ser humano, que é um ser inserido no mercado de trabalho e que este interfere diretamente em sua saúde e, por conseqüência, na sua convivência social e familiar, como podemos perceber nas definições de saúde dos autores<sup>13,55,60</sup>.

As palavras de uma das profissionais do grupo sintetizam bem as perspectivas que existem no mercado de trabalho atual do fonoaudiólogo :

Que reinvente a fonoaudiologia. Estamos vivendo a era da informação e da comunicação e eu não consigo entender porque a fonoaudiologia está em crise! Pra mim é uma pergunta que não sai da minha cabeça e que sempre estou discutindo essas questões com meus alunos. A fonoaudiologia não podia ter crise, nesse momento temos que reinventar a fonoaudiologia. Vejo que os jovens hoje têm que ser empreendedores e ser empreendedor é não ter medo do não, não esperar que as coisas caiam no seu colo. É criar condições, inventar, criar espaços, vender seu peixe.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Pensando nos aspectos relacionados ao mercado de trabalho, e na importância de compreender os processos de construção de uma profissão, mais especificamente da profissão de fonoaudiólogo, este estudo teve como objetivo compreender, junto a esses profissionais, que atuam em Florianópolis, os caminhos percorridos desde a escolha da profissão até a sua realidade de trabalho, ou seja, os significados do desejo de ser fonoaudiólogo, bem como sua percepção e satisfação com a realidade do trabalho atual.

Este estudo possibilitou identificar o processo de construção do desejo de ser fonoaudiólogo das profissionais deste grupo, inclusive identificando-as com a realidade construída na história da Fonoaudiologia no Brasil. Essas profissionais têm uma percepção do que é ser fonoaudióloga muito ligada aos valores pessoais e conseguem perceber sua realidade atual como trabalhador, bem como têm consciência da mudança do mercado, apesar da dificuldade de mudança efetiva, até o momento, nos aspectos que dizem respeito à comunicação organizacional e à evolução tecnológica e midiática no mercado de trabalho.

A metodologia qualitativa, tipo de estudo de casos múltiplo guiado por algumas técnicas do referencial do Cuidado Holístico-Ecológico, permitiu compreender e interpretar a realidade das fonoaudiólogas entrevistadas, em suas ações e interações sociais. Na verdade, ao realizar uma pesquisa qualitativa, tem-se somente a pretensão de discutir as questões que emergem dos participantes do estudo, a partir do olhar do pesquisador.

Considera-se então, que os objetivos foram alcançados e que a metodologia utilizada foi adequada, visto que foi possível compreender os caminhos percorridos pelo grupo de fonoaudiólogas entrevistadas, desde o início do processo de escolha profissional até a realidade atual do mercado de trabalho da Fonoaudiologia.

Pode-se afirmar que, no início da prática fonoaudiológica no Brasil, a profissão de fonoaudiólogo foi se constituindo por profissionais oriundos da área de educação e reabilitação. Com as profissionais de Florianópolis, não foi diferente, pois grande parte do grupo escolheu a Fonoaudiologia, como profissão, a partir de suas experiências nas áreas de educação e reabilitação.

Apesar de ser uma profissão não-tradicional, ou seja, uma profissão que se constitui como tal por sua eficácia e benefícios sociais, a Fonoaudiologia cresce, tanto no Brasil quanto no

mundo, demonstrando que é possível alcançar os méritos desejados a partir de estudos e conhecimento científico.

O desejo de ajudar o outro, ou seja, o altruísmo foi a característica individual que mais emergiu como determinante para a escolha da Fonoaudiologia como profissão. Essas profissionais têm como característica pessoal a vontade de lidar com a relação e sentem-se bem ao poder estar em contato com o outro, fazendo com que se amenize seu distúrbio de comunicação, bem como haja uma troca de experiências, permitindo o crescimento mútuo.

Entre os aspectos para a determinação da escolha profissional, a vontade de trabalhar com crianças emergiu como característica individual do grupo. Este fato parece estar relacionado ao fato de que a Fonoaudiologia é uma profissão que tem seu início histórico relacionado à educação, e que, portanto, as profissionais dessa área são mulheres. Essas, geralmente, são as responsáveis por lidar com crianças, têm competência afetivo-emocional para realizar essa atividade, isto de acordo com as determinações culturais de nossa sociedade.

Ao mencionarem a definição do que é *ser fonoaudiólogo*, as profissionais demonstraram um sentimento de “encantamento” pela profissão, uma paixão que apesar das dificuldades do mercado de trabalho, faz com que permaneçam na área. Muitas referiram que só se identificam como pessoa e ser humano, sendo fonoaudióloga, ou seja, se reconhecem através da profissão. Reconhecem-se como fonoaudiólogas e não se imaginam exercendo outra atividade profissional.

Percebe-se que o grupo, durante o processo de formação, conseguem vislumbrar algumas dificuldades no futuro da atuação fonoaudiológica. Já na graduação, essas dificuldades evidenciam a realidade enfrentada no mercado de trabalho. O distanciamento entre teoria e prática, o pouco contato com pesquisa e a falta de atualização foram os fatores limitadores da formação, que emergiram a partir dos discursos das entrevistadas.

O distanciamento entre a teoria e a prática foi o fator que se remeteu para a prática intradisciplinar e interdisciplinar na Fonoaudiologia, ou seja, ao serem questionadas sobre o trabalho em equipe, o grupo relatou que as interações são difíceis, tanto com profissionais da mesma área, quanto de áreas afins. Algumas mencionaram que não têm problemas, neste sentido, mas que a Fonoaudiologia ainda não é reconhecida como uma profissão que deve participar efetivamente de discussões no campo da saúde.

Com relação ao trabalho intradisciplinar, o grupo relatou que a classe de fonoaudiólogos tem muita dificuldade de se constituir como grupo profissional, enquanto classe trabalhadora.

Não há uma identificação enquanto grupo, como existe na identificação como fonoaudióloga. Esta dificuldade acaba afetando a inserção social da profissão no mercado de trabalho e, ainda por cima, coloca-nos em uma posição de fragilidade, vulnerável perante outras profissões.

Com relação ao trabalho interdisciplinar, o grupo assumiu que esta é uma relação delicada e precária. E acreditam que as discussões sobre o ato médico acabaram por piorar a situação dessa relação. Assim, essa questão também dificulta o reconhecimento da Fonoaudiologia por parte de profissionais de áreas afins.

Continuar estudando foi uma das expectativas mais mencionadas pelas entrevistadas, em relação às expectativas relativas à formação e atividade profissional. A busca pelo crescimento e reconhecimento segundo elas, está diretamente relacionada à pesquisa e aos estudos científicos. Este tema também emergiu quando foram solicitados a aconselharem os futuros profissionais da área, aqueles que estão em processo final de formação, para tornarem-se fonoaudiólogos. Grande maioria delas acredita que os recém-formados devem realizar uma especialização, mestrado ou doutorado, a escolha depende basicamente do que pretende fazer como atividade, se quer atender clinicamente ou atuar com docência. Continuar estudando também é uma das definições do ser fonoaudiólogo. Para este grupo de profissionais, a Fonoaudiologia é uma profissão em que sempre há algo a ser aprendido, por abranger diversas áreas e ter como objeto de estudo a comunicação humana.

Com relação aos fatores que propiciam a satisfação, o reconhecimento foi unanimidade entre o grupo. Essas se referem ao reconhecimento do paciente, de alunos, de colegas de trabalho e o reconhecimento da sociedade que não pergunta mais o que é Fonoaudiologia. Com relação aos fatores que propiciam a insatisfação, as fonoaudiólogas mencionam o estresse, a própria realidade pessoal e a falta de valorização da profissão. Essas afirmações parecem ser contraditórias, visto que as profissionais do grupo sentem-se satisfeitas através do reconhecimento, mas ao mesmo tempo queixam-se da falta de reconhecimento.

Apesar de terem a percepção de que a Fonoaudiologia não é uma profissão reconhecida, o grupo também mencionou como definição do ser fonoaudiólogo a luta pela profissão, a batalha diária por esse reconhecimento, tanto no âmbito de outros profissionais, como no de área a atuar. A luta constante pela profissão também faz parte do futuro profissional das profissionais deste grupo, que querem continuar lutando para um reconhecimento melhor dessa profissão.

O grupo de fonoaudiólogas menciona que a instabilidade financeira faz parte da realidade profissional e acreditam que, durante a evolução da profissão no mercado de trabalho o reconhecimento foi maior que a valorização financeira. Porém, referem que a Fonoaudiologia tem dificuldades de lidar com a parte financeira, não sabendo dar o devido valor na hora de fazer a cobrança de seus honorários.

Outro aspecto acerca da realidade da profissão, mencionado pelo grupo, é a inserção dessa profissão na saúde pública, como campo de trabalho. Algumas mencionaram a dificuldade dos recém-formados em enxergar a atuação fonoaudiológica nessa área e que isto afeta diretamente a inserção social desse profissional, visto que, ao atendimento em ambiente particular, acabam por excluir aqueles pacientes cuja realidade sócio-econômica-social é menos privilegiada. A esses, o acesso ao atendimento depende de instituições públicas de saúde.

As profissionais deste grupo definiram o ser fonoaudióloga como sendo o profissional que trabalha com comunicação, ou seja, ajudar o outro a melhorar sua comunicação, nas relações sociais como um todo. Uma das entrevistadas chega a mencionar que não entende porque a Fonoaudiologia está vivendo essa crise, visto que estamos na era da informação e da comunicação.

Diante dos caminhos percorridos pelas entrevistadas e das referências que estas profissionais fazem do mercado atual de trabalho, propõem-se algumas questões que merecem ser mais bem discutida em outros estudos, acerca da atuação do profissional da Fonoaudiologia.

Os fatos de essas profissionais serem apaixonadas pela profissão, terem lutado por seu crescimento durante o processo evolutivo da história dessa profissão no Brasil, e ainda vislumbrarem um futuro de luta e conquistas de novas áreas de atuação no mercado de trabalho, parecem não dar conta de alguns fatores inerentes ao exercício profissional do fonoaudiólogo.

Um fator de destaque que precisa fazer parte da consciência desse grupo de profissionais é que ser fonoaudiólogo é trabalhar em grupo, seja com profissionais da própria área, ou de áreas afins. Enquanto a Fonoaudiologia continuar tendo dificuldades de se reunir enquanto “grupo profissional”, continuar sem engajamento para discutir questões acerca da saúde do ser humano, das questões políticas relacionadas ao exercício profissional do fonoaudiólogo, bem como das questões relativas à administração do seu fazer fonoaudiológico, as queixas de falta de reconhecimento continuarão a fazer parte do cotidiano de trabalho deste profissional. Como sugestão, indica-se a realização de estudos em que se possa compreender o processo de formação

de grupos profissionais, de forma que direcione estes profissionais para a identificação profissional enquanto grupo. Somente com grupo coeso, participativo, integrado e com qualificação adequada é que a fonoaudiologia conseguirá sua inclusão nas instituições públicas de saúde, bem como nas instituições educacionais. No entanto, os fonoaudiólogos deverão ser mais coerentes quando afirmam que continuar estudando é uma questão inerente ao exercício profissional, pois já existem estudos que constataam a baixa taxa de fonoaudiólogos especialistas no Brasil.

Sugere-se também que o processo de formação dos futuros profissionais da área inclua aspectos relacionados à administração, e que as diretrizes curriculares sejam realizadas a partir de grupos de trabalhos interdisciplinares (medicina, fonoaudiologia, enfermagem, psicologia, odontologia), fazendo com que os alunos vivenciem o processo de atuação profissional mais interligado e com melhor qualidade de atendimento ao paciente/cliente. O uso de temas geradores também poderá contribuir para que esta exercitação seja realizada de maneira adequada. As universidades devem incluir nos seus currículos estágios em saúde coletiva e discussões acerca das políticas públicas publicadas pelo governo.

O processo de viver e ser saudável é outro aspecto que deverá ser compreendido pelos profissionais dessa área. Estar integrado consigo mesmo, com a natureza, com os outros e com o ambiente como um todo faz parte do conceito de saúde. Desta forma, não podemos desvincular a comunicação como um fator relevante dentro do processo de trabalho do ser humano. Este inclui, portanto, o processo comunicativo do indivíduo que necessita interagir em todos os ambientes que fazem parte do seu cotidiano, seja no trabalho, nas relações familiares e sociais. A divisão da fonoaudiologia em áreas acabou fragmentando o indivíduo, que precisa ser visto como um ser integrado, e a comunicação como sendo parte desse processo de interação social.

Sugere-se ainda que a fonoaudiologia realize estudos que possibilitem compreender o ser humano, sua saúde e qualidade de vida, sob os aspectos da saúde fonoaudiológica. Desta maneira, esses profissionais poderão compreender, sob o ponto de vista das novas dimensões de desenvolvimento social, o que significa o novo paradigma de trabalho que atualmente está aliada ao aprendizado e ao desenvolvimento humano.

Atualmente, o mercado de trabalho exige dos profissionais de todas as áreas uma mudança de postura, na qual o desenvolvimento pessoal está acima do desenvolvimento técnico de determinada atividade. A evolução do mercado exige que os profissionais se comuniquem de



maneira eficaz, com naturalidade e expressividade. Para desenvolver uma comunicação eficaz, estes profissionais necessitam de treinamento, e este vai desde o conhecimento do próprio corpo até o entendimento do processo de comunicação dentro das organizações.

Sugere-se, portanto, que o fonoaudiólogo avalie, junto com outros profissionais da área de comunicação, as questões do avanço tecnológico e da mídia. A evolução desta área está ocorrendo muito rapidamente, afetando diretamente a comunicação humana, a linguagem, as mensagens e, conseqüentemente, modificando os sentidos.

Alguns questionamentos podem ser sugeridos para que esses profissionais iniciem o processo de discussão com as áreas de conhecimento que abrange estas questões, como por exemplo: qual o papel da Fonoaudiologia enquanto ciência da Comunicação, diante da evolução tecnológica e das mídias? Como as crianças de hoje estarão se comunicando no futuro, a partir das mudanças tecnológicas? As tecnologias afetarão a aprendizagem infantil? Os distúrbios de comunicação serão os mesmos? Como a escola deverá lidar com as dificuldades de aprendizagem dessas crianças? Qual o papel da Fonoaudiologia nesse novo cenário? Essas questões precisam ser discutidas sob a ótica da fonoaudiologia, visto que outras áreas já o fazem sem a participação efetiva desse profissional.

Desta forma, abre-se um leque de possibilidades de crescimento e, conseqüentemente, de reconhecimento da Fonoaudiologia como ciência que lida com a comunicação, e não somente com os distúrbios da comunicação.

## 6 REFERÊNCIAS

1. GROSSEMAN, S. & PATRÍCIO, Z. M. **Do desejo à realidade de ser médico**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2004.
2. **História da Fonoaudiologia**. Disponível em: <<http://www.identidadeprofissional.com/Fonoaudiologia/fonoaudiologia-historia-art.htm>>. Acesso em 07 jan. 2007.
3. LEAHY, M. M. **The History of the Internacional Association of Logopedics and Phoniatics**. 4<sup>th</sup> edition. Trinity College, Dublin, Ireland. 1999. Goteburg. Sweden. Disponível em: <[http://www.ialp.info/site/index.php?option=com\\_content&task=view&id=29&Itemid=50](http://www.ialp.info/site/index.php?option=com_content&task=view&id=29&Itemid=50)> Acesso em 07 jan. 2007.
4. NETO, L. E. F.; **O início da prática fonoaudiológica na cidade de São Paulo: seus determinantes históricos e sociais**. Dissertação de Mestrado para obtenção do título de mestre em distúrbios da comunicação. São Paulo: PUC/SP, 1988.
5. MEIRA, I. **História da fonoaudiologia no Brasil**. Revista Distúrbios da Comunicação, São Paulo, 8(1):87-92, junho, 1996.
6. REZENDE, M. T. M.C. et alli. **Exercício profissional do fonoaudiólogo**. Brasília-DF: Conselho Federal de Fonoaudiologia, 7º Colegiado. 2002. Gestão 2001/2004.
7. BEHLAU, M e GASPARINI, G. **Education of Speech-Language Pathologists and Audiologists in Brazil**. International Journal of Phoniatics, Speech Therapy and Communication Pathology. San Diego, 58 (1), p. 14-22, 2006.
8. **História do curso de Fonoaudiologia da Universidade do Vale do Itajaí**. Disponível em < <http://www.univali.br> > Acesso em 20 de jan. 2007.
9. RIBAS, K. **Fonoaudiólogo, você sabe onde se encontram os seus colegas de região?** In: Jornal do Conselho Regional de Fonoaudiologia. 3ª Região – PR/SC – nº 36 Julho/Setembro 2006.
10. CHAUI, M. **Laços do desejo**. In: O desejo. NOVAES, A (Org.). 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
11. GROSSEMAN, S. **Satisfação com o trabalho: do desejo à realidade de ser médico**. Florianópolis, 2001. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção), UFSC, 2001.

12. TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1998
13. PATRÍCIO, Z.M.; CASAGRANDE J.L.; ARAÚJO, M.F. (Org.). **Qualidade de vida do trabalhador: uma abordagem qualitativa do ser humano através de novos paradigmas**. Florianópolis: Ed. Do autor, 1999.
14. PATRÍCIO, Z.M. **A dimensão felicidade- prazer no processo de viver saudável: uma questão bioética numa abordagem holístico-ecológica**. Florianópolis, 1995. Tese (doutorado em Filosofia da Saúde/Enfermagem) – Centro de Ciências da saúde, Universidade Federal de Santa Catarina.
15. MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6ª ed. São Paulo: Abrasco, 1999.
16. BOGDAN, R. C. & BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
17. CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.
18. FARIA, T M A; PATRÍCIO, Z M; KRAWULSKI, E; GROSSEMAN, S. **Entrar-Ficar-Sair do campo: o processo ético-estético nas pesquisas do Transcriar**. CIBRAPEQ – I Conferência Internacional do Brasil de Pesquisa Qualitativa [série em CD-ROM] 2004; São Paulo: Tec Art, p. 421-6.
19. FARIA, T M A; PATRÍCIO, Z M; KRAWULSKI, E; GROSSEMAN, S. **Abordagem holístico-ecológica no levantamento e análise de dados do núcleo transcriar**. CIBRAPEQ – I Conferência Internacional do Brasil de Pesquisa Qualitativa [série em CD-ROM] 2004; São Paulo: Tec Art, p. 197-202.
20. BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. Lisboa, Portugal: edições 70, 1977.
21. PEREIRA, A. C. **Fonoaudiologia e História Oral: uma narrativa sobre uma profissão constituída por mulheres**. Dissertação de Mestrado para obtenção do título de mestre em distúrbios da comunicação. São Paulo: PUC/SP, 1999.
22. PAVÃO, V. **Da Terapia da Palavra a Fonoaudiologia: práticas fonoaudiológicas na cidade do Rio de Janeiro de 1963 a 1981**. Dissertação (mestrado em Psicologia). UERJ, 1996.
23. BERBERIAN, A. P. **Fonoaudiologia e Educação: um encontro histórico**. São Paulo: Ed. Plexus, 1995.

24. CAPELLETTI, I. F. **A Fonoaudiologia no Brasil: reflexões sobre os seus fundamentos.** São Paulo: Cortez, 1985.
25. CARACIKI, A.M.; CARDOSO, I.; CANONGIA, M.B. **Fonoaudiologia: História da Fonoaudiologia no Estado do Rio de Janeiro.** São Paulo: Lovise, 2004.
26. PIMENTA, S.G. **Orientação Vocacional e decisão: estudo crítico da situação no Brasil.** São Paulo: Loyola, 1979.
27. FERRETI, C. J. **Uma nova proposta de orientação profissional.** São Paulo: Cortez, 1988.
28. FREUD, S.(1929) **O mal-estar na civilização.** In: O Futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.21).
29. BOHOSLASVSKY, R. **Orientação Vocacional: a estratégia clínica.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.
30. SILVA, L.B.C. **Contribuições para uma teoria psicossocial da escolha da Profissão.** In: BOCK, A.M.B. e outros autores. A escolha profissional em questão. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
31. BOHOSLAVSKY, R. **Vocacional: teoria, técnica e ideologia.** São Paulo: Cortez, 1983.
32. SOARES, D.H. **O que é escolha profissional.** 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
33. BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
34. BARBOSA, M. L. O. **As profissões no Brasil e sua sociologia.** Dados. [on-line]. 2003, vol. 46, nº 3 [citado 2007-02-01], pp. 593-607. Disponível em: <http://www.scielo.br>
35. CREMA, R. **Saúde e Plenitude: um caminho para o ser.** São Paulo: Summus, 1995.
36. REZENDE, M. T. M. C. **25 anos de conquistas científicas, políticas e sociais.** In: Jornal do Conselho Federal de Fonoaudiologia. Brasília, Ano VIII, n. 31, Out/Nov/Dez. 2006, p. 4-6.
37. RUSE, M. **Evolutionary ethics: a phoenix arisen** In: THOMPSON, P. (ed.) Issues in evolutionary ethics. New York: State Univ. New York Press, 1995a, p.225-247.
38. CHEDIAK, K. **Notas sobre a Concepção evolucionista da Moral.** Revista Episteme: Porto Alegre, n. 16, Jan./Jun. 2003, p. 45-59.
39. FROMM, E. **Ter ou ser?** 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

40. FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1988.
41. BEHLAU, M. **Trabalho em grupo, em equipe, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade**. In: *Jornal do Conselho Federal de Fonoaudiologia*. Brasília/DF, Ano VII, Nº 22, p. 13, Jul/2004.
42. REZENDE, M T M C. **Participação Sindical a favor do empregado e do profissional liberal**. In: *Jornal do Conselho Federal de Fonoaudiologia*. Brasília, Ano VIII, n. 30, Jul/Agosto/Set. 2006, p. 5-8.
43. DRUCKER, P. **O melhor de Peter Drucker: A Sociedade**. Tradução de Edite Sciulli. São Paulo: Nobel, 2001
44. BOCHNIACK, R. **Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade na escola**. São Paulo: Loyola, 1992.
45. LEWIS, D. R. **A prática do fonoaudiólogo em serviços de atenção primária à saúde em São Paulo: um estudo de representações sociais**. Tese apresentada à Faculdade de Saúde Pública para obtenção do título de Doutora. São Paulo: USP, 1996.
46. PONTUCHKA, N. (Org.) **Ousadia do diálogo**. São Paulo: Loyola, 1993.
47. WEIGERT, C. VILLANI, A & FREITAS, D. **A interdisciplinaridade e o trabalho coletivo: análise de um planejamento interdisciplinar**. In: *Ciência e Educação*, Vol. 11, N. 1, 2005, p. 145-164.
48. CUTOLO, L R A. **Estilo de pensamento em educação médica: um estudo do currículo de graduação em medicina da UFSC**. 2001. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
49. BERBERIAN, A P.; FERIGOTTI, A C M. & SERRATTO, M R F. **A Ética na formação: visão dos discentes dos cursos de graduação em Fonoaudiologia da cidade de Curitiba**. In: *Revista Distúrbios da Comunicação*. São Paulo, 14(1), p. 49-62. dez/2002.
50. DEGANI, S. M. M. **Fonoaudiologia e Administração: um olhar sobre a relação entre duas áreas de conhecimento**. Dissertação de Mestrado para obtenção do título de mestre em fonoaudiologia. São Paulo: PUC/SP, 2003.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE 1**  
**Roteiro para entrevista**

1. Como apareceu a idéia de ser fonoaudióloga?
2. O que você sonhava/esperava da profissão?
3. Como foi sua formação?
4. Por que escolheu a área que está atuando?
5. O que é ser fonoaudióloga pra você?
6. Como está sua realidade profissional?
7. Como está sua satisfação com essa realidade?
8. Como você compara sua realidade atual com a que você imaginou que seria?
9. Como estão seus planos para o futuro (profissional/pessoal)
10. Que conselhos você daria para quem está em processo de formação em fonoaudiologia?
11. O que você achou do processo? Da entrevista? Quer dar alguma sugestão?

**Informações Complementares**

Local:	Entrevista Nº
Data:	Hora:
Participante (codinome):	
Idade:	
Local de nascimento:	
Estado Civil:	
Número de filhos:	
Local de graduação superior:	
Tempo de formação:	
Locais de trabalho:	
Carga horária de trabalho:	
Rotina de trabalho:	

## **APÊNDICE 2**

**Aprovação do Comitê de Ética da UFSC**



**APÊNDICE 3**  
**Carta para obtenção do Consentimento Livre e Esclarecido**

**Caro (a) Senhor (a)**

Eu, Luciana Ferreira Cardoso, aluna do Curso de Mestrado em Ciências Médicas, da Universidade Federal de Santa Catarina, CPF 803.091.949-20, RG 2.508.137, estou desenvolvendo um estudo cujo título é: “O processo de construção do ser fonoaudiólogo desde a escolha profissional até a realidade de trabalho: estudo de caso com fonoaudiólogas que atuam em Florianópolis”.

Este estudo tem como objetivo compreender a construção e a trajetória da escolha profissional do fonoaudiólogo e a forma com que ela contribui para a sua realização pessoal.

A pesquisa será do tipo qualitativa e para a coleta de dados, utilizarei entrevista semi-estruturada com gravação.

Venho por meio desta solicitar a sua participação neste estudo, comprometendo-me a : seguir os aspectos éticos garantindo-lhe a liberdade de retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo; manter sigilo quanto à identidade dos participantes, devendo os mesmos escolher um nome fictício; utilizar os dados coletados somente na pesquisa, de maneira sigilosa, sem nunca tornar possível a sua identificação e não publicar informações coletadas que não forem do seu consentimento.

Informo que o senhor (a) tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento, o meu telefone de contato é (48) 3334106 ou (48) 99114722.

---

Luciana Ferreira Cardoso

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu \_\_\_\_\_ fui  
suficientemente informado a respeito do estudo: “O processo de construção do ser  
fonoaudiólogo desde a escolha profissional até a realidade de trabalho: estudo de caso com  
fonoaudiólogas que atuam em Florianópolis”. Ficou claro para mim o propósito do estudo,  
os procedimentos a serem realizadas, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos  
permanentes e concordo em participar da pesquisa.

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura do colaborador

Endereço: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_

Fone: ( ) \_\_\_\_\_

## APÊNDICE 4

### Depoimentos relativos à opinião final em relação à participação na pesquisa

Eu gostei muito, acho que está muito bem estruturado. Não te daria sugestão, mas te daria boa sorte! Estou com pena de você na análise dos dados, eu adora pesquisa qualitativa, mas...é difícil. Mas vai te dar uma satisfação muito grande, teu trabalho vai ficar muito bonito, vou querer prestigiar com certeza, você tem muitos dados importantes, enquanto você me perguntava fiquei pensando como você vai analisar tudo isso! Como você vai separar o que é relevante? Acho pesquisa qualitativa linda, mas é sofrida! Boa sorte!

Se o objetivo é saber a satisfação do fonoaudiólogo no mercado eu acho que está bem colocado. Só quero ver como você vai organizar e tirar alguma coisa dessa falação toda, como vai escolher tanta coisa. Mas enfim é um baita trabalho, as perguntas bem significativas, essa questão de transportar pra imagem, isso é bem legal. Achei bem interessante, e não tenho nenhuma sugestão, está tudo bem colocado.

[...] as perguntas achei bem adequadas e acho o tema muito importante pra gente repensar a nossa trajetória. Quem somos, onde estamos e para onde vamos. Isso nós temos que aprender a refletir profundamente, enquanto indivíduos e enquanto profissionais. Isso vai fazer toda a diferença, a reflexão sobre a ação.

Eu gostei. Acho que foi um “revival” de coisas que há tempos eu não parava para pensar. Eu acho importante você estar fazendo esse tipo de pesquisa, você vai pegar os significados, até para re-significar o nosso fazer fonoaudiológico, nosso fazer-ser.

Você está de parabéns. Uma pesquisa qualitativa é difícil de fazer e é sempre muito rica. Para obter bons resultados é preciso ter afinidade, uma integração entre a entrevistadora e o entrevistado. E você conseguiu fazer isso com essa delicadeza dessa pedra. Adorei a esmeralda, o trabalho com as gravuras. [...] Gostei muito da entrevista, você conseguiu deixar em tom de diálogo. Está de parabéns!

Foi bom! Nunca pensei nisso, gostei da entrevista. Foi bom pra ver o que eu queria antes e o que conquistei. Tu não para pra pensar nisso! Por mais que eu tenha problemas, filhos, marido, [...] eu venho pro consultório e eu esqueço! É o único lugar que eu gosto de vim mesmo que eu não esteja bem, porque eu chego aqui e esqueço, fico bem, me transformo. Mas a gente não pensa nisso. E agora isso veio, com a entrevista.

[...] estou curiosa pra ver os resultados. Só não sei se tu ficaste satisfeita. Gostaria de saber o que quem está iniciando imagina para os futuros pessoais, profissionais, financeiros e éticos.

Foi muito legal, você me fez fazer umas reflexões que nem eu mesma sabia que ia fazer. Muito legal e sabe do que eu mais gostei, das figuras. Foi muito bom! [...] Essa coisa assim de pensar no que eu sonhei na vida da gente as coisas às vezes são feitas muito por impulso e é bom parar e pensar. Hoje eu acordei pensando em desmarcar meu psiquiatra, eu sabia que não ia precisar dele hoje. Resolvi um monte de coisa aqui, nessa conversa! Foi ótimo! Parabéns.

Gostei bastante da entrevista, da dinâmica da escolha das imagens. É muito interessante porque a gente coloca coisas que não estão no verbal, então percebo que o teu trabalho está bem estruturado. Você conduziu muita bem a entrevista, ficou tranqüila, deixou o entrevistado falar. Acredito que você tenha um bom volume de coisas pra selecionar, coisas muito ricas para a fonoaudiologia.

## **Um olhar sobre o passado**

### **Do desejo à escolha de ser fonoaudióloga**

Quando eu terminei o magistério a minha prima trabalhava artes com deficiente auditivo e teatro em uma escola voltada para deficientes auditivos. Ela me disse que eles estavam precisando de professores. Mas quando comecei a trabalhar não fiquei com deficientes auditivos, fiquei com os ouvintes. Escolhi essa profissão porque primeiro eu conheci, eu atendi. Eu era terapeuta. Fiz o prático primeiro. Depois escolhi fazer fonoaudiologia.

Eu me interessei, fui pesquisar, gostei, fiz o vestibular e passei.

Eu tenho uma tia que era fonoaudióloga no Rio de Janeiro e ela falava muito do trabalho, que gostava muito.

Eu tinha surdez na família, então era uma coisa muito presente na minha vida, a convivência com eles e eu tinha essa facilidade. Sempre tive essa questão de que eu queria ensinar mudo a falar. Desde pequenininha eu falava isso para a minha mãe. E na época de escolher o que queria fazer eu tinha bem claro que eu queria alguma coisa da área da saúde, mas eu não sabia exatamente o quê.

O que me chamou atenção foi a possibilidade de ajudar o outro, a relação terapeuta-paciente, essa questão do envolvimento, de duas pessoas estarem próximas, de você construir alguma coisa junta no dia-a-dia. Eu sempre gostei muito disso [...]. Essa relação, de duas pessoas construindo, eu podendo ajudar uma pessoa, proporcionar um crescimento em relação ao problema.

Acho que tem muito de você querer fazer algo por alguém. Ser diferente. A vida é isso, é uma troca, vou acrescentar alguma coisa, assim como as pessoas te acrescentam e te ajudam. É o histórico da fonoaudiologia mesmo, aquela coisa que começou muito mais voltada pra educação, para os pedagogos, aquela coisa do aluno, do professor. [...]. Eu vejo que é isso que eu esperava, acrescentar algo pra alguém e no acréscimo você ajuda. Acho que foi esse o desejo que me levou a fazer fonoaudiologia e me sinto satisfeita com o que estou fazendo. Eu gosto dessa relação com as pessoas, esse contato individual.

A minha profissão eu sempre enxerguei assim, eu deixando marcas na vida das pessoas, porque eu consegui fazer alguma coisa de produtivo pra aquelas pessoas. Então é isso que eu falo, é a possibilidade de você deixar uma marca em alguém, porque você contribuiu com essa pessoa.

Eu acho que a fonoaudiologia é como uma brincadeira de criança, sempre quis trabalhar com crianças. Gosto do brincar, da alegria, eu vejo a fonoaudiologia diferente de outras profissões que lidam com crianças, com saúde. Eu acho a nossa profissão muito lúdica, eu acho que existe essa possibilidade, o nosso dia-a-dia sendo umas coisas lúdicas, gostosas.

[...] o estar com crianças, eu tinha essa expectativa, de que na minha profissão eu trabalharia bastante com crianças. [...]. Como profissional eu iria conduzir a criança em um processo em que elas aprenderiam a falar melhor. Essa era uma das expectativas, mesmo dos deficientes auditivos, como a gente chamava na época, como conduzi-los para uma coisa melhor, eu acreditava nisso.

Uma das coisas que me fez buscar o meu sonho é minha relação com as crianças, tenho uma facilidade bastante grande de fazer a criança me ver e me ouvir. [...] é devagar e na fonoaudiologia tem determinadas áreas que a gente tem que ter paciência [...] e amor. Então eu acho que tu consegue chegar assim como a tartaruga, aonde tu quer na medida que tu tem paciência, conhecimento e amor, o trabalho com as crianças é assim.

Meu sonho era trabalhar com criança, não queria ver cálculo matemático na minha frente de jeito nenhum, meu interesse era trabalhar com criança. A criança foi o começo de tudo, e pra mim a criança é o futuro e foi através delas que hoje eu estou nessa profissão.

[...] meu sonho era poder trabalhar com o idoso também. E isso apareceu pela vinculação afetiva que eu tive com meus avós, tive um histórico muito legal com eles e tenho muita habilidade em lidar com idoso. Foi mais um dos sonhos que eu tive quando estava cursando fonoaudiologia.

E eu sempre gostei muito de cantar, e eu achei que tinha que ser uma coisa que eu conseguisse lidar com a voz, que eu pudesse levar essa coisa de cantar adiante! Resolvi tentar fonoaudiologia. Acho que foi intuitivo mesmo, e que tinha alguém que já fazia isso na família e ainda tinha essa ligação com a música. Eu vi um trabalho com voz cantada, uma entrevista com fonoaudióloga sobre o assunto.

[...]. Quando eu comecei fonoaudiologia eu acreditava nisso. Eu penso assim e se um dia eu parar de ver a minha profissão dessa forma então eu vou mudar de profissão, eu vou escolher fazer outra coisa. Eu sonhava e ainda sonho com muita coisa para a fonoaudiologia, dentro da minha profissão [...], por isso que eu não desisto de ser fonoaudióloga, mas sempre pensando que é através do estudo que vamos conquistar mais coisas !

Essa figura do cérebro me fascina até hoje, essa coisa do funcionamento, do organismo como um todo, menos no aspecto de doença, mas nos aspectos de saúde mesmo, de natureza do ser humano. Eu esperava lidar com essas coisas, estudar esse ser humano complexo. Além de querer lidar com um espaço de inserção social, de ter uma atividade que me colocasse em contato com pessoas, possibilidade de lidar com pessoas. Impulsionando-me para um futuro, futuros de ligação com outros espaços, com outras áreas.

Eu esperava muito, tanto que eu sempre vivi da minha profissão. A minha expectativa sempre foi alta e isso correspondeu porque eu sempre sobrevivi muito bem da minha profissão. No meu consultório trabalhei com clínica durante 25 anos. Pra você ter uma idéia nunca tive um cartão de visita. Mas recebia pacientes de todo lugar, com indicação de médicos de Curitiba, São Paulo, como até hoje é ainda, as pessoas me telefonam me procurando.

Em relação à atividade profissional, três entrevistados, Quartzosa Rosa, Ágata Laranja e Jaspe, afirmaram querer trabalhar na área de audiologia. Quando eu comecei a fazer o curso eu tinha uma visão bem voltada pro trabalho com a audiologia, com a deficiência auditiva, aos poucos eu fui descobrindo os outros caminhos da fonoaudiologia. Eu esperava trabalhar com áudio.

Meu sonho era poder trabalhar em audiologia, fazer uma boa avaliação audiológica, trabalhar a questão de orientação às famílias. Um trabalho de diagnóstico e esclarecimento em relação ao diagnóstico. [...]. Mostrar pra eles o que é uma audiometria e qual o impacto dela na sala de aula, o que a criança escuta, o que não escuta, como o aparelho de amplificação vai ajudar, como o professor deve se comportar, perante cada caso.

Então meu sonho inicialmente era trabalhar com audiologia, e depois mudei pra terapia e audiologia eu esqueci.

Eu sempre gostei muito da parte de fisiologia e do contato com o paciente, pra poder resolver alguma coisa da área da saúde mesmo, independente do que fosse e como eu sempre fui muito comunicativa e a fonoaudiologia trabalha com a área de comunicação, então eu pensei, vou poder associar as duas coisas, o lado da saúde e o lado da comunicação.

O que me chamou a atenção foi a idéia de trabalhar com comunicação, com linguagem, fala. Isso era o máximo que eu queria, e era o que eu sabia, que eu tinha lido no guia do vestibular. Não sabia exatamente do que se tratava, associação da audição com a fala e linguagem.

E o outro sonho era ser alguém que se dedicasse bastante à profissão, que estudasse e que fosse valorizada por isso, que fizesse, que fosse atrás, que buscasse, independente do que tivesse que fazer, mas que fizesse e soubesse fazer.

Eu esperava então trabalhar bem, ter uma vida razoável e realmente foi assim.[...] tinha consultório, que a gente conseguia alugar sozinha e pagar todas as despesas. Era um sonho real, uma perspectiva bem diferente.

Esperava me realizar já que havia começado dois cursos e desistido e também em ter independência financeira.

[...] eu esperava pelo menos conseguir me manter, poder manter uma família, uma casa, ter um carro, não ter tudo materialmente mas ter o mínimo para se ter uma boa vida.[...] Ser realizada profissionalmente já que foi a profissão que eu escolhi, que eu queria pra mim realmente, que é uma questão de ideologia. Mas também ter um lado do crescimento não só profissional, mas financeiro também.

## A formação acadêmica

Quando eu fui pra especialização, logo depois que me formei é que percebi que faltava muita informação, faltava na verdade a atualização. [...] naquela época tinha um quadro e uma preocupação que outros locais não tinham, a sensação que eu tinha é que, diante outros locais, nós tivemos uma base boa, apesar de ter que buscar coisas depois.

## A escolha da área de atuação

Foi questão de se identificar mesmo. No começo eu até trabalhei com muitas coisas. Eu gosto da prática da motricidade oral porque é algo muito preciso, se tem uma boa condição e uma equipe por trás te apoiando e te dando condições de trabalhar bem com aquele paciente e chegar na hora certa, você vê resultado. Ando numa fase

que eu quero resultados mais imediatos, apesar da minha ansiedade pessoal ter baixado, a minha profissional aumentou. Na motricidade, o resultado é mais visível e nesse momento da minha vida eu quero trabalhar mais com esse tipo de distúrbio.

## **Um olhar sobre o presente**

### Percepção sobre a situação profissional

Todos os depoimentos foram apresentados nos resultados.

### Percepção sobre o trabalho em equipe

Eu posso falar de dentro da universidade. [...] Sempre pensei interdisciplinarmente, sempre trabalhei com médicos e nunca tive problemas, dentro da universidade eu nunca senti problema e nem quando eu trabalhava fora também. Eu sempre tive uma relação excelente com os outros profissionais.

Acho que hoje existe um maior respeito, um maior conhecimento. Mas existe ainda aquela coisa chamada competição e chamada falta de humildade, falta de respeito. Que acontece a qualquer profissão, não se restringe a fonoaudiologia. E só vamos conquistar esse espaço quando nos posicionarmos perante esses profissionais, com conhecimento, competência e responsabilidade. [...] essa relação não depende só do outro, depende dos dois lados, é uma via de mão dupla. Isso tem que ser conquistado. A fonoaudiologia já conquistou muito em comparação com a minha época. [...] a fonoaudiologia como um todo, no país está bem conceituada e respeitada.

Não sei, mas acredito que o pediatra também é um profissional que tem muita dificuldade com a fonoaudiologia, tem dificuldade principalmente de encaminhar. Na verdade a gente vê dentro dessas áreas algumas pessoas, isoladas, que têm uma boa relação, que valorizam, encaminham, que tem um outro olhar sobre a função da fonoaudiologia, mas é muito, muito pouco dentro das possibilidades que ainda podem existir.

Dependendo da área existe uma resistência, mas eu também acredito que tenha um pouco de responsabilidade das fonoaudiólogas. [...] tem que ter uma flexibilidade, um outro olhar para que possamos trabalhar. Não é aquela coisa específica do terapeuta, existe uma outra maneira de ser fonoaudióloga que não é só terapeuticamente. E eu acho que às vezes as fonoaudiólogas não conseguem sair disso. E aí complica o trabalho interdisciplinar, precisamos mudar nossa postura, estar mais abertas e saber mais das outras áreas que queremos atuar. Há outras formas de atuação, não existe só uma forma de ser!



Às vezes a gente não tem uma representação social do campo de atuação do fonoaudiólogo. Hoje quando você fala que a sua profissão é fonoaudiólogo ninguém mais fica assustado e pergunta o que é. As pessoas conhecem a palavra, mas eles tendem a pensar que é só para mexer melhor com a boca e cuidar do ouvido. Não tem a dimensão de linguagem, de comunicação, de trabalho com a saúde. Fica muito restrito e eles consideram muito o aspecto técnico. E aí isso passa também pelos outros profissionais de áreas afins, tanto da saúde quanto da educação. Temos que nos mostrar mais, nos posicionar. Mas já melhorou bastante.

É mais bonito na teoria do que na prática, eu já tive local de trabalho que era muito produtivo e funcionava, mas na maioria dos locais não funcionavam bem, apesar de ter outras áreas e dos pacientes serem comuns, não funcionava [...] ou não encaminhava pra gente porque não valorizava, ou achavam de repente que nosso trabalho não era tão importante. E isso acontece até hoje, dentro de um hospital! [...] isso é muito revoltante e muito frustrante ! Isso aconteceu em vários momentos da minha vida profissional, bater na porta, mostrar, olha estou aqui! Já levei muita porta na cara! Em outros serviços, em outros locais, em áreas específicas, que eu tentei e consegui abrir, conversar, trocar figurinhas , visando realmente o bom desenvolvimento do sujeitinho que está passando com a gente.. Então eu poderia descrever vários momentos bons e ruins com os colegas de áreas afins.

## Possibilidades e limites da profissão

Agora eu estou bem satisfeita, não tenho a intenção de me mudar e buscar novos espaços.

A minha satisfação vem muita da minha história cultural, familiar também, meu pai sempre trabalhou como profissional liberal, é advogado. Então, eu sempre acompanhei isso, e pra mim é normal aquilo que a gente tem que batalhar, no nosso dia-a-dia, nada vem fácil, nosso país não tem uma situação econômica estável, é batalhado e às vezes cansa, às vezes desanima e tem épocas que desanima mais, épocas que desanima menos. Mas eu estou satisfeita com a minha realidade, estou satisfeita sim!

[...] eu sou satisfeita dentro da minha profissão. Eu estou voltando pra clínica, estou começando novamente a atender paciente, e isso está me dando um prazer imenso, por mais difícil que seja, porque a gente sabe que clínica não segura ninguém. Eu estou reencontrando outros prazeres dentro da profissão. Eu sou uma pessoa satisfeita com a minha profissão, eu não posso dizer que sou insatisfeita não.

[...] o começo de uma profissão é a integração desses profissionais. O que está faltando primeiro é arrumar a nossa casa, nos integrarmos enquanto entidade de

classe, os outros profissionais que trabalham conosco gostam muito de nós. Teve esse problema do ato médico, mas isso é pequeno perto da nossa própria desunião.

E acredito que temos mais espaços a conquistar! [...] apesar da desunião da classe tivemos muitas conquistas ao longo dos anos, muitos trabalhos, a parte científica se solidificou, muita coisa boa, o teórico específico cresceu muito e acabamos contribuindo com outras áreas, complementando outras áreas. É uma troca, é só ver na saúde pública, quanta coisa nova tem aparecido, quanto trabalho metodologicamente bem construído.!

É gostoso demais fazer uma coisa que a gente gosta, que muitas vezes é frustrante por causa do financeiro. Já sabia que financeiramente eu não teria grandes benefícios, desde o início. Mas eu prefiro fazer o que gosto a qualquer outra coisa, o tempo passa muito rápido quando atuo como fonoaudióloga.

[...] devíamos valorizar a parte financeira, e não só o reconhecimento, respeito por parte do paciente. Isso parece que não é claro para as fonoaudiólogas, parece que tem medo de cobrar e saem dizendo que as pessoas não valorizam financeiramente. Dizem que ganham pouco, que não vale a pena. Não pode tem que cobrar sim! Tem que se valorizar! E o que você faz é sério, não é brincadeira! Tem que passar por aí, o valor como o respeito e o valor financeiro.

Mas acredito também que muita das coisas que acontecem com as fonoaudiólogas é responsabilidade das fonoaudiólogas. Uma psicoterapeuta se você não vai à sessão ela vai te cobrar. As fonoaudiólogas ainda têm dificuldade de cobrar uma sessão em que o paciente não compareceu, nós estamos lá disponíveis, o horário é dele! Então a gente não consegue ainda se dar o devido valor e existe mercado. Se a pessoa não pode pagar o preço estipulado você pode negociar, o foco não tem que ser o ganho, mas temos que nos valorizar mais. Ainda transitamos mal por essa área, porque a gente tem que cuidar das pessoas e confunde um pouquinho e acaba diminuindo o profissionalismo na hora de cobrar, fica com peninha!

Uma coisa é a valorização profissional, as pessoas te respeitarem, sabem que a gente estuda, que batalha pela profissão e outra coisa é dar conta de sobreviver com o salário, pagar as contas mesmo, isso é muito difícil. Estou falando das coisas básicas, e isso estressa muito, é sofrido para o fonoaudiólogo. Temos que nos valorizar, saber quanto vale um exame, uma orientação e cobrar por isso. Mas por mais que a situação financeira me incomode não sei se conseguiria ser outra coisa!

[...] a gente sempre tem a ilusão de que vai ter um monte de paciente pra atender e hoje a gente vê que principalmente atender em consultório é uma coisa bastante difícil. Por eu ter passado por vários consultórios, várias realidades diferentes, hoje isso é uma coisa que eu não tenho mais ilusão, não me iludo e pra quem eu puder opinar eu vou dizer: não abra consultório. Pra quem vier me perguntar eu falo não

abre porque não vale a pena, vai ficar meses só tendo despesas e o retorno é muito baixo.

### **Um olhar sobre o futuro**

Entre as expectativas do passado e as expectativas para o futuro

Como os meus sonhos eram muito limitados, hoje sou uma pessoa super realizada na minha profissão, com o que eu fiz e com o que as fonoaudiólogas estão fazendo. As minhas expectativas foram superadas, [...]. Eu sou uma pessoa muito satisfeita com a minha profissão e com a comunidade fonoaudiológica. Eu sou uma pessoa orgulhosa da minha profissão, eu sempre fui e hoje sou mais ainda. Quando eu falo que sou fonoaudióloga eu encho a boca. E agora as pessoas já sabem o que é isso, não preciso nem explicar, eu me sinto o máximo!

A audiologia foi meu primeiro sonho com a fonoaudiologia, eu procurava umas coisas objetivas, que eu achei na voz mais recentemente. Mas também procurava uma coisa que funcionasse como uma engrenagem, e a terapêutica me proporcionou isso, através da reorganização. Trabalho e adoro, e vejo que o meu sonho inicial eu consegui alcançar na reorganização. [...] conquistei o que queria.

[...] está coerente, ela está dentro daquilo que eu imaginei. Eu não imaginei que fosse ser um percurso fácil, [...] imaginei que fosse ser um percurso de descobertas, batalhas, de desenganos, sofrimento. Não é muito diferente do que eu vivo hoje, com o que eu imaginei, sonhei no começo de tudo. Aliás eu tenho a dizer que eu só cresci nesses onze anos, só cresci.

Acho que quando a gente está no início da escolha de uma profissão, a gente idealiza tudo muito lindo e maravilhoso, que nós vamos conseguir dar conta de tudo; e às vezes a realidade é mais dura. Eu acho que às vezes se torna meio frustrante, a gente vê que tem limitações. De material, de espaço físico, de locomoção de paciente. E limitações da gente mesmo ou tem casos que a gente quebra a cabeça e não tem como ajudar, a realidade é outra.

É diferente. Eu não pensei em sair do consultório, eu gostava muito de atuar no consultório. Não pensei em atuar com docência quando eu comecei. Quando me formei tinha em mente que eu queria viajar, estudar fora. A docência veio como um trampolim para isso, e depois acabei gostando, atuar em estágio e estar com os alunos, mas não gostava do trabalho em sala de aula. E agora é uma coisa que eu gosto bastante. Então eu vejo que mudei muito, cresci realmente. Já a realidade de fonoaudiologia não se desenvolveu no ritmo das minhas expectativas. O campo se ampliou muito em relação às expectativas que eu tinha, mas ela não se firmou como uma área de intervenção e com representação social, como falei antes, como eu supunha naquela época. Hoje viver como fonoaudiólogo é muito difícil. Eu cresci em outras direções, por outros caminhos que eu não imaginava quando fiz a opção por fonoaudiologia. E ainda estou crescendo.

## Percepção do que é Ser fonoaudióloga

Todos os depoimentos foram apresentados nos resultados.

## Expectativas em relação ao futuro profissional

Eu penso em fazer doutorado, não tenho muito certo ainda quando. Mas penso até pela coisa de gostar de pesquisa, gostar de estudar. Até a coisa do programa, quero fazer em um lugar que eu vá gostar das disciplinas, que eu possa aprender mais, que vá me acrescentar na minha formação profissional, no meu currículo. Não quero fazer qualquer programa só pra ter o título.

Quero tentar montar algum curso de aprimoramento, dar aulas, montar um curso de aprimoramento em que os alunos pudessem atender. Alguma coisa assim nesse sentido. Não dentro da faculdade, fora para os alunos terem experiência profissional mesmo. Gosto de aproximação, de falar dos casos e o que eu percebo dentro da docência é isso que eu gosto mais. Também porque quem procura é quem está interessado mesmo, não por obrigação de fazer como é na graduação.

Tenho uma empresa agora, como toda profissão a fonoaudiologia tem seus percalços que me incomodam e quero mudar. A questão da valorização da profissão que também me incomoda, quando os profissionais não compartilham dos mesmos ideais que eu. Vamos lutar. A questão da empresa que é uma coisa totalmente minha, em sociedade, mas vou atrás pra fazer dar certo. Quero crescer mais ainda na área que eu gosto.

Pretendo continuar na docência e se for possível trabalhar em um curso de fonoaudiologia, é uma coisa que eu gostaria muito, gosto da idéia de repassar coisas do meu campo para alguém que vá atuar na mesma área, além de repassar a minha experiência de atuação também. Isso é muito bom, me sinto muito bem fazendo isso! E na área que estou agora isso não é possível.

Depois de me aposentar, daqui a mais ou menos dois anos, gostaria de continuar trabalhando com audiologia também. Uma coisa mais leve, mais devagar, mas na área de audiologia. Fazer todas as avaliações audiológicas possíveis.

## Conselhos para futuros profissionais da área

Se especializar em alguma coisa, conseguir estágios durante a formação. E antes de abrir consultório de fonoaudiologia, primeira coisa é ter certeza, estar seguro do que você está fazendo. E pra isso tem que observar muito, perguntar, estudar, e ter consciência que não se sai da faculdade com isso tudo pronto. Tem que ir atrás do que vai querer fazer e estudar muito isso! Tem que saber o que vai fazer e isso é bom pro profissional e pro paciente. E como categoria, como classe também valoriza, a fonoaudiologia mostra que sabe fazer, que dá resultado. Muito estágio e se especializar em uma área, e que o curso de especialização tenha muita prática.

Então hoje eu diria pra não se acomodar, tentar fazer um diferencial, mostrar que tem alguém que faz algo diferente. Principalmente assim, se está se formando aqui em Santa Catarina, vai buscar coisas em São Paulo, vai aproveitar que é novo, vai fazer um mestrado fora, uma especialização, ou no mínimo vai fazer um aprimoramento.

Diria pra estudar o máximo que puder, estudar cada caso e não montar um caderninho com receitas prontas. E que logo procurassem uma especialização, logo que eu digo é depois de uns dois anos de formada. Acredito que a gente tenha que ter um pouco de prática, até pra poder escolher bem a especialização que quer fazer. Dois anos, no máximo três porque se deixar correr acaba não fazendo mais, ou o atendimento vira aquela estória do livrinho de receita.

Fazer uma especialização. Mas antes disso que procurasse conhecer melhor todos os campos de intervenção e todas as possibilidades terapêuticas antes de escolher uma área específica para trabalhar. A gente não vem com um carimbo. Procurar saber o que está acontecendo no mercado, como agora a atuação do fonoaudiólogo no SUS, é muito interessante. Mas devemos conhecer essas áreas primeiras e depois escolher em qual área devemos fazer a especialização. É um campo tão rico e se você não experimenta você só imagina.

Diria para se especializar, na verdade eu penso que a especialização se justifica se você fizer na sua área de atuação, para melhorar a prática clínica. Caso contrário mestrado direto. Abrir seus horizontes, construir conhecimentos e fazer de preferência em centros de referência. Se tiver chance de sair, vai e faz o que tiver que ser feito, vai voltar bem reconhecido. Se puder fazer fora do país então nem se fala, conhecer outras pessoas, outra cultura, isso te acrescenta muito como profissional e o torna uma pessoa melhor.

Estudar sempre. E pra quem está saindo eu diria que a gente tem que perseverar. Elas acham que vai ser fácil, que vai ser tranquilo, que vão ganhar dinheiro. E isso não acontece de imediato. Tem muitos profissionais que ganharam e ganham dinheiro com a fonoaudiologia, mas que construíram um caminho, fizeram um nome, que cresceram aos poucos. Não é da noite pro dia e não é tendo um consultório maravilhoso, porque as pessoas fazem um investimento super alto e depois não têm aquele retorno. Temos que criar e mostrar o nosso diferencial, cada

um pensar qual é o seu diferencial. É descobrir o que você tem o dom de fazer bem e qual o diferencial que eu posso criar em cima disso.

Só façam se realmente gostar dessa área, não pensem em status e retorno financeiros imediato, pense se está realmente a fim de trabalhar com pessoas que têm problemas. Caso contrário não vale a pena, se for esperar pelo status e pelo financeiro aí se frustra mesmo. Financeiro que eu digo é com relação a muito dinheiro, porque salário a gente tem, só não é um valor que se sobreviva bem só com ele.

Então a primeira coisa é saber se quer fazer fonoaudiologia mesmo. E a partir daí, devido a grande diversificação que nós temos hoje, é trabalhar pra descobrir que área quer atuar. Se conseguir fazer isso, lembrar também da importância de estar sempre se reciclando. As coisas estão mudando, e muito rápido, em todas as profissões, as pesquisas estão fazendo com que isso seja mais rápido ainda, a globalização, a informação chega rápido. Essa pessoa tem que saber o que quer, porque o mercado de trabalho está muito competitivo.

[...] acho que nas atuais circunstâncias do mercado de trabalho, se tem que aceitar o que aparecer. Mas, então, sugiro que não se feche e mantenha viva a curiosidade e a perspectiva de amplitude que cabe ao campo. E boa sorte, muito boa sorte!

Respeitar e escutar os mais velhos, quem está a mais tempo atuando nessa profissão.

Diria também para procurar sempre estar próximo de profissionais já formados, conversando, trocando com eles e perseverar na profissão. Leva tempo, e cada vez tem mais gente no mundo, e então qualquer coisa que nós formos fazer sempre vai ter muita gente. Respeitar esses profissionais mais velhos que podem te ajudar.

Outro conselho é seja humilde, todo profissional tem que ser humilde, ele tem que saber sempre, que não sabe tudo e que sempre tem alguém que pode ensiná-lo. [...] é fundamental pra qualquer profissional que está saindo da universidade, principalmente na área da saúde, é ser humilde. As pessoas que atendemos estão geralmente muito fragilizadas e ainda temos que pensar na atuação em conjunto com outros profissionais, e se você não for humilde esse casamento não dará certo, e tem que dar certo pelo bem do paciente.

Hoje o meu conselho seria assim, entrar em uma clínica, não montar consultório, uma clínica com outros profissionais.

51. GOLDENBERG, M. **Um olhar sobre a Fonoaudiologia no Brasil.** In: Revista Fonoaudiologia Brasil do Conselho Federal de Fonoaudiologia. Brasília/DF, Ano 1, nº 1, p. 04-09, dez/1998.
52. FREIRE, R. M.; FERREIRA, L. P. **Quem é esse Profissional, o Fonoaudiólogo?** In: Revista Distúrbios da Comunicação. São Paulo, 7(1), p. 45-53, dez/1994.
53. GOULART, B. N. G. **A Fonoaudiologia e suas inserções no Sistema Único de Saúde: análise prospectiva.** Revista Fonoaudiologia Brasil do Conselho Federal de Fonoaudiologia. Brasília/DF, Vol. 2, nº 4, p. 29-34, dez/2003.
54. ANDRADE, C. R. F. **Fonoaudiologia preventiva: discursos científico-pedagógicos, modelo teórico e vocabulário técnico-científico.** Tese de Doutorado. FFLCH/USP, 1994.
55. KYRILLOS, L. R. (Org). **Expressividade: da teoria à prática.** Rio de Janeiro: Revinter, 2005.
56. BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação.** São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986.
57. BERLO, D. K. **O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
58. BEHLAU, M. S. & PONTES, P. **Higiene Vocal – cuidando da voz** 2 ed. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.
59. KYRILLOS, L. COTES, C. & FEIJÓ, D. **Voz e corpo na TV: a fonoaudiologia a serviço da comunicação.** São Paulo: Globo, 2003.
60. HARMAM, W. & HORMANN, J. **O trabalho criativo: o papel constitutivo dos negócios numa sociedade em transformação.** São Paulo: Cultrix, 1997.
61. CARRASCO, M. C. O. **Fonoaudiologia Empresarial: perspectivas de consultoria, assessoria e treinamento.** São Paulo: Lovise, 2001.
62. BARBEIRO, H. Prefácio. In: **Expressividade: da teoria à prática.** Rio de Janeiro: Revinter, 2005.
63. SARDÁ, L. J. **A comunicação como estratégia de humanização das organizações.** Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção (Gestão do conhecimento) , Centro Tecnológico da Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.